

Diário de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.
Telefone: 1:470 O.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES { Direcção: O. 3:195
Redacção: O. 3:194

Endereço telegrafico: DIBOA

UM SABIO

OS industriais de pescarias, dissemos hoje ao sr. ministro da Marinha, mostram-se alarmados pelo facto de terem sido incluídas na divisão colonial três canhoneiras das que se empregavam na fiscalização da pesca.

O sr. comandante Pereira da Silva respondeu-nos:

—Não ha motivo para receios e muito menos para sobressaltos. Se não veja: no Algarve, ficam a *Quanza* e o *Lidador*; no norte, encontra-se a *Mandovy* e no centro fazem serviço a *Limpopo* e o vapor *Raut Cascais*, que já foi requisitado à direcção dos caminhos de ferro do Sul e Sueste. Em breve estará pronto o *Patrão Lopes* e em Dezembro uma das novas canhoneiras. Ha ainda duas traineiras: uma actualmente no Algarve e outra em Lisboa, o que prefaz nove navios para o serviço de fiscalização da pesca, numero que até hoje ainda não tinha sido atingido.

Em caso de necessidade urgente, ainda se poderá empregar algum dos «destroyers», mesmo um cruzador ou o aviso «5 de Outubro».

Podem, portanto, os pescadores portugueses ficar descansados, porque a inclusão das três canhoneiras na divisão colonial ficará assim largamente compensada.

A FIM de dar cumprimento ao contracto que o governo do sr. Alvaro de Castro negociou com a casa Baring Brothers & Co., de Londres, saiu hoje, a bordo do *Avon*, para Inglaterra, uma nova remessa de prata: a terceira.

Nada menos de 600 caixotes, pesando cinquenta quilos cada um, que foram transportados até ao Arsenal em cinco camions do exercito, seguindo depois num rebocador para bordo daquele navio.

O embarque fez-se sem o mais pequeno inconveniente. Apenas um cão pertencente à Casa da Moeda protestou energicamente—ladrando com desespero, na ocasião em que se fazia o embarque da prata. Não deixa de ser um cão simbolico. Em vez de ladrar em Londres, ladra em Lisboa.

O SR. dr. Afonso Costa, desde que veraneia, na sua casa da Serra da Estrela, já visitou Ceia, a sua terra natal, algumas vezes, posto que com pouca demora.

Segundo o *Comercio do Porto*, numa das suas visitas, dirigiu-se à igreja matriz, onde foi apresentado ao rev. prior que ensinava a catequese a perto de cem crianças.

O autor da lei de Separação teve ocasião de ver, por seus proprios olhos, que a religião... ainda não acabou.

EM Gratz inaugurou-se o congresso internacional contra o trafico das brancas.

O delegado alemão informou que, desde outubro de 1919 até junho de 1920, desapareceram do seu país 3:700 mulheres, sem deixar rasto.

Onde se encontrarão?

Possivelmente nas grandes capitais cosmopolitas a ensinar a sua lingua... aos aliados.

TEM curso legal, nos dias 6, 7 e 8 de Setembro, os selos comemorativos da viagem aerea do Atlantico, que se encontram à venda em todas as estações telegrafo-postais.

As coleções existentes na Casa da Moeda foram já entregues à Aviação Maritima, que tratará de as vender pelo mais alto preço, de acordo com a Administração Geral dos Correios.

Na viagem de estudo aos Açores, tivemos o feliz ensejo de conhecer o sr. dr. Leite de Vasconcelos, professor illustre da Faculdade de Letras, director do Museu Etnologico, antigo poeta e alma sempre suspensa no deslumbramento das coisas belas, historiador, folk-lorista, glotologo e romancista.

Era-nos quasi desconhecido, pois nem mesmo o sabiamos distinguir, entre a gente que passa na rua.

Foi já a bordo do *Lima* que no-lo indicaram, quando ele, de pé sobre o convéz, encarava vagamente a turba que se apinhava no cais.

Na cabeça, chapéu preto, de aba eliptica e larga, copa alta, em forma de cone truncado; *cache-col* de lã, côr de café, uma das pontas atiradas para traz com negligencia; sobretudo preto, severo, que lhe descia até quasi aos tornozelos; para-aguas, firmado no chão, a que apoiava as duas mãos magras e palidas, veiadadas em arabescos azulados...

No seu rosto—perfil cortante, barba descurada e branca, terminando em ponta, olhos dormidos, mas com seus clarões de malicia e boca inviolada de quem namora a Verdade—prontamente se adivinhavam as noites de estudo, as meditações austeras que cavam rugas e ensombram a fronte.

Trocamos as primeiras palavras à mesa do almoço: o sr. dr. Leite de Vasconcelos sentia-se com um apetite desperto, robusto, e afirmava haver comprado por 20\$00 umas pilulas que combatiam o enjôo.

E mostrava um sorriso claro e bom, antevendo a delicia pagã de gosar o mar das ilhas, todo em rendas, em caprichos de luz e côr, povoado de ondinas e miragens aquaticas que lhe disperstavam estancias dos *Luziadas*, palpitando na graça imperecível de Venus...

Os acontecimentos, porém, não foram propícios aos seus sonhos de sabio convertido em nauta: as pilulas não tiveram a eficacia que ele esperava e as suculentas refeições de bordo alguma vez lhe ficaram indiferentes.

Pagou o seu tributo à magestade do Oceano.

Quiz a sorte benigna que, em



Dr. Leite de Vasconcelos

Desenho de Armando Boaventura

Ponta Delgada, o sabio recebe se hospitalidade, sob o mesmo tecto amigo a que nos acolhemos.

Inolvidaveis esses quinze dias de fraterno convívio, durante os quais a filologia, a glotologia e a etnologia—três sciencias poderosas, mas tranquilas como um ananaz na sua estufa—assumiram na pessoa do sr. dr. Leite de Vasconcelos, o seu aspecto mais amavel e infantil.

Trindade Coelho, Armindo Monteiro, Armando Boaventura e Oldemiro Cesar, criaram-lhe uma atmosfera de carinhoso respeito, de mimosas atenções que ele—homem sem familia, fazendo da sua biblioteca o seu lar—apreciava com encantado reconhecimento.

Ria e folgava como um escolar, contava anedotas e, de vez em quando, entregava-se a cuidados de *toilette* que lhe amaciavam as linhas e as feições.

Trindade Coelho, ironico, observava-lhe:

—Dr. Leite, não se deixe tentar pelos prazeres terrenos...

Ele respondia-lhe:

—«Não me enfeito para seduzir alguém, mas só para ficar bem, no meio das elegancias desta efemera estudantina».

A gente do povo acercava-se dele com familiaridade, atraída pelo seu desprendimento e pela sua encantadora maneira de interrogar.

Que rica colheita ele não arrancou à memoria dos rusticos—quadras de inspiração popular, locuções pitorescas, termos raros, significados regionais, adágios, anexins, lendas e fabulas, ricas de moralidades!

Encheu cadernos de apontamentos que veem enriquecer ainda mais o material vastissimo dos seus tesouros.

Numa povoação, chamada os Arrifes, encontrou ele a tradição a dormir, desde o seculo XVI.

Não falava noutra coisa, pois queria explorar todo o ouro dessa mina.

Ignoramos se o conseguiu, mas não hesitamos em afirmar que o sr. dr. Leite de Vasconcelos entreviu, nos Arrifes, um trecho-imaculado da alma dos primeiros emigrantes beirões da ilha de S. Miguel.

J. M.

O MUNICIPIO de Veneza—a Roma dos poetas, dos amantes e dos snobs, em busca das sensações... dos outros—delibrou acabar com as gondolas que reputa morosas e antiquadas, substituindo-as por gazo-linas.

Os venezianos que amam a sua cidade, nascida para o prestigio da lenda e do romance, protestaram.

O seu clamor ha de encontrar eco em toda a parte, visto Veneza ser um pouco de toda a gente.

Se ela é um tesouro do passado—uma maravilha concebida genialmente por gerações que viram a Belesa mais proxima que a Lua—é justo que a não maculem.

As gondolas fazem parte da sua poesia, do seu encanto—porque não dizê-lo?—do seu misticismo.

Suprimi-las seria o mesmo que transformar o prodigioso monologo de Hamlet em conferencia burguesa sobre o *ser ou não ser*.

A ESPANHA continua a lutar em Marrocos, no meio das maiores dificuldades. Os mouros não dão quartel às suas tropas, se bem que estas se batam com bravura.

Acabam de ser chamados às fileiras 40.000 recrutas.

Quando Primo de Rivera pensava em evacuar Marrocos, conservando simplesmente certas posições importantes, os mouros desencadeiam uma ofensiva difficil de travar.

Abd-El-Krim, como politico experiente, resolveu aproveitar-se do descontentamento que a attitude do Directorio causou no exercito de Africa.

Atacou com denodo, aproveitando a oportunidade do momento.

Apesar de tudo, nós crêmos que a Espanha acabará por dominar a situação, embora à custa de grandes sacrificios.

O SR. Rodrigues Gaspar é um homem que gosta de andar vagaroso, quando os outros se apressam.

Ainda mais — não perde a cabeça com facilidade, sorrindo ironicamente para as tempestades em que tantos se afundam.

Desde que formou governo, os boatos da sua queda iminente correm em bando.

Demite-se hoje? cai amanhã?

Resistiu à barafunda parlamentar das ultimas sessões.

Agora, em plenas ferias, não o deixam em paz.

O sr. Rodrigues Gaspar limita-se a dizer: —«Os meus adversarios querem a força tornar-me eterno.»

INFORMAM-NOS do ministerio da Marinha que não foi aberta qualquer excepção nos convites dirigidos à imprensa, para se fazer representar nos exercicios de bombardeamento aereo que ha dias se realizaram fóra da barra.

JULGAMOS saber que o comandante Sacadura Cabral pensa em realizar, no proximo ano, de acordo com a Aviação Espanhola, as primeiras experiencias de uma ligação aerea efectiva entre Lisboa e Madrid.

CHEGOU ontem, no «rapido» da tarde, vindo de Barcelona e Madrid, o nosso querido amigo e distinto sportsman sr. Frederico Duff Burnay.

Chá das cinco

A alma quente de Lisboa

Lisboa—afirma quasi toda a gente—é insuportável de verão. Percorrendo-a de alto a baixo, permito-me discordar desse logar comum. Lisboa, afinal, com a viração consoladora do mar e com o vento das Avenidas Novas, um vento que dá notícias frescas das brumas evocadoras de Cintra, ainda é onde se passa melhor o verão. Como Coimbra é admirável sem estudantes—Lisboa é um verdadeiro amor sem políticos. Lisboa de verão fica reduzida ao que é estruturalmente seu: aos seus tipos populares, aos pregões das varinas, aos gritos nostálgicos das sirenes dos vapores, às caixinhas, aos literatos de café, às revistas, aos galegos de esquina... O resto, o que é civilização fingida, o que é parisiense, desaparece, vai dançar o tango para os casinos das praias—e curar supostas e aristocráticas doenças de fígado na solidão arborizada das termas.

Lisboa, de verão, perde a sua vida, sem duvida, mas ganha, como nunca, a sua alma. E' por isso que eu me sinto bem em Lisboa de verão. Tem uma sinceridade emotiva que se harmoniza admiravelmente com a minha. Amamo-nos horas e horas—espiritualmente, como Romeu e Julieta. Sim, Lisboa perde a sua vida de verão—e ganha, como nunca, a sua alma. E' como pa cantiga popular que Byron traduziu,

«A vida acaba com a morte,
A alma fica a viver».

Alves Martins

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—Não ha espectáculo.
Nacional—A's 21,30—«A Severa».
S. Luis—A's 21,15—«Morgadilha de Valflor».
Trindade—Não ha espectáculo.
Avenida—Não ha espectáculo.
Apolo—A's 21,15—«O comboio n.º 6».
Eden—A's 21,45—«Sorte Grande».
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Réz-Véz».
Gil Vicente—Não ha espectáculo.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectáculo.
Circo da Felra—(Parque Eduardo VII)—A's 21,45 e 23—Companhia Cardinalli.
Salão Foz—A's 21—Variedades.

ANIMATOGRAPHOS

Politeama—A's 21—Animatographo.
Olympia—Rua dos Condes—«Matinée» e «soirée».
Cinema Condes—Avenida da Liberdade.
Salão Central—Praça do Restauradores.
Chiado-Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Cine-Paris—Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora—Largo do Calvario.
Eden Cinema—Rua do Alentejo.
Salão-Rocio—Rua do Arco do Bandeira.

Vinhos espumosos de Lamego

Tendo chegado ao nosso conhecimento pela imprensa de Lisboa, que appareceu á venda, nessa cidade, um vinho gazificado, como sendo «Espumante de Lamego», vimos esclarecer o publico de que, em Lamego, não ha mais firma alguma que, além da nossa, se ocupe do preparo de vinhos espumosos, sendo, pois, obra de burla toda a garrafa que apparecer no mercado como procedente de Lamego, e sem ter nos rotulos a nossa firma, ou qualquer dos disticos «Sociedade Vinicola do Douro», ou «Caves da Raposeira».

Para absoluta segurança de que são das nossas «Caves» os vinhos que forem encontrados no mercado com o nome de Lamego, aconselhamos os Srs. Consumidores a examinar com attenção os nossos rotulos, especialmente a marca da rolha, para verificarem se se são portadores dos nomes acima inscriptos.

E' oportuno aproveitarmos este ensejo para, mais uma vez, declararmos ao respeitavel publico, que continuamos e continuaremos a manter para a preparação destes vinhos o processo classico da «Champagne», isto é, isenção absoluta do gaz artificial.

Lamego, 1 de Setembro de 1924.

Valle, Filho & Genros, L.da

A's Senhoras

Capsulas para tratamentos varios, asma, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13. 1.º Esquerdo.

ILHAS ENCANTADAS

OS AÇORES

são as terras
mais portuguesas
de Portugal



Raposo de Oliveira

S. Miguel resultariam dessa propaganda, do grupo que me ouvia, constituído por individuos marcantes na classe dos que intelligentemente trabalham e produzem riqueza, uma voz se ergueu e d'este modo me observou:

—Você engana-se. Gostámos todos de receber a visita, e tambem de saber que os continentais partem encantados com o que viram. Mas a verdade é que não carecemos da industria do turismo, á qual essa propaganda melhor serviria. Bastamo-nos a nós mesmos, e a terra que trabalhamos dá-nos o preciso para vivermos relativamente felizes e absolutamente tranquilos. Deixem-nos viver assim...

Isto é sintomatico. Isto claramente demonstra que a ilha de S. Miguel não carece de favores, mesmo de irmãos, todavia a todos os portugueses como irmãos recebendo, pois que — deixem-me afirmá-lo mais uma vez — os Açores são as terras mais portuguesas de todas as terras de Portugal!

Sobre tal afirmativa não vão os leitores erguer o pedestal daquela vaga estatua da Separação. Não. Os Açores não pensam em separar-se: anseiam por dignificar-se. E a sua dignificação, moral e material, consiste apenas em não dar á Metropole a parte maior do producto do seu labor, sem receber, em troca, aquilo de que carecem para suprir as suas mais estreitas necessidades. Por isto mesmo é que aancia duma autonomia ampla não é, nem podia ser, o esboço dum passo para o separatismo, que as ilhas não pretendem, nem querem.

Evidentemente, eu não dou o meu aplauso ás afirmações produzidas no grupo dentro do qual falava, no Ateneu micaelense. Sinto e desejo a necessidade de fazer convergir para os Açores uma grande corrente de turismo, de creaturas que por esse mundo fóra tenham de ser os pregoeiros das maravilhas insulares. E' que eu, açoreano, nascido em S. Miguel, por varias vezes tenho afirmado a amigos meus que, se milionario fosse, embora com a moeda desvalorizada, a S. Miguel os levaria, para em seus olhos de espanto ler o deslumbramento!

Mas certo é tambem que, não sendo o egoismo uma palavra vã, egoisticamente quereria que aquelas terras de raro encanto, na sua religiosidade cristã, tivessem um Papa que as decretasse interditas a todos os olhos profanos!

Pelo menos todos os portugueses, que têm capacidade financeira para viajar por prazer, devem ir aos Açores, para verem Portugal na alma da sua beleza e na beleza da sua alma.

Vão aos Açores; vão á ilha edenica de S. Miguel, onde não ha muito rezei este terceto final dum soneto que por lá escrevi:

Terra do meu orgulho, e ultimo bem que espero!
Mãe de Bento de Goes, e mãe de Santo Antero...
—Beijo, a alma de rôjo, o teu ventre fecundo!

... E de rôjo beije aquela terra bemdita, como agora em espirito a estou beijando...

Raposo de Oliveira



Lactosic

O melhor alimento
para creanças, velhos e doentes

Experimentado e aconselhado pelas clinicas hospitalares.

Fabricado só com leite escolhido. E' o melhor e o mais barato dos alimentos lacteos.

A venda em todas as boas casas do genero e na

Sociedade Industrial de Chocolates

S. I. C.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SEculo, 140

Pelos teatros

Auzenda de Oliveira

Com o titulo «A genial Auzenda de Oliveira, falando...», publicou o diário «Galicia», de Vigo, a quincena da estada ali da comendadora Auzenda de Oliveira, a seguinte entrevista com a nossa gentil comendadora:

«Fomos surprehender a «encantadora» comica Auzenda de Oliveira no «ateneu» fotografico do poru arista Kado. A sinoptica e bela artista, que de o dia da sua estreia se acoderou das simpatias do nosso publico, pediu-nos que fagamos saber aos nossos leitores a sua infinita gratidão pelas suas demonstrações de affecto e de carinho de que tem gozado avo nesta cidade.

—Nunca esteve em Espinha? — perguntámos.

—Nunca e creia que vinha muito. dejeos de conhecer este povo tão fidalgo, tão generoso e conno ec. Caliza é bela e boa como o meu Portugal.

—Quando começou a sua carreira artistica?

—Quando ainda era criança.

—Tão cedo?

—Sim; toda a minha familia, pais e avós, foram artistas de teatro. Faltamente eu vinha de o ser tambem — disse-nos, com uma pequena garga haça, essa garga haça que «encanta» logo que se ouve pela primeira vez.

—Gosta do genero que cultiva?

—Muito. Mas prefiro a comedia. Eu de ejaia ser uma comedia de comedia.

—Não viu ou já em retirar-se do teatro?

—Nunca. Eu adoro a minha Arte sobre todas as coisas. E' certo que, por vezes, se sofrem muitos desgostos; mas tudo se dá por bem empregado em treca dos antos do rubico. Enão esquece-se tudo, tudo...

Nesta altura o fotografico fez sentir a sua naa numa mesa. A sua figurita feminina, gentil, tem a graciedade de uma lanagra. Enretanto, os seus olhos risonhos cercam-se na objectiva e todos os que se encontram no «ateneu» não podem deixar de exclamarem:

—E' muito lindo!...

Deolinda Sayal

A gentil actriz Deolinda Sayal—uma das mais distintas e graciosas cristas do nosso teatro ligeiro—acaba de ter uma ideia digna de coluca:

Tendo «entregado» nas mãos do illustre chefe do distrito a sua questão com o «empresario» sr. Oleto de Carvalho, resolveu distribuir a quantia de que é cercora de os nobres do «Diário de Lisboa» e do «Diário de Noticias».

Os nossos agradecemos a esta gentil «actrice», em nome das nossas promigas.

Laura Costa

O titulo definitivo do novo quadro que enunciará a revista «Revista» e a «Raspica» e a sua primeira apresentação destiná-se á festa critica da gentil «divette» Laura Costa. Este espectáculo, verdadeiramente senacional, effectuar-se-ha, terça-feira proxima, no teatro Maria Vitoria, co a sua da Parque, e apre-nta ainda mais atrativo, tenço um dia a reanacção do penular ce or Carlos Lica, que o publico muito estima e aprecia.

Na recita de homenagem a Laura Costa têm entacado os bilhetes com a data de 2 de agosto, e os que restem podem, desde já, ser adquiridos na bilheteria do Maria Vitoria, visto não haver passagem especial.

Atrás do reposteiro

Sem nenhuma especie de reclame, vem a proposito registar este facto curioso: a peça «A Severa», reprisada agora no Nacional, durante as suas duas ultimas representações, ontem e ante-ontem, tem «agotado» totalmente as lotações, afixando a respectiva lanterna vermelha. Apesar disso, a peça despede-se amanhã do publico para na quinta-feira se realizar a primeira representação da peça «O Espelho dos Maridos», para estreia da illustre pectisa Beatriz Delgado.

—Despede-se hoje do publico das Caldas da Rainha a Companhia Lucilla Simões-Erico Braga, que amanhã se estreia no Teatro Cine-Parque, na Figueira da Foz, com a peça «O Leque».

—No Eden-Teatro proseguem os ensaios da magica «O Bolo Rei», cuja montagem custará 130 contos e para a qual a empresa vai contratar uma nova artista que não tem no seu elenco.

—Dentro em breve deve subir á scena no Apolo a peça «Os Mineiros», que se seguirá ao drama «O Comocio n.º 6».

—A Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho vai realizar apenas dois espectaculos no Teatro de Espinho, logo que termine a sua temporada no Teatro Peninsular da Figueira da Foz.

—A Companhia Armando de Vasconcelos estreou outem, com grande successo, no Teatro Sá da Bandeira do Porto, a opereta «Os 28 dias de Clarinha».

—Vinda da sua casa de Póhioiro da Bmposta, com pouca demora, encontra-se em Lisboa com seu marido, Carlos Miller, a illustre actriz Cremilda de Oliveira.

—Antes do seu reaparecimento no Avenida, o actor Nascimento Fernandes projecta realizar, com alguns amigos, uma viagem de automovel a Espanha e França.

—A companhia que actualmente trabalha no S. Luis com Palmira Bastos á frente, fará a epoca de inverno no Teatro Aguiá de Ouro, sob a direcção de Oscar Ribeiro.

—Diz-se que actualmente a companhia que está trabalhando no Maria Vitoria, manter-se-ha neste teatro, durante o inverno, explorando o genero revista e opereta ligeira.

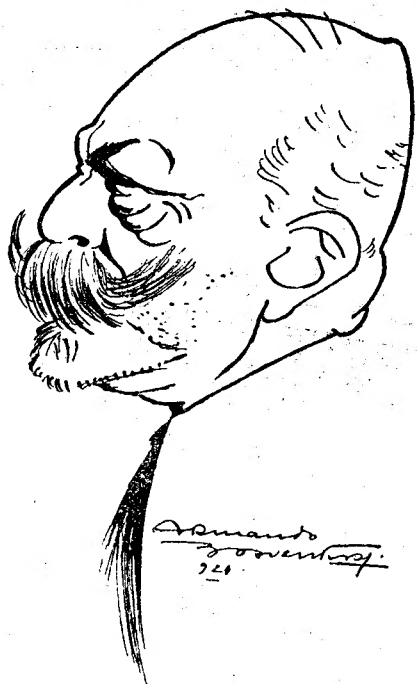
—A Companhia Velasco está de novo trabalhando no teatro lirico do Rio de Janeiro, depois de haver feito grande successo em Pernambuco e Bahia.

ASPECTOS MORAIS

A docura do caracter açoreano

VEM REVELAR-NOS

que as velhas virtudes portuguesas não estão extintas



Luiz de Magalhães

De todas as impressões que trouxe da nossa encantadora viagem ao arquipélago açoriano, — impressões da natureza, da vida social, dos costumes e caracter das populações, da cultura e gosto das classes dirigentes, do esforço economico expresso no labor agrícola ou fabril, — as mais fortes e as mais profundas, como repetidamente ali tive ensejo de afirmar, foram as da união íntima daquela sociedade, da harmonia em que ali vivem as classes num equilibrio estavel de interesses, e as do estado moral das massas populares.

Nunca, da boca dum homem das classes abastadas, ouvi uma referencia depreciativa á gente do povo. Nunca, a um homem do povo, ouvi, relativamente áquelas, uma expressão de malquerença ou inveja. Ricos, pobres, fidalgos, burgueses ou plebeus estimam-se e respeitam-se mutuamente. A um membro da Federação Operaria de Angra, a qual nos foi saudar na nossa passagem por aquela cidade, ouvi eu, ao confessar-lhe a minha admiração por este facto, pouco vulgar no Continente, esta bela resposta, que profundamente me comoveu por tudo quanto me traduziu da alma açoriana: «Se não fossemos assim, não eramos portugueses.»

O espirito de classe ainda não afectou ali o espirito de nacionalidade. Acima dos interesses

daquela põem-se os interesses da patria.

Inquiri do movimento criminal das comarcas: é, nas suas estatísticas e proporcionalmente á população, muitissimo inferior ao do Continente.

O respeito da propriedade, a escrupulosa discriminação do meu e do teu surpreendeu-me deveras. As *caféas* onde se recolhem as espigas do milho, como se usa nos espigueiros minhotos, bordam os caminhos publicos e ninguém as assalta. Na maioria das ilhas, a população rural concentra-se em vastos povoados, não se dissemina por casais dispersos. Os campos e as culturas estão, assim, solidarios e indefesos. Pois é como se estivessem vigilantemente guardados: ninguém toca nas searas ou nas vinhas. Em algumas ilhas, sobretudo na das Flores, as propriedades extremam-se por frageis e lindas sebes de hortensias.

O traço mais vivo deste respeito pelas coisas alheias foi-me fornecido na Terceira por este facto que ali me referiu uma pessoa grada e distinta da formosa ilha.

Uma senhora continental, sua parente, ao passear no campo, em quinta-feira de Ascensão, quiz, segundo o costume lisboeta, colher umas espigas de trigo para si e umas crianças que a acompanhavam. Como não pudessem transpôr o muro de vedação, pediu a um homem do povo,

com quem crusou, que lhas apanhasse.

A resposta do homem foi uma amavel lição... de direito:

—O' minha senhora, se as espigas fossem minhas, dava-lhe da melher vontade um braço de delas. Mas não me pertencem, e não posso, por isso, tocar-lhes.

Na ilha do Corvo, que deve ser o paraizo terrestre da moralidade, as portas das casas não se fecham. Aquelas sete ou oito centenas de entes humanos vivem tranquilos numa confiança reciproca. A cadeia, onde entrei, um cubiculo terreo da minúscula casa da camara,—não tem sentinela... nem portal! Apodreceu —e não se substituiu por desnecessaria. Habitam-na agora algumas galinhas, que saíram de lá á minha importuna entrada.

O Corvo é, realmente, o mais alto indice da moralidade açoreana. Ali, a lei vigente, e estritamente observada, não é o Código Civil nem o Código Penal: é ainda o decalogo mosaico. Ama-se Jesus, porque aquela gente, como todos os insulares, é profundamente piedosa. Amam-se os homens, entre si, porque não ha questões, nem brigas violentas, nem homicídios, nem furtos, e todos reciprocamente se auxiliam. Não se cubiçam as coisas alheias, nem se deseja a mulher do proximo. Ha 17 anos, disse-m'o o professor oficial e oficial do Registo Civil do Corvo, o sr. Pedro da Rocha,—não

ha ali um nascimento ilegítimo. Dantes, se qualquer rapariga caía em falta de amor, tonsuravam-na para sua vergonha. Hoje expulsam-na: tem de emigrar.

Em todo o Corvo, ha uma unica arma de fogo: a do guarda fiscal, que lá faz serviço. Um funcionario da fazenda referiu-me que, sendo lá secretario de finanças, teve de mandar a sua pistola para a ilha de Flores, porque ninguém o hospedava com tal objecto na mala.

Nesta paz, quasi sobrehumana, se vive naquele rochedo, extrema balisa do mundo europeu plantada na vastidão do Atlantico e patria dos mais doces, moralizados e felizes portugueses. «Não ha aqui ricos» —informaram-me —mas também não ha pobres». A terra e o mar abastecem essa gente laboriosa e socegada que, se desconhece a opulencia, desconhece também a miseria.

Ponderar-se-ha, talvez, que todas estas virtudes sejam fruto do que usa chamar-se-a «inocencia dos povos primitivos». Não é. Ali ha mais do que o *instinto* do bem: ha a *consciencia* dele. Porque, em toda essa gente, rarissimos são, hoje, os analfabetos e, como todos os outros açorianos, os corvinos estão em contacto com meios da maior civilização, pois a emigração do Corvo para a America do Norte é consideravel, relativamente á população. Mas os mesmos que dali voltam, com alguns milhares de *dollars* amealhados, apenas põem o pé no torrão natal, descalçam as botas, pegam na enxada e vão alegremente cavar as suas leiras.

A revelação deste Portugal tranquilo, pacifico, descuidado, vivendo na harmonia da fraternidade christã e com costumes de uma pureza quasi biblica, reconfortou profundamente o meu atribulado coração de português, dando-me a certeza de que a antiga docura do nosso caracter e as nossas velhas virtudes não estão de todo extintas e que não precisamos sair da nossa terra para encontrar um modelo de vida social, cheia de cordura, de harmonia e de beleza moral.

Luiz de Magalhães

Raposo d'Amaral, Severim & C.^{ta} Sucrs.

CASA BANCARIA

PONTA DELGADA, C. P., 19

AÇORES

CODIGOS USADOS

RIBEIRO e A B C, 5.^a edição

ENDEREÇO TELEGRAFICO

NIMARA—PONTA DELGADA

Correspondentes e agentes nas principais cidades do estrangeiro, continente, Madeira e Açores

OPERAÇÕES GERAIS DE COMERCIO BANCARIO

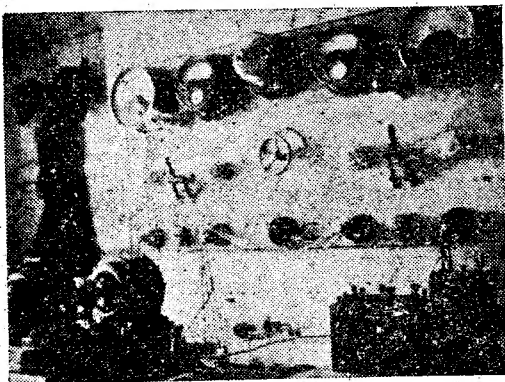
EMPRESA INDUSTRIAL, L.^{DA}

Director tecnico: Luiz Gomes

Séde: Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel---AÇORES

Agencia no Continente: Lisboa, Rua Alecrim, 33, 2.º andar

Fabrica de fiação. - Tecidos de linho, atalhados, lonas, sacaria, etc. - A unica nos Açores, recentemente



Central electrica

construida, excelentemente instalada com machanismos aperfeiçoados.

EIFFE & BIRGFELD

HAMBURG--Ballinhaus PONTA DELGADA--Praça da Republica, 2, 2.º

Agentes em Ponta Delgada do Verein Hamburger Assecuradeure.
Agentes em Hamburgo de Bensaude & C.ª, Sociedade Corretora, Lda., Ivens Ferraz Lda. (conservas), Sociedade de Conservas "Samara", - Lisboa, João de Ribeiro Mesquita Lda. - Porto (vinhos) e outras.
EXPORTAÇÃO: de todo e qualquer artigo de fabrico alemão.
Especialidades: instalações completas para fabricas e industrias.
Ultimamente fornecidas: todas as maquinas para as seguintes empresas importantes:

Fabrica de Sardinhas de Santos Amaral Lda. - Setubal.
Fabrica de Tabaco ANCORA - Angra do Heroísmo (Terceira).
Fabrica de cordas da Empresa Comercial de Maquinas e Electricidade - Lisboa.
Parte das maquinas para a Moagem Michaelense Lda. - Ponta Delgada.
Hiate de recreio MOONBEAM e outras.

Fornecedores de Casas Fortes--SYSTEMA BODE--Registada
O MAIS MODERNO E SEGURO
Instalações completas dos cofres fortes do BANCO DO MINHO - Lisboa
e BANCO PORTUGUEZ DO CONTINENTE E ILHAS - Lisboa

Importação: de todos os produtos de Portugal. Entre outros importados na Alemanha em 1923, mais de 35.000 caixas de sardinha e cerca de 200 pipas de vinho do Porto e Madeira.

CONSIGNATARIOS: de ananazes, etc., Marca EIBI

PETER ERNST EIFFE & Co.

CORRETORES DE NAVIOS

HAMBURGO

Agentes de Hamburgo da:

Companhia de Navegação Carregadores Açorianos.
Empresa Insulana de Navegação.
Veeward Line.

Compra e vendas de navios e embarcações

Fornecedores de carvão ao preço do dia

SECÇÃO DE SEGUROS MARITIMOS.

Secção de expedição, executando ao preço do dia qualquer ordem d'expedição de qualquer mercadoria na Alemanha, Belgica e Inglaterra desde a fabrica até cif porto portuguez.

Caixa de Credito Micaelense Limitada

FUNDADA EM 1907

LARGO DA MATRIZ

CAPITAL REALISADO 1.000.000\$80

Depositos á ordem e a prazo, contas correntes, saques sobre o país e o estrangeiro, descontos, transferencias e emprestimos por letras, compra de cambiaes e todas as demais operações bancarias.

Correspondentes em todas as localidades do país e ilhas e nas principais praças do estrangeiro

COGUMBREIRO & C.^A

Casa fundada em 1874

por José de Medeiros Cogumbreiro

Ponta Delgada—Ilha de San Miguel—Açores

Endereços { Telegrafico: Armazens—Ponta Delgada
Postal: Caixa Postal n.º 15—Ponta Delgada

Importadores e Exportadores

Comissões e Consignações

Correspondentes dos

"Banco do Minho", Braga

"Banco Aliança", Porto

"Banco Comercial do Porto", Porto

Proprietarios dos

"Armazens Cogumbreiro"

Grande estabelecimento de retalho, compreendendo muitissimas secções e com ascensor para serviço do publico.

NOTAS GERAIS

A questão monetária NOS AÇORES

e a reforma que é necessario fazer-se para que aquele arquipelago viva desafogadamente

Os Açores — terras de Portugal a que as aguas traçam uma rígida fronteira, com uma fisionomia sua e uma economia característica — vivem sob as angustias do regime de moeda desvalorizada, sujeitos às oscilações cambiais que os erros do continente provocam, curvados — eles que pelo magnifico trabalho de seus filhos e pelas suas orgulhosas iniciativas mereciam uma situação de vasta prosperidade — ao peso da miséria portuguesa. Têm uma economia credora e vivem como se fossem devedores. Todos os anos o fecho das contas lhes deixa largas disponibilidades livres: só as dividas gerais da nação absorvem os seus creditos sobre o estrangeiro e destroem o proveito que do excesso das exportações lhes devia resultar.

Esta situação é injusta e inconveniente. Injusta porque os Açores, trabalhando activamente, devem gosar o pleno resultado do seu esforço. Não é de razão que deixemos que os vícios do continente — indisciplina social, indiferença pelo bem publico, descrença, preguiça — tirem todo o efeito economico ás virtudes da gente açoreana — contida ainda dentro de principios de salutar ordem, atenta ás necessidades gerais, crente e empreendedora. Inconveniente — já porque Portugal tem tudo a lucrar com diminuir os limites geograficos em que os efeitos da queda monetária se manifestam, já porque os Açores, se dispuzessem de um instrumento de trocas com caracter internacional, poderiam facilmente alargar mais as suas iniciativas e por via delas não só aumentar ainda a sua prosperidade propria mas também pôr ao serviço da economia nacional quantidades de ouro porventura superiores aquelas — tão consideráveis já — que hoje nos dão.

A questão da moeda açoreana toma assim um aspecto de relevo entre os grandes problemas do momento. Diminuir a area das devastações do cambio é de interesse português; dar á produção incentivos, fornecer-lhe um instrumento de trocas perante o qual, sem dificuldades, todos os mercados se abram, de interesse português é também — e urgente.

O facto de ser credora a balança economica açoreana dá a base indispensavel ao funcionamento de todo o regime ouro. Está hoje assente quasi sem discrepâncias pelos economistas. O deficit economico é que rouba a cada país as suas disponibilidades ouro: os pagamentos a realizar no estrangeiro sucessivamente vão no esgotando. No decurso dos anos a fraqueza cambial vai-se progressivamente acentuando — a medo primeiro, em corrida depois. E é sobre o organismo produtivo que é necessario agir para equilibrar as importações com as exportações e parar a emigração do metal nobre. Foi o que succedeu, em ultima analise, na Argentina, foi o que succedeu nos estabelecimentos do estreito e no Panamá.

Ora a economia açoreana, com a intensa produção que atingiu e as largas possibilidades que se estendem na sua frente, com os envios que por todos os paquetes lhe vêm da America, tem asse-

gurado um regular e continuo reabastecimento de ouro. Longe, portanto, de ser de recear um escoamento, as dificuldades da acumulação é que poderiam constituir um embaraço a qualquer reforma monetária se a actividade e o patriotismo dos homens das ilhas não encontrassem em todo o Portugal um campo de acção largo para o emprego das sobras que lhes ficarem.

Uma economia progressiva como a dos Açores — á parte as vantagens de ordem geral que ficaram indicadas e as possibilidades de que falamos — exige um organismo central de credito que assegure, em bases de uma boa regulamentação e de segurança maxima o funcionamento de um regime de redesconto e de coordenação dos esforços dos estabelecimentos de credito existentes. Os bancos açoreanos — que quasi todos gosam de uma prospera situação, tendo alguns, como o Monte-Pio Terceirense e o Banco Micaelense, atingido uma situação de solidez invejavel e um notavel raio de acção — poderiam constituir os elementos de formação desse fulcro financeiro, distribuindo o credito e mantendo as reservas nos rigidos limites que as leis economicas marcam.

Não importa evidentemente discutir as modalidades juridicas que a formação deste organismo poderia revestir. Teriam de variar com as possibilidades de reunião da base metálica indispensavel, com o concurso que o Estado entendesse dever exigir dos particulares, com as liberdades de emissão concedidas, com mil outros factores dependentes tanto do momento como dos propositos que á constituição do Banco central presidissem efectivamente.

Mas seriam dois — e capitais — os problemas economicos a resolver de principio: o da constituição da base ouro indispensavel á emissão e o do reembolso das notas actualmente em circulação.

Poderia o primeiro encontrar solução em depositos ou efeitos ouro a constituir pelos estabelecimentos bancarios açoreanos na medida em que desejassem concorrer ás vantagens da emissão, dentro

da regra do terço — regra que nem deante das dificeis circunstancias que a guerra provocou perdeu o seu valor. Assim se criaria um primeiro alicerce de emissão — alicerce a manter enquanto o sindicato não poderia tirar dos proprios lucros as reservas metálicas indispensaveis ao exercicio da sua actividade.

Não aconselharíamos a pratica do redesconto com a unica base indicada. Essa seria, por assim dizer, uma base psicologica — destinada a impressionar a multidão e a dar-lhe a viva impressão da solidez e segurança dos valores emitidos. Ao lado dela seria preciso colocar uma maquina reguladora da circulação: a carteira de redesconto. São estas as unicas coberturas aceitaveis para a emissão: ouro e efeitos de comercio de muito boa qualidade, a curto prazo. Trabalhando dentro destes rigidos limites, contrapondo rigorosamente á saída de bilhetes a entrada de metal ou valores de comercio indiscutivelmente de primeira qualidade, um Banco central pode ter a certeza de que nunca a sua acção se tornará nefasta.

Os lucros do redesconto, lucros ouro, iriam sucessivamente sendo applicados á constituição da reserva metálica do estabelecimento emissor, reserva que um dia o tornaria independente.

Mais difficil seria a resolução do segundo dos problemas indicados. E num obstaculo de ordem juridica e politica encontraria logo inicialmente um embaraço sério: os direitos que os contractos vigentes em materia de emissão concedem ao Banco de Portugal. Mas esses obstaculos é ao jurisculto e ao politico que compete considerá-los e vencê-los. O Banco Emissor poderia contudo constituir a base do organismo que se constituísse — o que conciliaria em certo modo os seus interesses com os da economia açoreana.

O Banco que se fundasse poderia tomar a inteira responsabilidade da emissão realizada e a do seu reembolso por conta do Estado. Um maquinismo tributario ou de credito publico se deveria organizar para isso — recorrendo o Estado ao lançamento de um imposto especial ou de um adicional á realização de um em-



Armindo Monteiro

prestimo ou simultaneamente a estes dois processos. A recolha das notas em circulação teria, em qualquer caso, de ser lenta para que nunca faltasse meio circulante e a reforma monetária não fosse logo de principio condenada por uma impericia de execução.

A nova emissão ir-se-ia sobrepondo á antiga. A lei de Gresham não deixaria de agir no sentido de realizar o entesouramento da moeda nova, com base ouro, e de atrair para a luz todas as velhas notas com fraca garantia. Mas o aparecimento dos conhecidos efeitos da lei que citamos, supõe a existencia de um regime em que as duas circulações podem concorrer aos pagamentos em situação de equivalencia, em que os devedores tem a faculdade de escolher uma delas, para solução dos compromissos pecuniarios tomados. Então a preferida será a má moeda — facto estranho que já Aristophanes, na Velha Grecia, punha em relevo.

O caso aqui é diferente. O Banco central emitiria valores-ouro, recolheria ouro ou valores que o representassem: só entre estas duas formas de solução poderia o devedor escolher. Seria ponto capital a não violação deste preceito. O Banco que, tendo alcançado um redesconto, quizesse precaver-se contra possiveis dificuldades de reembolso futuro realizaria, para as trocas correntes, o cambio das novas pelas velhas notas.

Assim a emissão ouro ficaria á principio fechada em estreitas fronteiras e só iria penetrando nas relações economicas gerais á medida que a insuficiencia do meio circulante velho se fôsse acentuando. E um dia chegaria em que, reembolsados os bilhetes actuais, só a circulação ouro ficaria em curso.

Então a questão do regime metálico estaria resolvida. Se até ali a inconvertibilidade teria de ser norma que pautasse a acção do Banco central, desse momento em diante, suposta sempre a situação de credora da economia açoreana, poderia estabelecer-se a convertibilidade. E as peças de ouro em que as quinas portuguesas estivessem gravadas, poderiam voltar a correr mundo sem perigo.

Mas isto é muito difficil — isto que, posto assim em notas rapidas, a alguns se pode afigurar obra facil.

Uma reforma monetária não pode realizar-se num dia. Exige anos de pertinaz esforço e atenção sem desfalecimentos. Supõe a existencia de condições que são sempre de vagarosa formação e implica cuidados minuciosos — porque um pequeno incidente, um obstaculo mal vencido, podem provocar a ruina de todo o trabalho feito.

Armindo Monteiro

Banco Industrial Português

Capital autorizado 50.000.000\$00
» realizado 10.000.000\$00

FILIAL EM PONTA DELGADA:

Rua da Misericórdia, 2, 4 e 6

Depositos á Ordem e a Prazo, com juro imediato, ás taxas 4, 6, 7, 8 e 9 0/0. Compra e venda de cambiais, descontos, saques s/o Paiz e Estrangeiro. Empréstimos s/ letras, hipotecas, titulos ou cambiais. Guarda de titulos e outros valores. Contas correntes caucionadas, etc.

Domingos Dias Machado

SUCCESSOR

Ponta Delgada — S. Miguel

AÇORES

ESCRITORIO: PRAÇA DA REPUBLICA, N.º 2

Negócios de conta própria, comissões e consignações, agencia de navios, agencia da Companhia de Seguros Tagus, exportação de cereais e legumes, importação de sal, adubos e cimentos.

Grandes armazéns de vendas por grosso, de mercearias, vinhos e miudezas: Rua Hintze Ribeiro, n.º 44 a 4 — Depósitos: Rua Hintze Ribeiro, n.º 33, 35, 37-55, 57, 59-50, 54, 56, 60, 62 e 64.

Estabelecimento de mercearia a retalho: Praça da Republica, n.º 43 a 49 e Frente da Matriz, n.º 1, 2 e 3.

Estabelecimento de mercearia a retalho: Rua Hintze Ribeiro, n.º 63 e 65.

Estabelecimento de mercearia a retalho: Rua Luiz Soares de Sousa, n.º 40 a 44 e rua da Cruz, n.º 5 e 7.

Estabelecimento de mercearia a retalho: Rua Melo Abreu, 101.

Grande estância de madeiras — Venda de madeiras nacionais e estrangeiras: Rua do Castilho, n.º 84.

Torrefação de cafés com aparelhos modernos, movidos a electricidade: Rua do Castilho, n.º 65. Preparação dos famosos cafés, marca AGUIA, para consumo interno e exportação.

João Ignacio Pacheco Leal, Sucessor

CASA FUNDADA EM 1863

Comissões, Consignações — Fer-
ragens e Drogas

31 - Rua Antonio José de Almeida - 37

**Importação - Exportação
Generos por grosso**

CEREAES

**E' a casa que rivalisa com to-
das as suas congengeres,
nesta ilha, em preços
e condições**

FABRICA DE TABACO ESTRELA DE CANTO & MENDONÇA

PONTA DELGADA — S. MIGUEL — AÇORES

Endereço telegrafico:
FABESTRELE — PONTA DELGADA

CODIGOS
A B C 5.ª e 6.ª edições

Além de muitas outras especies de tabacos, manipulamos as seguintes que se impõem pelo seu paladar, aroma e preço:



Cigarros
FRANCEZ
MASCOTTE
JUDITH
e
GOLD
FLAME
CHARUTOS
TABACOS
PICADOS
e de
CHEIRAR
e
RAPÉS

Fabrica de Chá Micaelense

— : MARCA L. L. : —

Fundada por

Luiz d'Athayde Corte Real Estrela

Vende por grosso as seguintes qualidades:

Especial

N.º 1 — N.º 2

e moinha

Proprietario:

Dr. Hermano da Silva Motta
RIBEIRA GRANDE — S. MIGUEL

AÇORES

UMA VIAGEM MARAVILHOSA

Portuguezes

do continente

ide aos açores

onde ha muito

admirar e aprender!

Não se apagará mais do meu espirito a funda impressão de belesa colhida nos Açores, como não deixará de vibrar no mais intimo da minha alma o eternecido reconhecimento aos açorianos!

Voltando ao Continente, parece-me ter despertado dum sonho lindo, duma viagem maravilhosa por terras imaginarias, em paragens de lenda antiga que só a fantasia podesse criar. Todos esses rincões floridos me pareciam ter surgido por encanto ou milagre das profundezas do abismo á superficie das aguas, aqui e além, para animar a paisagem, quebrar a monotonia do vasto Oceano...

São extraordinariamente belas todas essas ilhas, principalmente vistas de bordo! Surge a Madeira e nós temos um raro espectáculo, admiravel de grandesa, efeitos de luz surpreendentes na bruma da manhã! Depois Santa Maria, S. Miguel, S. Jorge, a Terceira, o Faial. Sempre o mesmo deslumbramento! Que satisfação, que comoção nos empolga a todos nessas recepções festivas tão sinceras, tão intensas que vão até ao entusiasmo! O meu mal de enjoão dissipa-se rapidamente quando ponho o pé em terra firme.

Em S. Miguel mal posso conter as lagrimas por entre as alas de povo que nos aclama e nos cobre de flores. Quinze dias em festa naquele paraizo, temos tempo para apreciar, admirar e, sobretudo, para avaliar, no mais delicioso convivio, o encanto, a amabilidade, a generosidade affectuosissima dos micaelenses! E' ao dr. José Bruno que devo essas doces e inesqueciveis impressões de intima e consoladora alegria, e, ao traçar estas linhas sem pretensão alguma, penso nele com ternura! Penso em todos os amigos que lá fui ganhar e que jamais esquecerei, certo de que eles terão, de vez em quando, tambem, um pensamento para mim. Deslumbrei os meus olhos, desanuei o meu espirito, confortei a alma no contacto de homens já hoje raros.

Ilha de S. Miguel! Jardim ideal, eden isolado no mar imenso, berço de Antero e de muitos portugueses illustres, eu te saúdo e bemdigo!

Portuguezes do Continente, ide aos Açores! Tereis muito que admirar, muito que aprender.

Ide vêr o que vale o esforço e a inteligencia, como se cultivam os campos, como se tira da terra todo o proveito! Ali tereis a noção exacta do que é a honra e o brio dum povo, da união de todos que dá a força.

...Sim, ide aos Açores em lugar de ir a Paris ou a Londres; visitai de preferencia o que é nosso; lá não tereis, por certo, as elegancias futeis, os requintes de Arte retorcida e postiça; tendes as belezas naturais que os homens não imitam, por mais que façam, juntas á beleza das almas...

Meus bons amigos, meus irmãos de além mar: Queira Deus ajudar sempre os vossos esforços e derramar sobre vós as suas benções e graças, já que, tão injustamente, não podeis contar com as ajudas e graças dos governantes; esses só sabem que sois portugueses para vos comer, em pesados tributos, aquilo que tanto vos custa a ganhar.

Teixeira Lopes



28

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS
ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3543

POLICLINICA

DA

RUA DO OURO

Entrada Rua do Carmo, 98

PARA CLASSES POBRES

Clinica medica—Dr. Armando Narciso—A's 4 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Villar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sífilis—Dr. Correia de Figueiredo—11 e 4 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos—2 h.
Doenças das crianças—Dr. Cordeiro Ferreira—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—12 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
Analises—D. Gabriela Beato—4 h.

Casino de Cintra

Restaurant com serviço
de 1.º ordem

Almoços e jantares

a preços fixos e à la carte

Chá-dancing

Souper e froids

Chefe de cozinha francez

Concerto durante as refeições

BAR AMERICANO

DEFENDA OS SEUS INTERESSES

POUPE O SEU DINHEIRO

comprando todas as suas
fazendas para fatos e
vestidos só nos depo-
sitos dos fabricantes

DONAS, da Covilhã

porque são os unicos
que as fabricam e ven-
dem directamente ao
publico, por preços
** baratissimos **

Depositos de vendas a retalho:

Em LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

No PORTO: Rua Fernandes Tomaz, 392-A

Peçam amostras a Donas & C.
Fabricantes de Lanifícios-Covilhã

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Editos de 30 dias

A contar da publicação do presente anuncio currem editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes os herdeiros de José Joaquim da Encarnação ou José Joaquim da Encarnação Brito, ex-chefe do Depósito de Gaiano Manuel Marinho Ribeiro, ex-chefe de Estação reformado n.º 367, á pensão por ele legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 1897, concorrendo á divisão ou impugnando o pedido em requerimento quanto ao 1.º da viuva Maria da Conceição Encarnação ou Maria da Encarnação Grilo ou ainda Maria da Conceição Brito e sua filha Virginia, e quanto ao 2.º, da viuva Maria Carolina Pereira Martinho e sua filha Fernanda.

Findo este prazo será tomada deliberação, na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 16 de Agosto de 1924.

O Chefe do Serviço da Contabilidade Central

(a) M. Barqueira.

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA

PORTO

RUA DO OURO, 18, 24

PÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRAÇÕES
E CRUTELAS
para todas as

LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

—Pelo correio mais \$20 para registo—

TELEFONE NORTE 4020

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51—LISBOA

Policlínica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.º

Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, às 13
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais
Electroterapia, às 13
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos,
às 15
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras,
às 16
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias
urinarias, às 11
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, às 14
Dr. Benard Guedes—Raios X, às 16
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças,
às 15
Dr. Fernando Fonseca—Sífilis e doenças da
nutrição (diabetes, gota, obesidade), às 16
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica,
tanhoes de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia,
alta frequencia, etc.) às 14
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intesti-
nos, às 14
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas, Vacinas,
às 14
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos den-
tes, às 10
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, cecação
e pulmões, às 13
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e opera-
ções, às 16

A's Senhoras

se aconselha uma visita aos

GRANDES ARMAZENS DA BEIRA
onde se encontra o mais com-
pleto sortido em tecidos pro-
prios para Casacos de Abafo e
Vestidos.

Aos Cavalheiros

Que pretendam adquirir Fatos ou
Sobretudo da Moda já feitos ou manda-
dos fazer por medida, tambem ali en-
contram LANIFICIOS em padões
de novidade e pelos preços mais eco-
nomicos e Secção de Alfaiataria.

Enviem-se amostras, pedidas aos

Grandes Armazens da Beira

20 22, R. Retrozeiros, 24 26—Lisboa

Peres & Abrantes, Succesores

POLICLINICA DO ROCIO

Largo do Camões, 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747

Dr. Amor de Melo . . . Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior . . . (Clinica geral e doenças
das crianças—13 h.
Dr. Camossa Saldanha . . . Rins e vias urinarias—
10 e 12 h.
Dr. Cancellia d'Abreu . . . Medicina geral, doenças
nervosas—15 h.
Dr. Cordeiro Lobato . . . Garganta, nariz e ouvi-
dos—13 h.
Dr. F. Martins Pereira . . . Medicina geral, coração e
pulmões—15 e 12 h.
Dr. Henrique Roquette . . . Olhos—15 h.
Dr. Luiz Ottolm . . . Cirurgia, doenças das se-
nhoras e partos—14 e 1/2 h.
Dr. Jorge Falcão . . . Pele e sífilis—14 e 1/2 h.
Dr. Gentil Branco . . . Raios X.

CASINO DA PRAIA

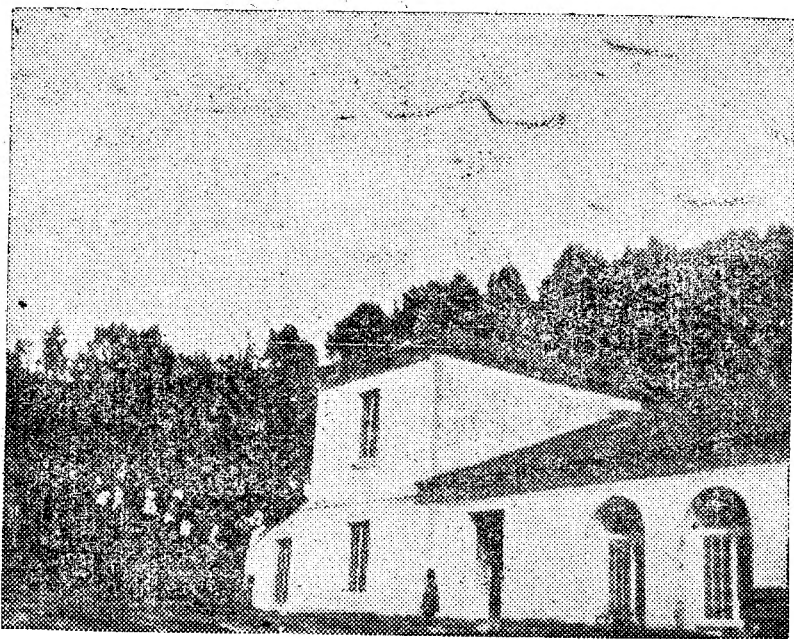
CASCAES

Todas as noites concerto e baile

Quintas e domingos chá dancing
e jantares concertos

Soberba explanada á beira mar

Realisam-se todos os dias
magnificos concertos sob a
direção do exímio pianista
D. José Bonet



Edifício da fabrica

FABRICA

DO

CHÁ CANTO

NA

ILHA DE S. MIGUEL



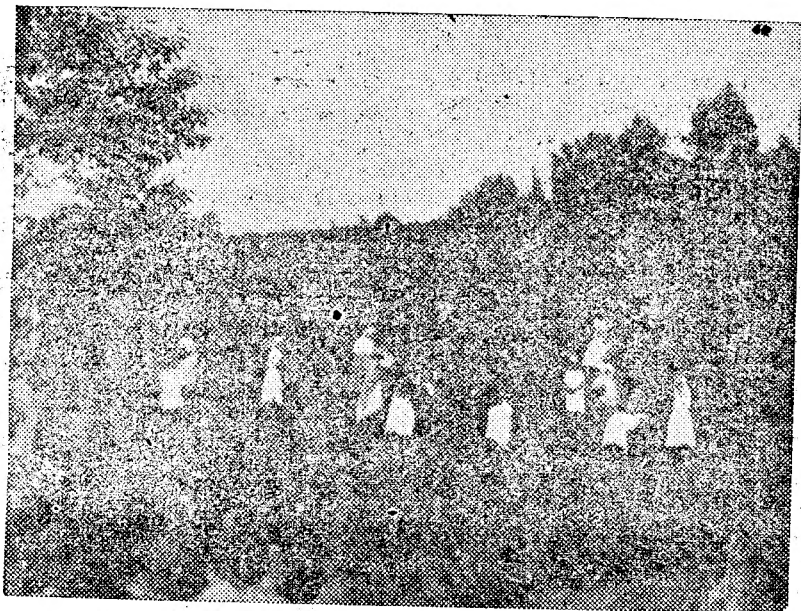
A FABRICA DO CHÁ CANTO FOI A PRIMEI-
RA QUE EXISTIU NA ILHA DE S. MIGUEL,
TENDO SIDO SEU FUNDADOR O GRANDE
AÇOREANO JOSÉ DO CANTO * * * * *

O CHÁ CANTO OBTVEU A CLASSIFICAÇÃO
DE HORS-CONCOURS (MEMBRES DU JURY) NA
EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS, DE 1900,



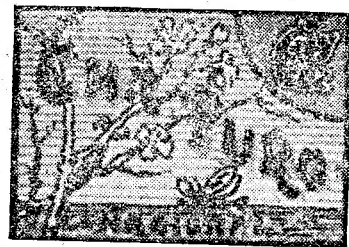
Condução da folha do chá

E OBTVEU UM GRAND PRIX NA ULTIMA
EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO * * *



Apanha da folha do chá

DEPOSITO EM LISBOA



80, RUA NOVA DO ALMADA



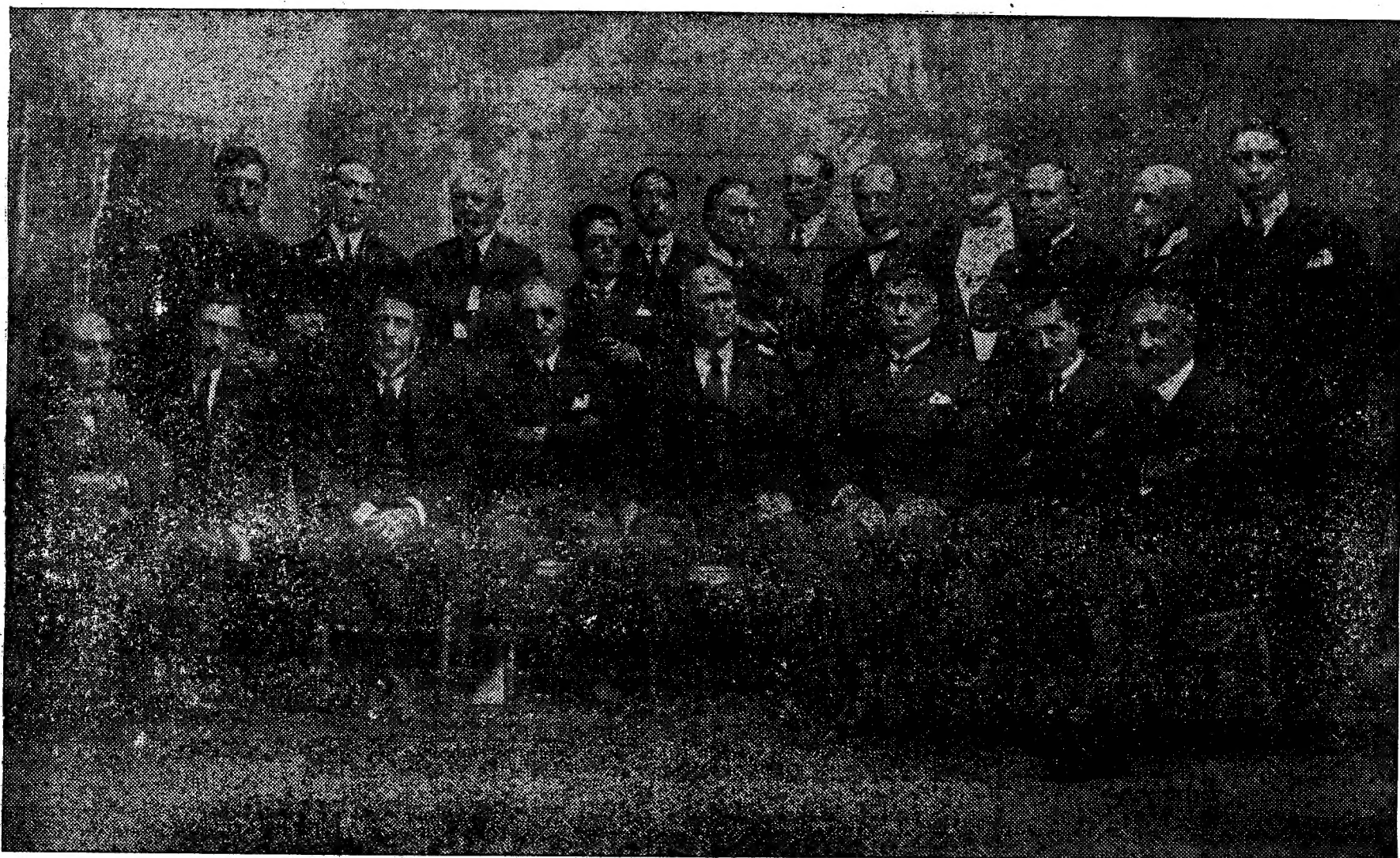
Dr. Duarte Manuel de Andrade Albuquerque



Frazão Pacheco
comerciante e industrial



Dr. Hermano da Mota, proprietário



Da esquerda para a direita.—1.º plano:—Visconde de Porto Formoso, dr. Luiz de Ataíde, dr. Humberto de Bettencourt, dr. José Bruno, dr. Aristides Moreira da Mota, Albano da Ponte, dr. Martim Machado de Faria e Maia e Canavarro de Vasconcelos.—2.º plano:—Teixeira Lopes, dr. Trindade Coêlho, conselheiro Luis de Magalhães, Armando Boaventura, Antonio Hintze Ribeiro, Antero de Figueiredo, Oideiro Cesar, D. Manuel de Bragança, conde de Nova Goa, dr. Joaquim Manso, dr. Leite de Vasconcelos e dr. Armindo Monteiro



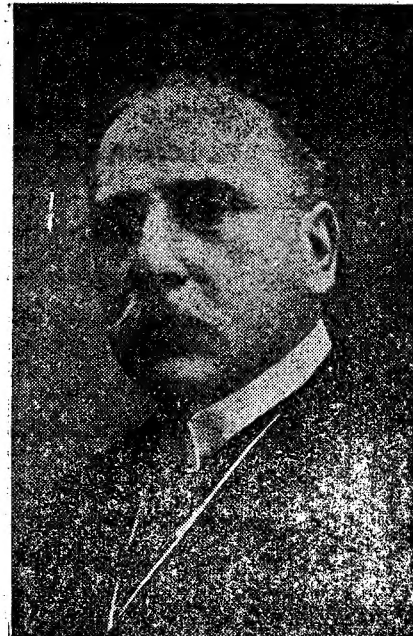
João de Simas
chefe da redacção do «Correio dos Açores»



Dr. Luis B. Medeiros e Camara
advogado e brilhante orador



Dr. Humberto de Bettencourt
professor e homem de letras



Dr. Poças Falcão
grande proprietário de Ponta Delgada

Banco Português do Continente e Ilhas

(Consórcio Bancário dos Açores & Madeira)

CAPITAL: 25 MIL CONTOS

Séde: LISBOA
Filiais: FARO e COIMBRA

Correspondentes em todas as localidades do País e principais praças do Estrangeiro

Enderêço telegráfico: ILBANK

Estabelecimentos que formam o Consórcio Bancário dos Açores & Madeira:

Banco Michaelense — Ponta Delgada
Montepio Terceirense — Angra do Heroísmo
Caixa Economica da Associação de Socorros Mutuos de Ponta Delgada — Ponta Delgada
Caixa Economica de Angra do Heroísmo — Angra do Heroísmo
Caixa de Crédito Machaelense — Ponta Delgada
Casa bancária Henrique Figueira da Silva — Funchal
" " João Carlos da Silva — Angra do Heroísmo
" " José Julio da Rocha Abreu — Angra do Heroísmo
" " Raposo d'Amaral, Severim & C.^{ta}, Sucs. — Ponta Delgada

OPERAÇÕES

Depósitos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeiras. — Compra e venda de titulos nacionais e estrangeiros. — Desconto de "coupons" nacionais estrangeiros. — Ordens de Bolsa. — Deposito de titulos. — Aluguer de cofres. — Compra e venda de cheques sôbre o Estrangeiro, notas e moedas estrangeiras. — Negociações de letras documentárias sôbre o Estrangeiro. — Créditos documentários de importação. — Saques, ordens postais e telegráficas de pagamentos e cartas de crédito sôbre o País e Estrangeiro. — Operações cambiais. — Descontos de letras sôbre a Praça, Provincias e Ilhas Adjacentes. — Letras á cobrança e ao aceite sôbre o País e Estrangeiro. — Contas de crédito caucionadas. — Operações financeiras e todas as demais operações bancárias.

O DIARIO DE VIAGEM

A autonomia administrativa

do arquipélago dos Açores

continua sendo o sonho de todos os açoreanos

23 DE MAIO.

A primeira folha deste canhenho é de impressões de bordo do «Lima»—impressões ligeiras, colhidas no «deck», á hora tragica do enjôo... dos outros.

Vamos barra fóra, onde a «terra acaba e o mar começa». Ceu azul e mar calmo, dum verde glauco, que o sol pulveriza de ouro.

A vida a bordo é uma vida ociosa. Nada se faz e em pouco se pensa. Os enjoados para ali vão, dormitantes, duma palidez de cera, os olhos semi-cerrados, um suor frio a banhar-lhes as faces, recostados lassamente, negligentemente, nas cadeiras de viagem. Os que não enjoam, percorrem o convés e, na prôa, assistem, extaticos, ao quebrar, ao «desfolhar», das ondas de encontro ao «estado do navio».

Uma sineta sóa. É a hora da refeição. Poucos são os que não descem á sala de jantar. E appetite—valha a verdade—não falta. Às vezes sucede—quantas vezes!—que, no meio do jantar, um passageiro se levanta e sae apressado.

—Carga ao mar!

E o «Lima» lá vai singrando, fendendo as aguas, que se abrem em flocos rendilhados de espuma cor da neve.

Anoitece. A descida aos beliches faz-se vagarosamente.

—Boas noites!

* * *

24 DE MAIO.

Dia ameno, suave: mar azul cobalto. Alguns continentais apresentam melhor aspecto. Passou o enjôo. Conversa-se, faz-se «blague» e, de quando em vez, ecôa uma «boutade» espirituosa—como se fosse a uma mesa da «Brasileira» do Chiado.

* * *

DIA 25.

Estamos na Madeira—que os leitores do «Diario de Lisboa» já conhecem através das admiráveis crônicas de Artur Portela.

Adeante, pois.

* * *

DIA 26.

—Às 8 e meia da noite terminou a sentida e religiosa homenagem á Memoria de Carvalho Araújo e do aspirante Eloy—heróis e mártires da Grande Guerra, que o mar esquife sepultou para sempre, ha sete anos.

—Foi a primeira vez—diz-nos o Comissario de bordo, sr. Gil Arruda, belo tipo de marinheiro, homem culto e inteligente e admirável cavaqueador—foi a primeira vez, depois da tragedia heroica, que se realizou esta cerimonia, aqui, no alto-mar. E no entanto, o «Lima» e o «San Miguel» passam neste sitio duas vezes por mês—ha sete anos!

* * *

DIA 27.

—Esta tarde estaremos em S. Miguel—informa-nos o comandante, sr. Caetano Moniz de Vasconcelos, depois de avisarmos a ilha de Santa Maria.

E todos querem saber a hora.

—Sete... sete e meia.

E começam os preparativos para o desembarque.

Maneira de passar o tempo... Pelo meio da tarde, os açoreanos, que conosco seguem viagem, dirigem aos continentais uma mensagem de saudação, coberta por muitas assinaturas.

Para agradecer a gentileza e, ao mesmo tempo, para patentear ao comandante e guarnição do «Lima» a nossa gratidão pelas dedicadas atenções, que nos têm sido prestadas, resolvem os continentais oferecer uma taça de «champagne». Trocam-se muitos e affectuosos brindes entre continentais e açoreanos, sendo saudados a Empresa Insulana de Navegação e a guarnição do «Lima». Não é esquecido o «Correio dos Açores», o belo diario de S. Miguel, dirigido pelo talentoso dr. José Bruno Carreiro e aqui representado pelo nosso querido companheiro sr. Antonio Hintze Ribeiro—o «alto comissario» desta missão continental de estudo.

A propósito:—Acabese de vez com o pretencioso titulo com que muitos jor-



JOSÉ BRUNO
director do jornal CORREIO DOS AÇORES
e promotor da viagem da missão intelectual

nais do continente nos mimoscarão:—«missão intelectual».

Esta missão—constituída por professores, escritores, artistas e jornalistas, e tendo a si agregados os representantes de alguns jornais de Lisboa—é uma missão de estudo que se dirige aos Açores, para, de perto, e «de visu», conhecer e avaliar das belezas naturais e condições de vida do arquipélago. E mais:—para dar aos açoreanos o abraço fraternal, que deve unir sempre Portugal d'Aquem e d'Além-Mar.

* * *

7 e meia. Entramos na baía de Ponta Delgada, limitada pelas duas pontas:—de Galera e Delgada. O «Lima» atraca. E logo sobem, pela escada de portão, dezenas de pessoas. Chega a comissão de recepção aos continentais, composta dos srs. dr. Aristides Moreira da Mota, Antonio José Canavarro de Vasconcelos, dr. Humberto de Betencourt, dr. Luiz Bernardino de Ataíde, dr. Martim Machado de Faria e Maia e Albano Pereira da Ponte, representado pelo sr. Clemente Gomes.

A frente, o dr. José Bruno Carreiro, illustre director do «Correio dos Açores», e a quem se deve a iniciativa da viagem dos continentais.

Outros illustres micaelenses, que nos esperam: dr. Duarte Manuel de Andrade e Albuquerque (filho do nobre Conde de Albuquerque), Francisco Carvalhal, um «gentleman», dr. Francisco Medeiros de Betencourt, jornalista e professor (chefe do P. R. P. de Ponta Delgada), visconde do Porto Formoso, dr. Mont'Alverne Sequeira, etc., etc.

Trocamos, na camara de bordo, os

cumprimentos. Pelos açoreanos fala o sr. dr. Aristides da Mota—varão Plutarco, como o definiu logo o dr. Trindade Coelho.

Respigamos do seu brilhante discurso a seguinte passagem:

—«... Digam-nos, V. Ex.^{as}, se o Nosso Passado e o Nosso Presente garantem ou não que temos o juizo sufficiente para administrarmos o nosso peculio, vivendo dias na casa paterna e prestando obediencia ao «pater-familias», ou então condenarmos a eterna tutela...»

O velho sonho da Autonomia administrativa dos Açores!
E... desembarcamos.

* * *

No caes, apinhado de gente, que nos ovaciona, com estrondosas salvas de palmas, abrem-se alas. Desfolham-se sobre as nossas cabeças muitas e lindas flores e as criancinhas, em grupo, vêm entregar, a cada um dos continentais, formosos «bouquets», de variadas flores, atadas com fitas de seda.

Estrugem as palmas e as ovações de milhares e milhares de pessoas que, acedendo ao convite do «Correio dos Açores», aqui nos vieram esperar, numa apoteose de carinho, que nos comove.

Momentos depois, os «autos», de faróis accessos, conduzem-nos ás habitações, que, previamente, nos foram destinadas e preparadas.

Um grupo constituído pelo dr. Joaquim Manoel, dr. Trindade Coelho, dr. Armindo Monteiro, dr. Leite de Vasconcelos e pelos

representantes do «Diario de Noticias» e de «A Epoca», fica na rua João do Rego, em uma esplendida habitação pertencente ao director das fabricas de Assucar.

Outro grupo, de que fazem parte Antero de Figueiredo, Conde de Nova Goa, D. Manuel de Bragança e Teixeira Lopes, hospeda-se em casa do illustre Visconde de Porto Formoso.

O conselheiro Luiz de Magalhães é hospede do seu querido amigo dr. Aristides da Mota.

O dr. José Bruno Carreiro—espírito culto, inteligente, homem novo de uma energia rara—vem instalar-nos, nesta linda casa, que mãos patricias de senhoras ornamentaram com lindas flores.

Terminam aqui as primeiras breves impressões, que o «reporter» gravou neste canhenho de bordo.

O leitor avaliará das impressões emotivas, que temos experimentado, desde a nossa saída de Lisboa, até á nossa chegada a esta encantadora e hospitaleira cidade de Ponta Delgada—impressões que registamos apenas na alma, por as não sabermos, nem podermos transmitir ao papel.

28 DE MAIO.

Dia enublado e triste; por vezes, chuvoso. Às 10 horas, o excelente dr. José Bruno vem convidar-nos para um passeio pela cidade. Às 11 horas, no «Eden Club» almoçamos—agradável e bem instalado «restaurant» este, cujo proprietario, sr. Matos nos prodigaliza as maiores atenções. Terminado o almoço, vamos, em numerosos automoveis, postos á nossa disposição, visitar a Fabrica de Santa Clara—de Assucar—acompanhados pelos membros da Comissão de recepção. O sr. Albano da Ponte, grande industrial, e os srs. engenheiros Clemente Gomes e dr. Pedro Cymbron Borges de Sousa servem de amáveis «cicerones». Optimas instalações—prova evidente do grande desenvolvimento industrial da ilha.

Mais visitas:—á Fabrica de materiais de construção da Empresa Industrial, onde o sr. Antonio da Camara nos mostra minuciosamente o fabrico de tijolos e blocos de cimento, e ao Deposito de materiais, instalado num curioso terreno vulcanico, denominado «Algar da rua Formosa».

* * *

Seguimos para S. Gonçalo—interessante arrabalde da cidade—onde vamos visitar as estufas de ananazes do sr. Henrique Xavier de Sousa. Aguardamos a direcção do «Sindicato de Agricultura de Ananazes». A nossa passagem, são lançadas muitas flores. Ouve-se musica.

Entramos. No pequeno jardim verdejante e florido, o rev. P.^o José Lino dos Anjos lê uma allocução. Visitamos as estufas, observando as fases da cultura do ananaz. O sr. Conde da Nova Goa agradece a visita e faz proficuosas allusões á vida agricola de S. Miguel, salientando os beneficios dos indicados. A pouca distancia—na Fajã de Baixo—estão outras estufas, com ananazes já prestes a serem cortados. Pertencem ao sr. Edgard Garcia, que tem a gentileza de nos oferecer, em sua casa, uma taça de «champagne».

Estes dois grupos de estufas, que acabamos de visitar, pertencem a quotistas da «Sociedade Correctora, Lda.», importante empresa micaelense á qual se deve a exportação dos ananazes, para o que foi organizada a «Companhia de Navegação Carregadores Açoreanos». O papel economico desta Sociedade Correctora é de uma altissima importancia para a vida

* * *

E este primeiro dia de estada em S. Miguel termina com um jantar no «Eden Club» e uma visita ao Club Micaelense—elegante assembleia recreativa, que nos recebe carinhosamente.

* * *

29 DE MAIO.

Depois de almoço, visitamos os lindos e perfumados campos de açucenas do sr. dr. Antonio da Silveira Vicente, que, com

(Ver continuação na 12.^a pagina)

O DIÁRIO DE VIAGEM

O logar dos Mosteiros

o Vale das Furnas

e as vilas de Povoação, Lagôa e Vila Franca

(Continuação da 1.ª página)

seu tio, o sr. Padre Manuel Vicente, nos acompanha, expondo-nos detalhadamente a evolução e os fins da cultura das açucenas—das quais a Inglaterra e a América extraem deliciosos perfumes.

Terminada esta interessante visita, seguem os continentais para o Pico de Salomão, onde são aguardados pelo proprietário do lindo prédio, sr. Vasco Ben- saude e por muitas senhoras.

Belo panorama se desliza do alto deste Pico, revestido de mais luxuriante vegetação. Apesar do dia sombrio, a impressão é admirável. A cidade, envolta em víçoso arvoredo, sob o qual se erguem as elegantes araucárias, desce até à baía. Ao fundo, o mar, a confundir-se na linha do horizonte, com o próprio céu.

Neste Pico do Salomão, junto ao prédio, ha umas arvores, cuja casca do caule lembra papel—um papel amarelado, finíssimo.

O illustre director do «Diário de Lisboa», sr. dr. Joaquim Manso, colhe uma «placção» deste «papel»... só para resolver o grave problema da carestia do papel de imprensa...

30 DE MAIO.

A's 11 horas da manhã. Dez automoveis esperam os continentais á porta do «Eden Club». Partimos, acompanhados de algumas senhoras e dos membros da Comissão de recepção e pelos srs. Visconde de Porto Formoso, dr. Duarte Manuel, de Albuquerque para a Cumieira das Sete Cidades. O dia não é de sol brilhante, mas é suave e ameno.

O dr. José Bruno—de calças brancas e chapéu laro para a noite—prepara surpresas.

Primeira surpresa:—a visita ao pitoresco logar dos Mosteiros, assim chamado pela disposição dos rochedos que, quasi frades, erguidos do mar, o vigiam. Povoação marítima, em anfiteatro, de casario e alvejar por entre o verde esmeraldino dos campos. Ao fundo, o Pico de Maíra.

Voltamos atraz, e apeamos-nos dos «autos». A ascensão á Cumieira faz-se um burros. Alguns continentais—como Antero de Figueiredo, dr. Leite de Vasconcelos, Camilo de Macedo (que do continente, com sua esposa, acompanha Teixeira Lopes, e dr. Luiz de Magalhães)—vão num «char-a-bancs» puchado a bois e gentilmente cedido, para esse fim, pelo seu proprietário sr. Nicolau Maria Raposo do Amaral. Lá vai, subindo a ingreme e torcida Lomba da Cruz, a caravana. Jogam-se ditos, faz-se «blague», dizem-se ápartes chistosos, porque um monta assim, porque o burro em que aquele cavalga, relincha de mais, porque aquell'outro ameaça cair, porque o dr. Trindade Coelho rasgou a calça...

E uma hora depois, galgada a vertente da serra, estamos na Cumieira, onde todos nós sofremos a «venda dos olhos», para maior ser a surpresa deante do espectáculo admirável das Lagôas—espectaculo que, por certo, a pena brilhante do dr. Manso descreverá.

Depois... uma merenda deliciosa. E, pela tarde, regressamos á cidade.

Varias paginas do nosso diario de «reporter»:

DIA 31.

Visita ao Instituto de Radiologia, a cuja inauguração os continentais assistem. Cumprimentos, á entrada, pela direcção do Instituto. Na sala—denominada da «Assistencia Maternal e Infantil»—sessão solene, em que falam brillantemente o illustre medico sr. dr. Mont'Alverne de Sequeira, dr. Aristides da Mota, dr. Luiz de Magalhães, dr. Machado Macedo—quell'uma erudita memoria sobre os serviços radiológicos, segue-se a visita.

Uma oferta generosa: Madame Macedo entrega ao Instituto, para custeio das despesas de instalação, mil escudos. O Instituto Radiológico de S. Miguel é uma obra que honra e engrandece, sobremaneira, a sciencia portuguesa.

Estamos agora na importante Fabrica de Moagem, á Pranchinha, em cuja vi-

sita são os continentais acompanhados pelo director do Banco Micaelense, sr. dr. Martin Machado de Faria e Maia.

A' noite, no «Club Micaelense», baile—elegante e sumptuosa festa, esfusante de alegria, cheia de requintes aristocráticos, a que as senhoras de Ponta Delgada, nas suas «toilettes» riquissimas, deram uma surpreendente nota de distinção e fidalguia.

Durante a ceia volante, ao «champagne», o presidente do «Club», sr. Condeheiro dr. Luiz de Betencourt, pronunciou um magistral discurso de saudação—como só ele, orador de raça, o sabe dizer. Num feliz e gracioso improviso o sr. Condeheiro Luiz de Magalhães agradeceu em nome dos continentais.

Regista agora o nosso canhenho—em dias sucessivos:

Visita ao Museu Carlos Machado, acompanhados do illustre artista sr. dr. Luiz Bernardo de Ataíde; visita aos jardins; inauguração da exposição de rendas; recita no Coliseu; concerto no Teatro pela illustre cantora sr.ª D. Maria da Ascensão Soares de Albergaria.

E... iniciam-se as conferencias, pela seguinte ordem:—«Portugal na Tradição», por Armando Boaventura; «Portugal Agrícola», pelo Conde de Nova Goa; «Junqueiro e a sua obra», pelo dr. Trindade Coelho.

Teatro repleto, animação vibrante, delirio de palmas e muitas flores.

DIA 3 DE JUNHO.

Partimos para o Vale das Furnas. A caminho, visitamos a Fabrica de Chá da Barroca, onde nos é servido um delicioso «pequeno almoço», e a Fabrica Luiz Ataíde—no sitio da Ribeira Sêca—respectivamente representadas pelos srs. drs. Clemente Costa e Hermano Mota.

A entrada na Ribeira Grande é um espectáculo que não se descreve.

Emocionamos profundamente. Através das ruas, uma chuva de flores. Na igreja, que visitamos, mais flores. Milhares de pessoas nos aclamam.

O mesmo succede na Ribeirinha—onde almoçamos na importante Fabrica de Linho, a convite do seu director, o grande industrial, sr. dr. Clemente Luiz Gomes. Na Achada das Furnas, assistimos a grandiosa exposição de gado e subimos ao Pico de Ferro—coberto, a esta hora, de denso nevoeiro.

E, momentos depois, estamos no Vale das Furnas—rincão paradisíaco, que nos recebe, com o seu illustre paroco—P.ª José Jacinto Botelho—e o seu humilde mas laborioso e hospitaleiro povo, entre palmas, carinhos e flores. Toda a rua, até ao bom «Hotel Atlantic», é um mimoso tapete de flores, policromado.

Passamos no Vale das Furnas três dias—visitando as caldeiras fumegantes, os balneários, a linda Lagôa e a mística capelinha gotica dos maravilhosos jardins Ernesto do Canto.

Na Povoação—onde os descobridores da ilha aportaram no seculo XV—em Vila Franca, na Lagôa, em toda a parte, em fim, por onde passamos, de regresso a Ponta Delgada, o povo micaelense nos saudava, nos aclamava, entre carinhos e flores, numa grande apoteose que não se descreve.

Um pouco acima da Povoação, na Lomba Loução, visitamos a fabrica de fios de espadana, do antigo official do exercito e grande industrial, sr. Gustavo Medeiros.

De novo em Ponta Delgada—registamos o nosso canhenho—seguem-se as conferencias dos srs. dr. Trindade Coelho, Condeheiro Luiz de Magalhães, dr. Armando Monteiro e Antero de Figueiredo.

Os srs. D. Manuel de Bragança e dr. Leite de Vasconcelos realizaram preleções, respectivamente sobre «Zootecnica» e «Toponimia».

Arrancamos do nosso «block-notes» o diario de 9 de Junho—dia da homenagem a Antero de Quental.

Comovida e sentida romagem esta, junto do tumulo do Grande Poeta—tumulo simples, em cuja pedra estão esculpados, em epitafio, os versos de outro Grande Poeta:—João de Deus:

Aqui jaz pó: eu não, eu sou quem fui...

Sob o eco das vozes do canto coral, que, regido pelo inspirado maestro sr. Licínio Costa, entou, como um murmuro de prece, o soneto «Na mão de Deus», falam os srs. Condeheiro Luiz de Magalhães, dr. Joaquim Manso e dr. Humberto de Betencourt. O discurso do illustre director do «Diário de Lisboa» é a evocação mais perfeita que conhecemos da figura de Antero—um homem que tola a sua vida buscou a Verdade e que, não a encontrando, apelou para a morte num gesto de desespero e de renúncia (palavras com que o dr. Joaquim Manso abriu a sua brilhante oração).

Oldemiro Cesar depõe sobre o tumulo uma linda coroa de flores, e Raposo de Oliveira recita o seu soneto «Antero».

Ultimos dias da nossa estada em Ponta Delgada:

Uma visita á povoação de Rabo de Peixe, onde assistimos á celebrada Festa do Espirito Santo. Em casa do P.ª Machado énos oferecido um delicioso copo de agua. Bailado—«folga»—cantares, musica e flores. Radiante o dr. José Leite—conseguiu registrar umas seis cantigas populares...

Sabado—recita de gala. Seta ricamente ornamentada com lindissimas colchas. «Toilettes» elegantes. Um magistral discurso do sr. Condeheiro dr. Luiz de Betencourt. Dois encantadores bailados infantis. Orquestra e concerto de violino, e uma interessante conferencia pelo sr. dr. Angelo Casimiro, professor do Liceu.

A fechar:—ovações delirantes aos continentais e ao dr. José Bruno. O sr. dr. Joaquim Manso, num magistral discurso, lido com profunda emoção, agradece.

Verdadeira noite de gala—de indelevel gratidão para todos nós.

Mais visitas:

Ao porto artificial, ás oficinas de reparações, serralharia, etc., etc., da importante Casa Bensaude & C.ª—acompanha dos pela Junta Autonomia do porto e pelo sr. Albano da Ponte.

Uma visita ás Caldeiras da Ribeira Grande, onde estão sendo feitas as novas instalações de luz electrica de Ponta Delgada—acompanhados pelo Presidente da Camara, sr. dr. Jacinto Carneiro e pelos engenheiros dr. Castro Silva e Manuel do Rego Lima.

Outras visitas: Ao Hospital da Misericórdia; á esplendida vivenda do sr. Albano da Ponte, nas Capelas—onde nos foi oferecido um primoroso «five-o'clock-tea»; á exposição de pintura—onde admirámos os trabalhos da sr.ª Condessa de Albuquerque e do sr. Domingos Rebelo.

DIA 12.

Banquete no Club Micaelense a que assistiram perto de 150 pessoas em rigoroso traje de etiqueta. Muitos brindes, destacando-se o do dr. José Bruno.

DIA 13.

De manhã, visita ás Fabricas de Cerveja e do Tabaco. A's 5 da tarde, um chá oferecido em sua casa, pelo dr. José Bruno e esposa.

E... ás 7 e meia dirigimo-nos para bordo. Caes apinhado. Palmas e flores. Algumas lagrimas.

Nova pagina do canhenho: Acompanhamos no bordo, além do dr. José Bruno Carneiro, os srs. dr. Francisco Betencourt e esposa, Miss Haunt, Manuel Velho, Jacinto Gil, Francisco do Canto Betencourt e esposa, Vitor Cruz—hbil fotografo—tenente Gastão Furtado e Aniceto Santos Junior, o jornalista Mateus e dois operadores cinematograficos.

Vêm do continente, a bordo do «S. Miguel», os escritores srs. Raul Brandão, acompanhado de sua esposa, e Vitorino Nemezio. Raul Brandão dirige-se ao Corvo.

DIA 15.

5 e meia da manhã. Estamos em Angra do Heroísmo. Mal o navio ancora, vêm saudar-nos, em nome da Comissão de recepção, os srs. dr. Luiz Ribeiro, major José Agostinho e o distinto redactor da «União», Miguel Forjaz. O tenente Aniceto A. dos Santos Junior oferece-nos um exemplar do «Dia»—numero especial dedicado aos continentais.

8 horas. Chegam os presidentes da Junta Geral e da Camara Municipal, respectivamente srs. dr. João de Mendonça Pacheco e Melo e Manuel Borges de Avila, que acompanham o sr. Teotónio Palm de Bruges—descendente illustre dos antigos donatarios da ilha—e que, em nome da Terceira, saudamos os continentais, depois de feitas as apresentações pelo sr. dr. José Bruno. O sr. dr. Francisco Valadão, secretario do Governo Civil, representa o illustre chefe do distrito.

O sr. Borges de Avila, presidente da Camara, oferece á missão de estudo uma linda «corbeille» de cravos, de que prendem fitas brancas, com uma entenece-dora dedicatória.

Desembarcamos. No caes, repleto de gente, a recepção é carinhosa e festiva. Entre a multidão, destacamos os srs. dr. Manuel Lino, conego José Augusto Pereira, P.ª Costa Ferreira, dr. Francisco Valadão, Adriano Gomes de Figueiredo e o grande poeta dr. Armando Côrtes Rodrigues.

Forma-se o cortejo, que atravessa a cidade, engalanada, entre palmas e flores, até á sede do «Tennis Club», onde nos é oferecido um pequeno almoço. O illustre poeta tercedense sr. Gervasio Lima manda distribuir pelos continentais o seu novo livro—«Esboço Histórico da Ilha Terceira».

Meia hora depois visitamos a cidade: —Castelo de S. João Baptista (onde encontramos o famoso prelo Zichacha, sobrinho do Gungunhana); Camara Municipal; Sé; Igreja do Colegio, etc., etc.

Depois do almoço no «Tennis», seguimos para a Praia da Vitoria—que fica á beira-mar.

No Largo da Luz aguardam-nos, com muito povo e uma banda de musica, os srs. Kilberg, presidente da Camara, dr. Gomes Menezes, juiz de direito, dr. Rocha, veterinario, Neves, presidente da Associação Commercial, P.ª Silva, paroco da matriz, Sá Pereira (filho do deputado Sá Pereira), Sousa Martins, da Comissão Executiva da Camara, etc., etc.

Faz as apresentações o sr. dr. Francisco Valadão, illustre filho desta terra, e o cortejo, entre flores que nos despedem das varandas, segue pela rua de Jesus em direcção ao Jardim, onde se ergue a eua do reedificador da Vila da Praia, Condeheiro José Silvestre Ribeiro.

Aqui, o sr. dr. Joaquim Manso, num eloquente improviso cheio de ardor patriótico evoca as figuras do Passado que se bateram pela Liberdade. («Calorosos aplausos»).

Falam ainda: uma senhora e o sr. Condeheiro Luiz de Magalhães, que recorda a estada do seu Pai, o grande tribuno José Estevão Coelho de Magalhães, na Terceira, aquando das lutas liberais.

Na Camara Municipal houve recepção, trocando-se discursos, tendo usado da palavra, em nome dos continentais, o sr. dr. Joaquim Manso. E depois de visitarmos a igreja, regressamos a Angra.

Uma nota interessante: Em Angra, os continentais são cumprimentados pela «Fanfarrá Operaria Gago Coutinho e Sacadura Cabral», que se fez acompanhar do seu presidente, tendo usado da palavra, num brilhante discurso, em nome dos simpáticos operarios, o sr. Manuel Soares de Medeiros, e, por parte dos continentais, os srs. dr. Joaquim Manso e Conde da Nova Goa.

Tambem a direcção da «Confederação Operaria Tercedense», num simpático gesto, saudou os continentais, tendo ofe-

(Ver continuação na 20.ª pagina)



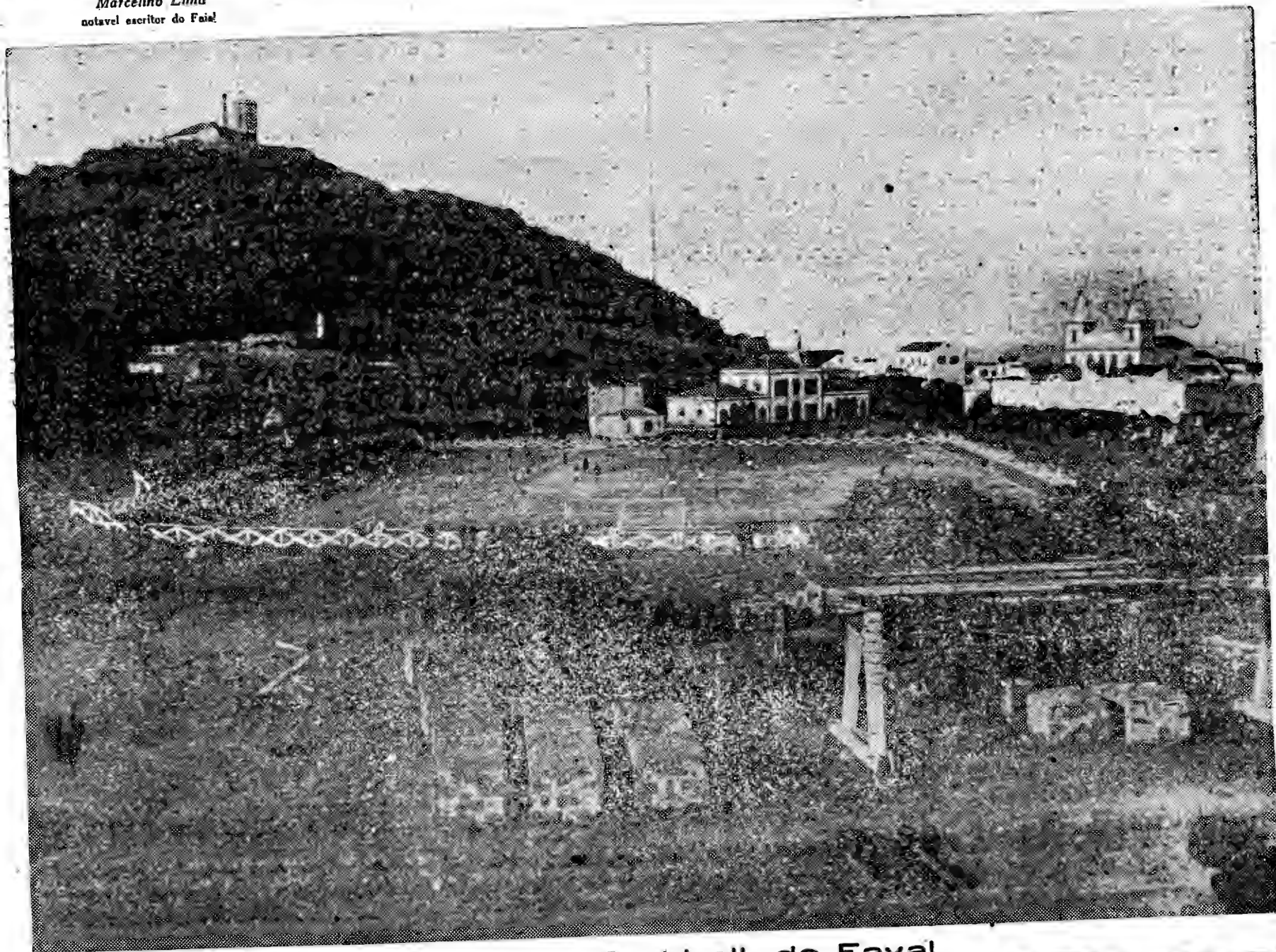
Marcelino Lima
notavel escritor do Faial



A ilha do Pico
vista do Faial



Manuel da Camara
escritor e notavel orador



Campo de «foot-ball» do Fayal



Comendador Eduardo Butão
importante capitalista



Dr. Manuel Neves
medico e professor e influente politico



Padre Osorio Goutart
professor e distinto orador

Sociedade Corretora, L.^{da}

Ponta Delgada - S. Miguel - AÇORES
Endereço telegrafico:—Corretora - Ponta Delgada
Gerente: C. FRAZAO PACHECO

Agencia de navegação e todas as
operações comerciais dentro do país
e no estrangeiro

Secção agricola:

Cultura e exportação de ananazes,
bananas, batatas, cebolas, etc.

Fornecimento de todos os
materiais de embalagem

Sociedade Corretora, L.^{da}

Agencia de Lisboa
24, Praça Duque da Terceira
LISBOA

Companhia de Navegação

CARREGADORES AÇOREANOS

SEDE: Ponta Delgada - S. Miguel - AÇORES
Endereço telegrafico: Shipper - Ponta Delgada
Director-delegado: C. FRAZAO PACHECO

Linha regular, entre Açores, Havre,
Londres, Hamburgo, Antuerpia
Porto e Lisboa

Agentes gerais em Portugal:
Sociedade Corretora, L.^{da} - Agencia de Lisboa, 24, Praça
Duque da Terceira, LISBOA

Agentes gerais no estrangeiro:
Tatham Bromage & C.^o, L.^{td} 24/28 St. Mary Axe.
LONDRES

Agentes

PORTO: David José de Pinho, 20, Rua da Nova Alfandega
ANTUERPIA: Eiffe & C.^o, 10, Quai Van-Dick — PARIS:
Caplain & Strauss, 11, Faubourg Poissonnière — HAVRE:
Caplain & Strauss, 28, Rue J. B. Eyriès — HAMBURGO:
Peter Ernest Eiffe & C.^o - Ballinhaus - Am Messeberg
Hamburgo I

Frazão Pacheco & Comandita

CASA BANCARIA

Ponta Delgada - S. Miguel - AÇORES

Socios comanditarios { Companhia de Navegação "Carregadores Açoreanos"
Sociedade Corretora, L.^{da}

SOCIO COMANDITADO E GERENTE:

C. Frazão Pacheco

Efectua todas as operações congengeres

DUAS PALAVRAS

A velha aspiração

da autonomia das ilhas adjacentes
só pode ser realizada
depois de modificado peça por peça o Poder Central

Meu caro Joaquim Manso:

A's massas, como aos Exércitos, são indispensáveis os chefes. Chefes que as orientem e que as governem. Esta necessidade de subordinação é universal, embora a sua intensidade dependa de vários factores de psicologia étnica. Os alemães, por exemplo, mantêm como nenhum outro povo a predisposição psíquica para a obediência e para a disciplina, se exceptuarmos certos núcleos da população rhenana, pronunciadamente individualistas. Quando os chefes não existem, ou quando não cumprem o seu dever, a insensibilidade das massas nada mais é que um corolário desta ausência ou desta inaptidão. Conhece você, meu caro Joaquim Manso, a organização — a que chamarei perfeita — do socialismo germano em 1895. Pois quando contra os direitos e os interesses de milhares de operários se restringiu, em Saxe, a capacidade eleitoral, conservou-se a massa trabalhadora em absoluta apatia, não obstante a campanha de milhões de folhas volantes e o furioso rebato de cento e cinquenta reuniões. E porquê? Porque os chefes haviam-se esquecido de previamente demonstrar às organizações operárias a significação e as consequências dessa perda de capacidade eleitoral. Desconhecedoras das premissas, as massas conservaram-se impenetráveis às conclusões. Culpa das massas? Não: culpa dos chefes. Dirigir, é debater para explicar e é explicar para convencer.

Nada de mais subtil — e por outro lado nada de mais fácil — que dirigir homens. E sendo as faculdades de direcção bem mais filhas do instinto que da inteligência (pois governar é sobretudo uma função do instinto) todo o ser humano surge, neste mundo, já fadado para dirigir ou para ser dirigido. E' ingênita a ambição do mando? Sem dúvida. Mas o destino é que, numa dada altura da vida de cada ser, misteriosamente se encarrega de o integrar na sua função natural. Entre nós, porém, os fenómenos de direcção — como aliás todos os outros fenómenos políticos — desenvolvem-se pela inversa. Quere dizer: os dirigentes, em vez de surgirem do alto das massas, surgem de baixo. Caímos assim no regime do *anonymato açado*, totalmente ministeriável. A massa popular, que o exerce pela experiência, tolera-o pela apatia. E não reconhecendo na quasi unanimidade dos chefes de acaso e de bamburrio, criados pe-

los corrilhos e pelos sarilhos, qualquer espécie de autoridade moral, a massa não só os exerce: a massa despreza-os também.

Eis, meu caro Manso, porque nos encontramos em desequilíbrio e em perigo. Em vida anormal do Estado. Em crise que é mais do que política, porque é nacional. Nos começos da República, combatia-se e vivia-se em regime normal de partidos. Sem pretender neste momento analisá-los, tínhamos três partidos, tínhamos três chefes, tínhamos três fórmulas distintas. E agora? Agora — o que temos?

Ah! nada se cria e sobreposse ou artificialmente. Nem chefes, nem partidos, nem programas, nem governos.

A natureza, é o equilíbrio. Tentar violar as leis da natureza, que igualmente regem todos os fenómenos políticos, o mesmo é que tentar acender um fosforo — no fundo do oceano. Exilado o Poder — na sua unidade, continuidade e intenção nacional — a velha maquinaria do Estado automaticamente emperrou. Daqui e com o desaparecimento do duplo, simultâneo e necessário *contrôle* do Legislativo sobre o Executivo e do Eleitorado sobre o Parlamento — a seguinte definição: a sociedade portuguesa é uma aberração colectiva. E não me refiro, apenas, à sociedade política. Sofremos de uma doença geral? Talvez. Mas de singulares, mas de específicos resultados. Todos os Estados modernos, ou melhor, todos os Estados que se geraram sob o domínio

dos princípios ultra-revolucionários do Código de Napoleão, mais ou menos enfermam do mal orgânico do *estatismo*, isto é, da *macrocefalia centralizadora* e do *parasitismo administrativo*. Ao passo porém que lá fóra este mal é vigiado por médicos, aqui é o por curandeiros. Ao meu nacionalismo não repugnam os radicais, quando patriotas; repugnam os radicais, quando charlatães. Por instinto — e por previsão. Como você também sabe, meu caro Joaquim Manso, o desfecho de toda a política degradante é só um: é o de uma política sangrenta.

* * *

Como bafo de queimada remota, vão estas filosofias direitas ao Arquipélago açoreano, ao qual você dedica o *Diário de Lisboa* de hoje. Que pretendo eu com elas? Pretendo unicamente demonstrar à população admirável das ilhas — ainda sã do vil conúbio continental por esse maravilhoso isolador que é o oceano — que as suas aspirações de autonomia serão sementes lançadas à duna morta enquanto — peça por peça e homem por homem — nós não modificarmos o Poder Central. Tanto as províncias portuguesas como os Açores e a Madeira, são o reflexo natural do *Centralismo*, como este é, por sua vez, do bárbaro instinto de defeza de um Estado consciente de um divórcio: o da Nação.

Toda a Política se exerce em bloco e não em episódio.

DILEMA

Dá-me a tua mão tremente. Devagar...
— Porque me prendes, palida de espanto,
E, se te digo que te vou deixar,
Vejo o pavor no teu olhar em pranto?

Não respondas! Eu sei. Sentes findar
O minuto de fel e de quebranto
Que em nossos corações deve matar
Esta paixão sombria — este amor santo...

Sim. E' força partir. Nesta loucura
Andamos nossas vidas a queimar,
Cada vez mais distantes da Ventura...

Fatal dilema, que nem sabes lêr!
Ou eu me perco — para te salvar,
Ou tu te salvas — para me perder!

RAPOSO DE OLIVEIRA



Trindade Coelho

Emquanto não transformar o todo, como posso eu obter o mínimo? Os Açores e a Madeira bastam-se e sobejam-se?

Sem dúvida. São d'ouro as suas populações rurais e as suas *élites* desprezadas? Sem dúvida também. Mas na investida mecânica do nosso direito público é o *desconcerto total* que explica o *falso equilíbrio*. Afinar, na máquina aos solavancos penosos, as suas peças insulares, seria fazer saltar fóra as peças de Lisboa. Ora Lisboa, por instinto de conservação, defende-se deste modo: desequilibrando tudo para poder equilibrar-se. No entanto, quem como nós, meu caro Joaquim Manso, pisou ilha por ilha, ao continente volta confiado. As bruscas oscilações — como as grandes depravações — confinam-se a um núcleo metropolitano e transitório, que dentro em pouco sentirá os paroxismos da asfixia nas malhas apertadas do câmbio que provocou. Permanece intacto, fremente e latente, o nosso fundo celta de idealismo e coesão. Não é um orçamento de comes e bebes que apaga uma epopeia de terras e mares. Aplacou o Reformismo as iras civis sentando todos à mesa — e mandando servir o jantar. Saiu errada, nos tempos correntes, a aplicação da receita e da manha. E' que só uma mão de nabos, agora — está pela hora da morte.

Abraça-o o seu camarada, admirador e amigo

Trindade Coelho

Teatro MARIA VICTORIA

HOJE, em duas sessões às 8,45 e 10,45

O maior agrado em revista

Sempre com surpresas — Atracções — Novidades

RÉS-VÉS

Gracia às pilhas

«O AFONSO E O XUÃO»

O comboio n.º 6

HOJE no

Teatro APOLO

POR TERRAS DE ENCANTO

As nove ilhas maravilhosas DOS AÇORES e a esperança eterna de Zixaxa sobrinho do Gungunhana

Os Açores compõem-se de nove ilhas que, embora filhas do mesmo berço, têm um corpo e uma alma inconfundível. E' necessario visitá-las todas: são vinhos diferentes saídos da mesma cêpa.

Banha-as um mar que amorosamente as cinge, caprichando em variar-se, junto das suas costas.

Em grandes grutas, cavadas na rocha, as ondas entram bravias, rugidoras e desgredhadas: quando saem, vêm brancas, macias e bucolicas, como se tivessem ido á primeira comunhão.

* * *

A's vezes, a costa desce a prumo de uma altura de centenas de metros. Notam-se vestígios de antigas lavas — tremendas horas de parto em que a terra angustiada sentiu estalar-lhe o coração.

Quem mede com os olhos a distancia que vai do mar até lá acima, receia surpreender no ar qualquer enorme bloco, despenhando-se com fragor, a fim de saciar-se de uma sede secular, no macio regaço das espumas.

Não é assim: somente um fio de agua limpida canta em surdina — ao descer a rocha, emusgada de verde escuro e salpicada de manchas de fetos pardacentos — uma fresca barcarola.

Nos Açores, a natureza responde ao infinito do céu e do mar, pedindo-lhes colaboração para um ligeiro poema em redondilhas. Esse poema existe feito pelos três, mas a forma pertence ás ilhas.

* * *

Bandos de gaivotas abeiram-se do navio, graciosas em seus vôos, descrevendo curvas tão suaves que parecem desenhar ondulações de paisagens que elas adivinham no fundo do mar.

Donde vêm? Que buscam? Que fazem? São cativas de uma tentação — namorar o Oceano. Não podem viver em terra: a saudade mata-as. E cumprem o seu destino exemplarmente, piando, piando, amarguradas, até que num derradeiro vôo — as azas quebradas, as penas dispersas — o velho monstro lhes dá a morta-lha fria e um beijo de despedida.

* * *

A ilha de Santa Maria tem o seu pequeno cais rustico para viajantes e mercadorias. Uma escada de pedra limosa, escorregadia, com meia duzia de degraus, permite subir para terra ou descer para o mar.

Basta lançar os olhos para o interior que pronto se surpreende a giesta alardeando o seu oiro, dum amarelo tão vivo que a vista se ofende, e espalhando um perfume forte e perturbante que anda pelo ar, aos tombos, como um ebrio.

Porque existe a miséria do cais e da sua pobre escada, ao lado de aquarelas e manchas tão luminosas?

O continente ignora esta ilha e ela por sua vez desconhece o continente. O cais está em harmonia com as suas ambições. A sua

vida de relação cabe toda na celebre escada. Quando as tempestades do mundo chegam a Santa Maria, já as rosas floriram três vezes.

Viver lá é o mesmo que conquistar a felicidade, como quem apanha pecegos ou laranjas: basta estender o braço para a arvore da vida — bucolica, complacente, carregada de frutos.

Numa porta, vimos escrito:

— Compram se *dollars* por conta do Banco Ultramarino.

O *dollar* anda pelos Açores a fazer de moeda forte, saudavel, imperialista, enquanto o nosso escudo vadía pelas algibeiras de cada um, como um candidato á tuberculose.

Nota politica: — Em Santa Maria encontramos monarquicos, republicanos nacionalistas e um democratico desiludido.

Fraternizam, porém, todos no mesmo grupo dramático. A arte serve-lhes de fanal. E' possivel que Desdemona ou Hamlet ainda vão curar-se a Santa Maria das complicações sentimentais das suas respectivas neurasthenias...

* * *

Em S. Miguel, a doca cai aos pedaços. Precebe-se logo que o poder central anda por longe, distraído, talvez sorrindo, como Daniel na Cova dos Leões.

Ponta Delgada trabalha, progride, educa-se e exporta ananazes, assucenas, chá, tabaco, assucar e inhames.

Produce um vinho — o *vinho de cheiro* que umas vezes sabe a rosas e outras a musgo e sempre a alecrim de S. João.

Tem um jornal — *O Correio dos Açores*, um jornalista — o dr. José Bruno. Um e outro lutam pela autonomia do arquipelago.

Como Lisboa é uma cidade preguiçosa, sonhadora e revolucionaria, Ponta Delgada pede-lhe justiça e... bom senso.

Quando um dia se faça ouvir, os seus jardins hão de florir duas vezes.

S. Miguel tem, entre as suas imortais belezas, estas maravilhas — a Lagoa das Sete Cidades e as Furnas.

Na Lagoa, ha uma aliança do sublime com o gracioso, da saudade com a paixão que o viajante julga ter chegado ao fim duma grande aventura guiado por uma gondola.

Nas Furnas, respira-se fogo, enxofre: a paisagem é tão vasta que os olhos não a podem abarcar. A forja do Vulcano não deve ficar longe.

No parque do marquez da Praia, descobrem-se vestígios da passagem dum grande senhor. No seu abandono de hoje, as arvores choram a morte dum amigo. Onde estão os seus herdeiros — os herdeiros do seu gosto?

* * *

Angra do heroísmo é um trecho amavel da nossa historia. A cidade mostra-se alegre, bonita, buliçosa. um ar de aristocracia que se fixou em gestos naturais, em sorrisos fidalgos.

Tem festas, arraiais, touradas de corda em

que as bandarilhas são substituidas por chapéus de chuva. A' entrada do porto, erguem-se dois velhos fortes, a sonhar conquistas de outros tempos.

Num deles, conserva-se ainda o quarto em que D. Afonso VI arrastou a desgraça de não ter esposa, nem familia nem alma. A sua dôr obscura, quasi mineral, não conseguiu tradu-

zir-se em palavras. Foi um rei Lear sem teatro.

E lá nos apareceu Zixaxa, da estirpe ri do Gungunhana, feito sargento, tecendo cestinhos de junco e esperando o seu trono, msertão, num desespero mudo que parece um cobra enrolada.

— «Ainda contas voltar á Africa, ó príncipe?»

No seu silencio, presente-se uma esperança de quatro mil leguas.

Numa sala do governo civil, admiramos retrato de D. Sebastião de que falou Garrett. Se porventura reproduz o original, o rei Desejado devia ser pelo menos imbecil.

Que pena a psiquiatria não ser uma sciencia já constituída, antes da partida para Alcaccer Kibir!

Nunca tinhamos visto qualquer retrato de D. Teodosio, o filho de D. João IV que o padre Vieira educava para creador do quinto mperio. O seu rosto é de donzela. O tronco e as pernas talvez lhe fossem ajuntados, provisoriamente, para segurar a cabeça.

O passeio á Praia da Vitoria dá á Ilha Terceira o aspecto grandioso duma avenida trçada num parque rial.

Junto da estatua de Silvestre Pinheiro Ferreira, saudamos a liberdade. Na Camara Municipal, o logar comum triunfou. Na terra onde os nossos avós souberam sofrer e lutar



A comissão de senhoras que recebeu
1.º plano — Da esquerda para a direita: D. Maria Mont'Alverne de Sequeira, D. Maria da Camara — 2.º plano: D. Georgina Forjaz Tavares Carreiro, Viscondessa do Porto For

memórias apagaram-se. O mar azul e verde, inquieto e dourado, nem se lembra já dos mens que o sagraram para a vida heroica.

* * *

No Faial, toca o cabo submarino—um farol de vida internacional. A colónia estrangeira domina, dá o tom.

As senhoras datam as suas maneiras e as suas *toilettes* de Londres—em bilhete postal estrangeiro.

Uma encantadora menina disse-nos com a maior ingenuidade:

—«Só casarei com um estrangeiro, porque nossos rapazes não sabem vestir-se nem ouvir oiro.»

Quando chegámos ao porto, aguardava-nos uma flotilha de barcos, vindos do Pico, embandeirados, tripulados por caçadores de baías.

Grande scena de pitoresco, movimento e vida.

Os pescadores são tipos de optimo barro, vestidos pelas aragens salinas, rijos de musgo e bem portugueses no olhar. Os barcos pequenos, ligeiros quais enguias, evoluem com elegancia.

Fizemos a volta da ilha, enchendo os olhos paisagens prodigiosas—em vales, em encostas, em montes e à beira-mar.

Um autentico album de terra encantada.

Assistimos a uma exposição de bovinos, que tranquilamente se prestavam aos progressos da zootecnia.

Numa aldeola, rapazes e raparigas, endomingados, dançaram e cantaram lindamente a *chama-rita*—uma dança de bailarins em filas, avançando, recuando e cruzando-se, como se quizessem esboçar um minuete de...

pastores.

De ascensão em ascensão, fomos parar ao alto dum monte—todo em cascatas de verdura.

Que horizontes!

Quem nunca aprendeu, numa mirada circular, a estudar a teologia do orbe—o dedo de Deus a traçar destinos e a rasgar estradas para a imensidade—vá ao Faial.

* * *

O Pico levanta-se em frente do Faial—uma ilha de grande base vulcanica, chamuscada por estranhas labaredas, chupada, dolorosamente, por uma cratera situada a 2:300 metros de altitude.

A nevoa apaixonou-se pela eminencia escalvada, dormente.

Os faialenses cultivam a meteorologia, seguindo de longe as suas evoluções.

De vez em quando, cola-se-lhe ao corpo como um gibão apertado.

Onde está o Pico?

Ninguém o descortina. A nevoa tenta seduzi-lo, domina-lo.

De repente, o sol surge com os seus guizos de oiro. O vento agita-lhe bruscamente as rendas.

A nevoa rompe-se e o gigante de face adusta entremostra o capacete liberto do longo abraço humido, pondo ao pé das nuvens a expressão dura, intratavel, do seu sonho de lavas, de flamulas bailando como elfos.

* * *

A ilha do Corvo, a mais longinqua e a mais pequenina, parece uma ilha-brinquedo. Todos falam dela como dum eden, mas ninguém lá quer viver.

Só os corvinos a amam, porque são poetas sem o saber.

Vão á America buscar «dollars», metem-nos na algibeira e voltam para os seus casebres, como os coelhos para a sua lura. Um deles mostrou-nos uma aguia americana—vinde «dollars».

Queres vender-ma?

Por dinheiro nenhum... Guardo-a para comprar uma vaca.

Os corvinos são ao mesmo tempo pescadores, agricultores e pastores. O mar dá-lhes o peixe, a terra os frutos, os rebanhos o leite.

Acham-se felizes, imaginando que o orbe é tão limitado que cabe inteirinho no Corvo.

Realmente, a sua ilha não tem historia e no mapa é um simples ponto.

Por falta de espaço, os acontecimentos passam-se, em casa de cada um. A cronica faz-se de janela para janela, de balcão para balcão.

* * *

A Graciosa pretende ser a ilha dos Amores. O relevo dos seus três outeiros e a capelinha sorridente, como uma prece de criança ao seu anjo da guarda, têm uma delicadeza de pitava camoneana. E' possivel, porém, que Camões não pensasse nela. Mas que importa

isso? Os graciosenses descobrem assim a sua maneira de colaborar nos *Lusíadas*, sem cometer erros de versificação.

* * *

Na ilha de S. Jorge—comprida e estreita, com o dorso alto, como o rocante de D. Quixote—desembarcámos em Velas—uma linda vila que de longe parece um pombal.

Visitámos as suas fabricas de lacticínios, contemplámos as suas pastagens onde bois e vacas recitam eglogas seiscentistas. Bebemos leite puro—coisa que já no tempo de Virgílio era rara.

Ao cair da noite—que lento baixar de sombras e que religioso acender de estrelas!—no regresso ao cais, fomos cercados por um grupo de velepes que nos falaram do esquecimento a que os vota o poder central.

—Desde 1910 que não fazem caso de nós...

Era a questão politica que aparecia, encaipotada.

Respondemos-lhe:

—A Republica é muito nova e a impaciencia desta ilha, muito velha. Que diziam os senhores, antes de 1910?

—Esperavamos com mais fé do que agora.

—Pois renovem a sua confiança e aguardem o futuro!

E, desde então, S. Jorge pertence ao numero dos nossos cuidados... politicos. Pa-decemos da sua inquietação.

* * *

Para nos aproximarmos da ilha das Flores é necessario transpor cachões de espuma. Uma turba aguarda noticias da America e do continente.

O mulhierio ri, chora, canta ou suspira. Uma carta pode trazer boas ou más noticias...

Duas raparigas—perfis delicados de pastel—preguntam a uma velhota que enconcha as mãos sobre os olhos para ver ao longe a *marinha* do «S. Miguel»:

—«Espera noticias do seu filho?»

Ela absorta não responde. Embevecida numa saudade, a sua alma paira sobre New Bedford.

A agua brota das fragas, aos saltos, abrindo pequenos leques de prata, entoando uma canção enire ramisculos.

Nas Flores, as hortensias formam sebes vivas, andantes, resando orações.

Onde é o seu convento?

A's vezes dão-nos a impressão de que se entregam a dansas de roda, esquecidas do rosario. Quando o vento abranda, interrompem a sua marcha e quedam-se, muito juntas como comunidades recolhidas. Meditam no misterio das suas corolas que anseiam por abrir.

O sol, a caminho do meio dia, põe-lhes oiro nas folhas dum verde tenro, mas severo. Elas bebem a luz, sofregamente, não se lembrando como as rosas e assucenas, de criar um aroma.

Nas suas flores muito brancas, timbradas de azul palido, entremostra-se um desejo que expira em labios exangues, virginais...

Joaquim Manso



Exposição de estudo em Ponta Delgada

Machado de Freitas da Silva, D. Cristina d'Albuquerque de Bettencourt de Medeiros e Castro, D. Francisca Ermelinda da Mota d'Andrade Albuquerque, D. Beatriz Riley da Mota

UM AÇOREANO ILUSTRE

A obra de José do Canto

nas letras e na agricultura

e o que foi a sua nobre e exemplar vida



José do Canto

Sem pretensão de fazer a sua biografia apenas vamos apontar aos que o desconheciam, traços da sua vida.

Nasceu em Ponta Delgada em 20 de dezembro de 1820, tendo falecido a 10 de julho de 1898, na mesma cidade.

Filho 2.º do morgado José Caetano Dias do Canto e Medeiros e de sua primeira consorte D. Margarida Isabel Botelho.

Consoviou-se em 1842 com a morgada D. Maria Guilhermina Taveira Brum da Silveira.

Recebendo por assim dizer com o leite os sentimentos de dedicação cívica de que seu Pai lhe dava nobres exemplos, educado entre os austeros lutadores que formaram a pleiade de Manuel Antonio de Vasconcelos, André do Canto, Nicolau Antonio Borges, José Jacome e tantos outros, o seu espirito, naturalmente propenso á reflexão desde os verdes anos, devia sofrer uma profunda influencia dessa atmosfera de iniciativas grandiosas e cometimentos patrióticos que, mais tarde, o absorveram quasi por completo.

Aos 19 anos fez a sua estreia literaria, no «Monitor» (n.º 46), num artigo que foi, como mais tarde Castilho disse, a revelação dum escriptor vernaculo.

Colaborou no «Agricultor Michaelense» de que foi um dos fundadores e no «Almanack Rural», deixando muitos escritos — V. Dic. Bibl. vol. IV — pag. 288.

A sua principal obra foi a «Coleção Camoniana de José do Canto—Tentativa de um catalogo metodico e remissivo».

Iniciou estudos sobre um manuscrito de Sá de Miranda — Codice D, aos quais a Sr.ª D. Carolina Michælis de Vasconcelos se refere com justiça e elogio na edição «Poesias de Francisco Sá de Miranda — Hall 1885 — Introdução pag. L LI.

Para bem se aquilatar do seu caracter pode ler-se o seu manifesto «Aos Michaelenses que pretendiam elegêr me deputado», publicado em 1852.

Não só as letras o prenderam e assim, foi um dos fundadores da Sociedade Pro-

motora de Agricultura Micaelense, da qual foi secretario durante muitos anos. Se não estamos em erro, foi esta a primeira das associações deste genero, em Portugal.

Foi, por sua iniciativa, esta Sociedade que ensaiou a cultura de chá e seu fabrico, mandando vir da China plantas e trabalhadores especializados.

Mais tarde foi o primeiro que fez largas plantações e mandou vir mais chineses por sua conta propria.

Em 1851 ensaiava a cultura do ananaz em plena terra, e daí resultava, depois, a exploração industrial daquela planta, até então cultivada em vasos por mero recreio e sem futuro algum.

Ao mesmo tempo que planeava, riscava e executava, com o auxilio de jardineiros estrangeiros, o seu jardim botanico, importava milhares de variadissimas especies botanicas e florestais com que também povoou as matas das Furnas.

O seu jardim botanico, notavel na Europa, «tem sido um poderoso elemento de propaganda micaelense».

Tambem construiu granjas modernas e foi um lavrador progressivo.

A sua maior gloria, porém, está ligada á lei de 9 de Agosto de 1860, que, como é sabido, permitiu a construção da doca do porto artificial de Ponta Delgada.

A historia das diligencias, viagens, canseiras, gastos e dissabores porque passou, daria um volume, e dos maiores. Tudo a sua energia venceu e «á sua terra prestou o maior dos seus serviços.»

Em 1861 foi contratado o engenheiro inglês John Ronie, e as obras tiveram o seu inicio.

José do Canto passou 13 anos da sua existencia em Paris, onde muito conviveu com Ferdinand Denis, o sabio e erudito director da Biblioteca de Santa Genoveva, um dos maiores amigos de Portugal e da literatura portuguesa. Havia da parte do velho bibliotecario uma suprema estima por José do Canto e pediu-lhe para lhe rever muitos dos seus estudos sobre Portugal.

O manuscrito de Sá de Miranda, a que atrás fizemos referencia, foi por Ferdinand Denis posto ás suas ordens.

Do celebre Biliofile Jacob foi amigo e manteve estreitas relações, entre outros academicos e literatos, com Edmond



Antonio Hintze Ribeiro

About, Leon Gautier e Lamartine, de quem conservava, em lugar de honra, na sua biblioteca, uma fotografia com lisongeira dedicatoria.

Mas foi, principalmente, no grupo dos professores do Museum d'Histoire Naturel de Paris onde mais relações cultivou. O sabio Decaisne, director do Jardim das Plantas, com quem se correspondeu até á sua morte, foi talvez o mediador de umas relações com Daubré, com os irmãos Saint-Claire, Deville, Richard Broignart, etc.

Foi intimo amigo do sabio Fouquet, que visitou a Ilha do Pico a instancias suas.

Esteve tambem muito em contacto com o celebre engenheiro Alphant, director das obras publicas de Paris.

A esta celebridade recorreu para o plano dos seus jardins das Furnas e da Sociedade de Agricultura de Ponta Delgada.

Em 1866 foi incumbido pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra de contratar um botanico pratico para dirigir o jardim daquela faculdade, tendo escolhido Edmond Goëze, discipulo de Decaisne e um ousado inovador.

Em 1848 foi presidente da Junta Geral do Distrito.

Do artista e homem de fé fica como padrão a igreja que mandou construir á beira da Lagôa das Furnas, em cumprimento de piedoso voto.

«Apesar dos seus meritos teve a virtude da sua modestia. Desprezou todas as honras e jâmais armou á popularidade. Podendo aspirar a muito alto circunscreveu-se a bem servir a sua Patria. O seu desprendimento de vaidades assinalou-se primeiro no opusculo em que regeitou a candidatura de deputado e revelou-se toda a sua vida. Das mercês que lhe quizeram conferir aceitou unicamente a de socio da Academia Real das Sciencias, na qual ia um preito ao seu querido Camões.»

Nobre e grandioso exemplar de vida prestimosa e pura!

A. H. R.

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento

VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 %

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos

os generos de mobílias nos estilos antigos e modernos

MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.

A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Rua do Desterro, 17 a 29

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FOR-
RADO DE PELLE, ETC.

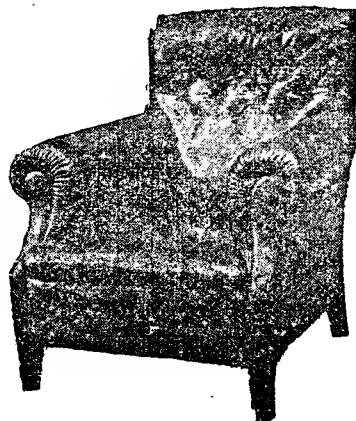
MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLATO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATAIA 36 a 40—(Predio todo)

TEL. C. 3082



VERSOS

Quando

POR

Antonio Moreno

Quando os meus olhos se embebem
Dos lírios na densa alvura,
Eu digo: — Só tu, minha alma
Nunca tens esta candura...

Quando aguss brancas, da rocha
Se despenham na deveza,
Eu digo: — Só tu, minha alma,
Nunca tens esta pureza...

Quando, mimosa, a violeta
Rescende tanta humildade,
Eu digo: — Só tu, minha alma,
Escutas tanto a vaidade...

Quando, do incenso abrasado
Sobe, em ondas, o perfume,
Eu digo: — Só na minha alma,
Não sinto acender-se o lume...

Quando, nos montes, sosinha
Ergue-se a urze do chão,
Eu digo: — Só tu, minha alma,
Tens medo da solidão...

Quando vejo o tojo bravo
De tanta flôr se vestir,
Eu digo: — Só tu, minha alma,
Já tardas tanto a florir...

Quando a pomba, onvindo o tiro,
Voa noutra direcção,
Eu digo: — Só tu, minha alma,
Nunca temes a traição...

Quando, livida, ao sol posto,
Vejo a rosa a fenecer,
Eu digo: — Só tu, minha alma,
Receias tanto o morrer...

Senhora das Sete Dôres!

Dos altos ceus onde existes,
Senhora da Piedadel!
Põe na terra os olhos tristes,
Senhora da Soledadel!

Virgem das longas estradas,
Sombrias, negras, sem flores!
Senhora das sete dores!
Senhora das sete dores!

Virgem que nunca se cança
De valer aos desvalidos!
Oh Senhora da bonança!
Senhora dos foragidos!

Conforto dos nossos pais!
Virgem da Consolação!
Nossa Senhora dos ais,
Do desterro, da aflicção!

Senhora que chorou tantol
Nossa Senhora da Cruz!
Nossa Senhora do prantol
Nossa Senhora da luz!

Nossa Senhora dos mares!
Nossa Senhora dos Sós!
Virgem dos fundos pezares,
Maria! Chora por nós!

Chora que o odio homicida
Semeia no mundo horror!
Nossa Senhora da Vida,
Traze a victoria do Amor!

Tantos, tantos, noite e dia
A cair agora... agora...
Oh Senhora da Agonia!
Senhora da boa hora!

Linda Virgem que em Belem
Pudeste um filho oscular,
Não ouves por ai além
Tantos orfãos a chorar?

Senhora do bom conselho!
Virgem da paz e esperançal
Sobre o diluvio vermelho
Traça o arco da aliançal

Ai Mãe! Se não nos assistes
O mundo faz-se em destroços!
Senhora dos olhos tristes
Olha a tristeza dos nossos!

Antonio Moreno

IMPRESSÕES

O que valem

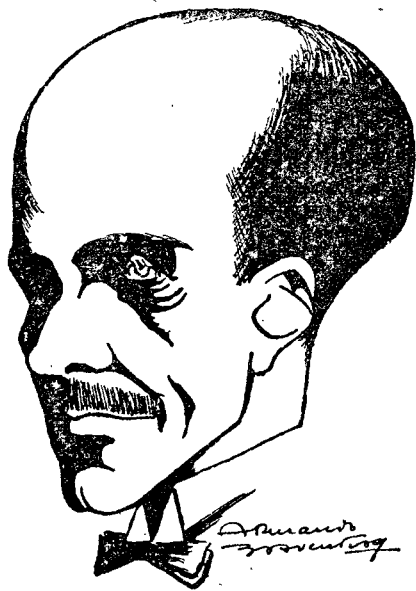
as ilhas açoreanas

segundo

Manuel de Bragança

Amavelmente convidado a registar no *Diário de Lisboa* algumas das impressões colhidas na minha recente e encantadora viagem aos Açores, foi com grande prazer, devo dizer, que imediatamente acedi ao delicado convite do seu ilustre director, pessoa já minha conhecida desde os bancos da escola e que agora, num convívio íntimo de trinta dias, mais fiquei conhecendo e admirando.

E' alguém no nosso meio, que marca pelo seu intellecto, pela sua orientação no jornalismo, pela independência mas firmeza de caracter, pela ousada mas pru-



Manuel Bragança

dente iniciativa, pela tempera rígida e tenaz, é um valor, enfim, para contar, pela nossa frente ou ao nosso lado, é *Alguem*.

Nestas condições, ao escrever nestas colunas, como é costume dizer e tive ocasião de declarar ao aceitar o convite, a honra é toda minha!

Os Açores! Como soam hoje diferentemente aos meus ouvidos estas palavras! Ha pouco mais de um mês, representavam ainda algumas ilhas, dispersas por esse Atlantico, conquistas de um espirito aventureiro e perdulario, especie de enteados ou pobres protegidos que a mãe Patria em má hora agasalhara e que a seus verdadeiros filhos disputavam, em concorrência, o pão e o rendimento, roubando-lhes os carinhos, os cuidados, o tempo e o dinheiro! Que mudança brusca se operou logo que cheguei a S. Miguel e ainda a bordo, trocados os cumprimentos de saudação, ouvi da boca do respeitabilissimo professor, dr. Aristides da Mota, — exemplar vivo de Bom Português — a expôr em todo o mundo — a apresentação do arquipelago.

O que fôra, de onde viera, o que é e que deseja ser. Que admiravel passado, que digno presente e que exemplar futuro; que extraordinaria lição!

«Viemos de Portuguezes, somos Portuguezes e Portuguezes queremos ser», tais foram as palavras, pausadas, claras e sonoras, com que fechou a sua bela e sincera allocução, repassada de patriotismo, sem interesse mesquinho, de nobreza sem altivez e de profundo caracter.

Só então reconheci nos Açores um irmão distante, que nunca conhecera porque não o vira nascer, nunca lhe falara ou escrevera e nada lera dele. E' bem o nosso sangue, a nossa carne, é bem o nosso oiro, é bem o nosso irmão e porventura mais puro, mais honesto e mais trabalhador.

Mais simples e mais rude, talvez, por menos *civilizado* na immoralidade, na mentira e no vicio, mas por isso mesmo mais sincero, mais leal, melhor amigo.

Arquipelago interessante e valioso, sob todos os pontos de vista que se considere, é digno da visita e maior atenção de todo o continental que se preze.

Tem historia e da mais bela, tem a arte mais sublime, tem crença da mais pura, tem o trato mais requintado, tem paisagens e vistas incomparaveis, tem commercio e industria florescentes, tem a agricultura mais progressiva. Tem todo o necessario, exclusivamente conquistado, feito á sua custa, para viver comodo e feliz, sem nada dever á Patria que o gerou, que não seja o amor de filho que sempre teve, ainda tem e jámais deixará de ter.

Sob o ponto de vista agricola e pecuario, aspecto que, como agronomo, mais directamente me prende, é dos pontos do globo mais interessantes de observar.

Pela situação geografica, pelo clima que disfruta e pelo solo em que assenta, forma como que um entreposto mundial de plantas e animais, onde as mais variadas especies vivem e largamente se reproduzem.

Desde o fructo do Continente á fructa tropical, do trigo ao chá, do café ao ananaz, do milho ao tabaco, do carneiro sul-africano á ovelha da Escocia, tudo ali vive e medra como se fôra em sua patria. E' um torrão abençoado, assente sobre um vulcão; talvez a compensação do muito que sofreu!

Todas as especies pecuarias, equinos, bovinos, ovinos, suínos e caprinos ali têm representação, merecendo cuidado ao lavrador.

Ainda que neste ramo da exploração do gado muito haja por fazer, muito também se acha feito, não representando os silos, as melhores forragens, as adubações, as noções de hygiene e preceitos zootecnicos, assunto novo para muitos criadores. Conhecem o seu valor, o seu emprego e a sua applicação.

E se aceitamos como certa a laboriosa e paciente investigação do padre Cordeiro, dr. Gaspar Fructuoso e outros mais que nos dá como despovoado de mamíferos o Arquipelago á data da descoberta, devemos de confessar que de algum modo têm trabalhado os seus habitantes, não só povoando as ilhas de todos os animais indispensaveis á sua vida e ao seu labor, como grandes e largos melhoramentos se tem produzido, desde então, na qualidade dos gados, que pelo quilate já hoje em parte se aproxima, quando não marche em paralelo, ao valor das raças mais distinctas e selectas.

Do numero, podemos avaliar pela grande exportação, que prova um excesso de quantidade, e do valor, basta dizer que alguns dos animais têm ascendencia conhecida nos principais registos genealogicos dos centros productores da Europa e da America. São filhos *d'aigo*, têm pergaminhos, não são tristes parias, filhos das hervas, de *pais incognitos*! Têm na familia registo de qualidades, de premios, de victorias alcançadas em concursos e exposições, em luta de competencia de produção.

Das industrias derivadas, como a dos lacticínios e a do fabrico ou cortume de couros e pelames, muito teria que dizer, que não cabe nestas linhas e que bem traduz a iniciativa e as qualidades industriais e comerciais dum povo laborioso, activo e empreendedor.

Em resumo, para não roubar espaço a outras linhas, mais autorizadas e brilhantes do que estas, são uns torrões encantadores aquelas ilhas, que se algum mal tem ou possam ter, que num dia deem ciume ao continente, é o de fixar o visitante que ali vá. Humidade e temperatura, isto é, lagrimas e carinhos, *entrazam-no* em pouco tempo. E' este, e não pequeno, o unico defeito que encontrei.

E agora permita V. Sr. Director, que eu não termine sem saudar todos os membros da missão que ali foi realisar o seu estudo, felicitando me pelos resultados já colhidos e pela oportunidade feliz e excepcional de conviver, durante trinta dias, numa paz e harmonia completissimas, com alguns dos mais brilhantes espiritos da nossa terra.

Manuel de Bragança

VERSOS

Invejas

POR

Antonio Moreno

Eu tenho inveja ás ribeiras:
Nunca se esquecem do mar,
Rasgam montes, comem pedras,
Sempre conseguem passar...

Eu tenho inveja ás estrelas
A fulgir na imensidade;
Por mais que a terra se turve
Não lhes tira a claridade...

Eu tenho inveja da fonte
Correndo ao pé da nascente;
Por mais agua que haja tlado
Mais dará de boa mente...

Eu tenho inveja á violeta:
Pisada tem mais perfume;
Por mais cruzeas que sofra
Não sabe erguer um queixume...

Invejo a pomba que mora
Na rocha, á beira do pego;
O mar espumando raivas
E ela dormindo em socego...

A's vezes, invejo as rosas
Batidas da tempestade:
Antes juncando as veredas
Do que servindo a vaidade...

Eu tenho inveja aos rochedos
Quando o mar põe-se a rugir;
Quanto mais as vagas sobem
Mais eu os vejo subir...

Invejo a abeilha poisando
Na flor com tanta ventura;
D'onde outras tiram venenos
Só sabe tirar doçura...

Invejo as urzes da serra
E a verdura que elas têm;
Ali, d'onde as outras fogem,
As pobres dão-se tão bem!

Invejo o musgo do mato
Rasteiro, vestindo o chão,
Contente do seu destino
Sem fazer sombra a ninguém...

Invejo o olhar das crianças,
Onde assoma linda, linda,
Alma que as lamas do Mundo
Não macularam ainda...

Invejo a pomba subindo
Tão firme, cortando o ar:
Mais alto do que ela voa
Quer a minha alma voar...

Fala um cavador

A terra onde cavei tanto
Outro a cavou para mim;
Eis o meu corpo na terra
Feito semente por fim...

Trouxe comigo os meus calos,
Logo a Jesus os mostrei;
Diz que muito me perdoa
Porque muito trabalhei...

Enxada, irmã dos meus braços,
Meu brinquedo em creança!
Minha rica chave d'ouro
D'esta bemaventurança!...

As gotas do meu suor
Tinha-as o Senhor cantado,
Por cada gota cansada
Descontou muito pecado...

Cantem-se himnos ao trabalho
Sob a chuva e no calor!
Bem dita seja uma enxada
Nos braços dum cavador!

Antonio Moreno

MOBILIAS

COMPRAI SÓ NA

T. de S. Mamede, 60, 60-A (á Politecnica)

O DIARIO DE VIAGEM

O ultimo adeus

da missão de estudo
à terra de Antero do Quental

(Continuação da 12.ª pagina)

recido, por intermedio dum encantadora filhinha de um operario, ao escultor sr. Teixeira Lopes, um ramo de flores com uma enternecedora dedicatória.

* * *

A fechar, com chave de ouro, as comoventoras demonstrações de simpatia com que Angra nos acaba de honrar, realisa-se no «Tennis Club» um bem servido e primoroso banquete, no meio do qual surge a figura simpática e gentil do illustre chefe do distrito, major sr. Manuel de Mesquita, a quem todos os continentais, de pé, tributam uma espontânea e vibrante manifestação de respeito e de agradecimento.

Trocam-se muitos brindes, e, cerca das 11 horas, embarcamos, depois de uma despedida carinhosa, cheia de affecto, que nos desvanece e comove.

Bélo, generoso, hospitaleiro povo este, da «mul nobre, leal e sempre constante cidade de Angra do Heroismo».

* * *

Mela noite—Día 14.

Partimos da Terceira costeando a ilha pela parte sul. A nosso estibordo, deixamos o farol da Ponta da Serreta. Sobre a madrugada—día 15—avistamos o ilheu de Carrapacho e a Graciosa, pela nossa amurada bombordo, indo ancorar, ás 5 da manhã, á Praia da Graciosa, entre o ilheu da Praia e a costa.

Ás 10 horas, começamos a contornar a Graciosa pela parte sueste, deixando pelo nosso estibordo o Carrapacho, largando em direcção á Ponta dos Rosais, da Ilha de S. Jorge. Avistamos, perto da costa, na Vila das Velas—alegre e festiva, que é dia do Espírito Santo—e navegamos em direcção ao Caes do Pico.

Contornamos toda a costa norte da ilha do Pico, passando por Santo Antonio e Ponta Cabrita e deixando, pelo nosso bombordo, a povoação da Madalena e os ilheus do mesmo nome. A povoação da Madalena está quasi inteira á cidade da Horta, no Faial.

Depois de dobrarmos a ponta da Espalanaca (Fayal), ancoramos á porta da doca—Horta—.

São 5 da tarde—deste mesmo dia 15. Em frente, a cidade da Horta, sobre o comprido.

Por detrás do primeiro casario, de caio fresco, os imponentes edificios do Convento do Carmo e do Collegio de Jesuitas—onde hoje estão a igreja matriz e varias repartições publicas.

* * *

A recepção que a cidade de Horta nos faz é imponente—espontânea e carinhosa. Vêm a bordo, saudar-nos, uma comissão composta dos srs. dr. Manuel Francisco Neves Junior, Visconde de Leite Perry (governador civil), Marcelino Lima, P.º José Osorio Goulart, Pedro Maria Lecoq, major Alvaro Soares de Melo, Barão de Roches, dr. Heitor Dias Cabral, Fernando da Costa, Humberto Correia, Jacinto da Guerra, etc., etc.

À noite, no teatro lindamente decorado, realisa-se o sarau. Ao som do hino nacional, ouvido de pé, atre o pano. Dois admiráveis discursos pronunciados pelos srs. Osorio Goulart e Manuel da Camara; poesias, e uma comedia interessantissima.

No dia seguinte, de manhã muito cedo, realisa-se um passeio á Caldeira. A caminho, porém, na Lombega, assistimos a uma exposição de rãdo, e a uma «folga»—baile campreste, onde, ao som das canções populares, se dança á «chamarrita» açoreana. Lindas raparigas, alegres, vivas, estufantes de graça. Uma merenda—com o classico bolo de «massa sovada» e vinhos finos.

* * *

Prossigamos o passeio. O tempo muda; escurece o céu, toldando-se de pesadas nuvens.

Um frio cortante perpassa. Vamos pela florida estrada da Caldeira, mas, impossibilitados pelo mau tempo, paramos a meio da serra, para saborearmos um belo almoço volante.



Dr. Aristides Moreira da Mota

antigo deputado e advogado e actual professor do Liceu de Ponta Delgada

De regresso á cidade—cujas belezas admiráveis de relance, sobretudo do alto da quinta do Pilar, pertencente ao sr. Visconde de Leite Perry, énos oferecido no luxuoso palacio do sr. Comendador Eduardo Bulcão, um primoroso e elegante chá.

Às 6 horas estamos, de novo, a bordo. Gratas recordações guardaremos deste dia—não podendo esquecer as inúmeras gentilezas de que fomos alvo, sobretudo por parte do sr. dr. Manuel F. Neves e das autoridades civis.

* * *

O «San Miguel» larga, fazendo-se ao sul. Deixa, pela alheta de estibordo, o farol da Ponta das Capelinhas, situado a horreoeste do Fayal. Seguímos, agora, a três quartos ao norte; noite dentro.

Pela madrugada de 17—3 horas, já o dia dealba, avistamos, pela prôa o Corvo. A estibordo, as Flores. Pelas 6 horas,

DIA 18.

2 da tarde. Dia esplendido de sol—como todos estes dias de viagem desde S. Miguel. Mar calmo—lago imenso de um lindo azul cobalto, sem vagas.

* * *

Gerez—HOTEL DO PARQUE

Quartos luxuosamente mobilados, com água corrente e luz electrica. Modelar serviço de cozinha, com e sem dieta. Expedito parque para passeio e recreio.

Recomendado pela Propaganda de Portugal—Um dos melhores hotéis das termas do país

DIA 19—4 da manhã.

Chegamos, de novo ao Faial. Às 7 de sembarcamos para visitar a esplendida vivenda do sr. dr. Manuel F. Neves Junior, onde estão hospedados os nossos companheiros Conde de Nova Goa e Teixeira Lopes, que no Faial ficaram durante a nossa ida ao Corvo e Flores.

Depois de um delicioso pequeno almoço que o sr. dr. Neves e sua esposa nos oferecem, temos apenas tempo de, rapidamente, dar uma volta pela cidade, fazer as despedidas aos nossos amáveis «cicerones» e partir para bordo.

* * *

De regresso ao continente, o «San Miguel» faz escala pelos portos por que já passámos, para receber carga.

Em S. Jorge—na risonha vila das Velas—onde chegamos pelas duas horas da tarde—esperamos uma imponente recepção preparada por uma comissão de que fazem parte os srs. Manuel Andrade, Cristiano da Silveira, Honorato Betercourt, Joaquim Ornelas e Miguel Loureiro. Faz-se representar pelo seu presidente, a Camara Municipal.

Em automóvel seguimos a percorrer parte da ilha, visitando as importantes fabricas de lacticínios. Assistimos a uma interessante «folga», saboreamos um delicioso «lunch», e, é noite, tomamos parte num pequeno sarau, no «atro», onde o sr. D. Manuel de Bragança e Oldemiro Cesar fazem conferências, ás quais preside o sr. Manuel Andrade que tem palavras de elogio para os continentais.

Pela meia noite, o «San Miguel» faz-se com rumo á Graciosa—caes da Praia—e no dia 20, pelas duas da tarde, desembarcamos de novo, em Angra, onde assistimos a uma interessante corrida de touros, á corda, em S. Carlos.

Novas manifestações de carinho e de affecto do povo da Terceira, que fidalgamente nos recebeu e recebe. O chá oferecido nesta tarde em S. Carlos é uma encantadora festa, de requintado gosto.

Em nome dos continentais, os srs. Conselheiro Luiz de Magalhães e Antero do Figueiredo vão cumprimentar pessoalmente o illustre chefe do distrito, que tão acolhedoramente nos recebeu.

E cheios de emotivas saudades desta encantadora terra, partimos, pelas 8 da noite, em direcção a S. Miguel.

* * *

DIA 21.

Estamos em Ponta Delgada. Visitamos—num adeus de despedida, as casas amigas que nos hospedaram. E visitamos a importante «Fabrica de Tabaco Micaelense».

Pela tarde, um jantar intimo, a que assistem algumas senhoras, e, pelas 11 da noite, numa despedida comoveadora até ás lagrimas, num adeus cruceante, deixamos a linda e hospitaleira terra—deixando lá nossos corações.

Partimos «açoreanos»—e ficam lá (que o diga o dr. José Bruno)—«continentais»...

Quem parte leva saudades.
Quem fica, saudades tem...

* * *

Às 4 da manhã do dia 22 ancoramos á Ilha de Santa Maria—Vila do Porto—onde somos recebidos pela Camara Municipal, representada pelo seu presidente, sr. Armando Monteiro, pelo medico, muitos marienses illustres e povo. Na villa énos oferecido um delicioso pequeno almoço e proporcionado um encantador passeio á freguezia de S. Pedro.

Pelas 10 horas seguimos viagem até á Madeira, onde nos preparam uma carinhosa recepção. Visitamos o Grande Hotel Real e subimos ao Monte, onde, no Palace Hotel, o sr. dr. Luiz Vieira do Castro nos oferece um magnifico almoço.

Antes, visitámos o palacio onde esteve hospedado o infeliz Imperador Carlos da Austria.

E... regressámos a Lisboa, numa jarde cheia de sol, depois de 33 dias de viagem.

ARMANDO BOAVETURA

PROSA

A visita

do grupo
intelectual

e os boatos que se levantaram

O jornal Correio dos Açores inseriu a seguinte local depois de ter publicado artigos de alguns escritores que tomaram parte na missão intelectual:

Concluimos hoje a publicação dos artigos da imprensa continental com que os srs. dr. José Leite de Vasconcelos, dr. Luís de Magalhães, dr. Joaquim Manso e dr. Trindade Coelho protestaram contra as perseguições feitas a funcionários públicos deste distrito, rebatendo ao mesmo tempo as calúnias e insidias com que se procurou ferir a missão de Continentais que visitaram este Arquipélago, dando-a como tendo andado pelos Açores em manifestações de hostilidade à República.

A todos, não só em nome dos funcionários atingidos como também em nome da sociedade micalense, agradecemos as altas palavras de verdade com que se ergueram a protestar contra as vilanias e as mentiras urdidas para a satisfação de odios e vinganças inconscientes.

É certo que essa obra de maldade e perversidade é da exclusiva responsabilidade de um grupo minúsculo (tão minúsculo que talvez nem seja grupo...) e que em toda a sociedade micalense não encontrou senão repulsa, indignação e desprezo, não tendo aparecido ninguém a dar-lhe qualquer espécie de solidariedade. Nem por isso, porém, deixaram de ser aqui profundamente sentidas as nobres palavras com que aqueles nossos ilustres visitantes apareceram a formular também o seu protesto, a dizer também da sua indignação e a dar-nos assim a solidariedade das suas consciências de homens de bem.

A todos os mais sentidos agradecimentos e as homenagens do mais profundo respeito dos micalenses, que as estendem também aos outros vultos ilustres da missão, que, fóra da imprensa, por muitas formas defenderam a Verdade vilipendiada e os funcionários atingidos, manifestando-se junto do Governo contra as calúnias em que se envolveu a visita dos Continentais aos Açores e restabelecendo a verdade dos factos.

Do mesmo modo, aos ilustres parlamentares por este e por outros distritos que formularam protestos contra as prepotências de que foram vítimas os funcionários públicos, e aos órgãos da imprensa continental que verberaram essas prepotências, defenderam os funcionários atingidos e protestaram também contra o cinismo com que num documento oficial se urdiu uma teia de calúnias em volta dos Continentais e das pessoas que mais intimamente conviveram com eles nesta ilha, a todos aqui deixamos também os rendidos agradecimentos da sociedade micalense, reconhecida à defeza que assim foi feita do seu bom nome e da sua honra.

Não se esqueçam

de que em todo o país
só os fabricantes

DONAS, da Covilhã

Vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para

FATOS E VESTIDOS

em todos os padrões e cores por preços baratíssimos ao alcance de todas as bolsas

Depósitos de vendas a retalhos

Em Lisboa: Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

No Porto: Rua Fernandes Tomaz, 392-A

Põem amostras a DONAS & C.º
Fabricantes de Lanifícios

COVILHA

PRIMEIRA IMPRESSÃO

As ilhas

maravilhosas

dos cabos violaceos

e dos nevoeiros cinzentos...

Ainda tonto de beleza, ainda enleado em cortezas, ainda comovido pelos carinhos com que me afagaram, não é este o momento sereno para descrever o que vi e narrar o que se passou na minha viagem a ilhas formosas onde os fidalgos são antigos, é bom o clero e o povinho, religioso, laborioso e manso, vive a vida simples dos costumes saos.

Hei de fazê-lo, quando dentro de mim madurarem as impressões alvoroçadas desta hora vibrante, e o tumulto mudo das viagens, pousando e ganhando pé,—tomar tento. Então viajarei de novo, voltando, em imaginação, a rever essas terras de ritmicas verduras, esses mares de estranhas manchas; a estar, outra vez, com almas honradas, interpondo, no que vi e senti, o gosto de recordar, que patina as cores e tudo prestigia com a luz melodiosa e vaga do distancia e do tempo...

Direi o que são nessas ilhas as serras fôfas de incensos, de faias, de urzes e de giesteiras; os seus boleados «picos» cobertos, até os cimos, de verduras variadas, no matiz dos milhos, dos trigos, das favas, da pelúcia das linhas tenras, da tinta dura dos tremoços, entre terras lavradas, cor de briche velho, tudo balizado por sebes de hortenses em novelões azues, que iluminam os montes e perfumam o mar como os seus estendais de açucenas brancas enchem de cheiros doces os campos onde outrora se exalava o aroma da flor das laranjeiras.

Direi dos recortes dessas ilhas e nêles suas escarpas de amarelos quentes que o sol baixo da tarde transforma em latão e cobre; dos recortes distantes, de tinta lilaz, lá onde a atmosfera se pulveriza de ouro...

Direi dos cabos violaceos a entrar pelo mar azul, que, nas bordas, os frange de espumas brancas e verdes, e, ao largo, arripiado de carneiradas brancas é como que um redondel de água e nele centenas de golfinhos em constante bailada. E, demorando-me, em especial, em São Miguel, falarei dos seus jardins sem rival, e da paz clássica dos seus vales, de fisionomia vergiliana, com o elogio dos quais o vidente Castilho, cego apenas dos olhos do corpo, compôs, sentindo na alma as harmonias da Natureza, as páginas da «Felicidade pela Agricultura», talvez os mais sentidos e frescos trechos da sua mui castiça e cultivada prosa.

* * *

Contrastando na bonança e no colorido destas paisagens deleitosas, referir-me-hei também ao torpor des céus açorianos, às suas acabrunhadoras brumas, densas e pardas, e nelas mostrarei, alcandorado numa das rochas de Ponta Delgada, um vulto nórdico, de loira barba, revôlta grenha, translucidos olhos azuis e justos, espécie de Adamastor da Dúvida a impor às naus de sonho, que seguem em sua derrota, não passassem além sem o salvo-conduto da Sciencia da Razão. Falarei deste Anthero de Quental debruçado sobre as águas da ilha, em que nasceu e morreu, a mirar sua alma de mar no mar seu irmão. Como êle, seu espirito era às vezes tempestuoso, todo em vortilhões de Dôr, na ancia infinita da paz do Nada; mas igualmente como êle tinha na profundidade do seu ser a quietude de uma consciencia recta e boa, que foi quem, afinal, lhe conduziu o espirito, chegado á impassibilidade, e o coração á liberdade, ao seio de Deus para, depois de tanta luta, poder dormir serenamente.

No entanto, estas névoas teem tal fisionomia moral, tal feição de beleza que precisam de ser profundamente analisadas, subtilmente pintadas. Como Ruskin estudou as pedras de Veneza; Corot, as madrugadas de Barbizon; Ziem, os crepusculos de ouro do Bósforo; Turner, as chuvas, os ventos; — a atmosfera de São Miguel está a pedir um Carrière, mas um Carrière paizagista que interpreta a alma dos seus nevoeiros cinzeos, das suas brumas opalinas, das suas névoas diluídas — tintas vagas onde o sonho vogue...

Em resumo: impregnei-me de formosura, de bondade, e daqueles primores de acolhimento que faz dos açorianos os mais galhardos hospedeiros do mundo.

Lindas ilhas, gentis espiritos, almas boas — quanto vos devo! Estas minhas pobres palavras de hoje são apenas a primeira conta de um roçario de gratidões — um rosario de nove misterios admirativos, tantas quantas as vossas ilhas belas.

Anthero de Figueiredo

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO

Artigos de escritorio

Material para desenhadores

PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

LISBOA

VERSOS

Dialogo

do fogo

e da agua

por Armando Côrtes Rodrigues

Doirado lume que brilha
Alegre, sobre a lareira,
Para a agua do talhão
Falava desta maneira:

—«Tu és a mãe da frescura
Eu sou o sol da pobreza;
Sinto-me bem como sou
Não aspiro a mais grandeza.»

E a agua, que é sempre humilde,
Baixinho lhe respondeu:
—«Gosto de ti porque pensas
E sentes tal como eu.

Já tui nuvem, pelo céu...
Quanto mais alto subia,
Mais vontade de descer
A terra sempre sentia.

Não me feriu a vaidade
Ao vêr-me em tamanha altura,
Que a ambição sempre foi
A irmã da desventura.



Armando Côrtes-Rodrigues

Antes ser pobre ribeira,
Antes ser fonte, cantando,
Do que no cimo dos montes
Pousar, de leve, passando...

E disse o lume outra vez:
—Só quem faz bem é ditoso.
Para aquecer a pobreza
Até sou mais vigoroso.

Olha todos em redor...
Pela noite escura e fria
Quando brilho, em toda a casa,
Vai uma nova alegria.

—«Cá dentro faz tanto escuro!
Ai que saudades da luz!
Em tão triste solidão
Inda os meus olhos não puz...

O que será lá por por fora?
E' sol ou lua a brilhar?
—E' a chuva, tua irmã;
Por ti está a chamar...

—«Também já dos céus cai
Entre a lama do caminho.
Ninguém sabe p'ra o que nasce...

E o lume devagarinho,

Morria e era só brasa.
Lá fora a chuva tombava
E no silencio da casa
A agua triste chorava.

Ilha de S. Miguel — 1924.

Do livro: Em favor da Humildade
— Poemas da Terra e dos Pobres

Armando Côrtes-Rodrigues

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

João de Melo Abreu, L.^{da}

PONTA DELGADA — S. MIGUEL — AÇORES

Exportação de Fructas e Productos Agricolas

Agentes do

BANCO COMERCIAL DE LISBOA
COMPANHIA DE SEGUROS ULTRAMARINA
COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO LLOYD BRAZILEIRO

BANCO MICHAELENSE

CAPITAL AUTORISADO: 3:000.000\$00

CAPITAL EMITIDO: 1:000.000\$00

Saques sobre qualquer localidade do Paiz ou
Estrangeiro -- Depositos -- Descontos -- Cobran-
ças -- Cartas de Credito -- Compra de Libras e de
Dollars e todas as demais transações bancarias



Escritorios do Banco Michaelense

CORRESPONDENTES DE

Irving Bank
Columbia Trust Company de New-York
Midland Bank Limited, de Londres
Crédit Lyonnais, de Paris
Banque Nationale de Crédit, de Paris
Banca Commerciale Italiana de Genova
Société de Banque Suisse, de Genève
Banco Español del Río la Plata, de Madrid



Séde do Banco Michaelense

Endereço telegrafico **AZORBANK**

PONTA DELGADA -- S. MIGUEL -- AÇORES

UMA ESTATISTICA CURIOSA

A grande riqueza pecuaria

da ilha de S. Miguel

e o ensaio de Exposição de Gado

realisado ha três meses

A ultima estatística do gado bovino, elaborada nesta ilha pelos senhores Silvano Pereira, regente agrícola, e José Pedro de Jesus Cardoso, intendente de pecuária, tem a data de 31 de Março de 1920. Nessa estatística apurou-se 233 touros, 4.190 bois, 10.076 vacas, 2.289 novilhos, 4.426 novilhas, 3.503 vitos e 3.320 vitelas, no total de 28.037 cabeças. O valor desse gado, dada a depreciação actual da moeda, deve andar por trinta mil contos. Estatísticas anteriores davam cerca de 20.000 cabeças.

Nos ultimos 4 anos, ha indícios seguros de que o numero de cabeças do gado bovino aumentou, em vista do grande consumo de carne nos talhos da ilha do grande aumento do consumo de leite nas 3 freguezias da cidade. A produção do leite em toda a ilha está avaliada em mais de dez milhões de litros de leite, entrando na cidade diariamente cerca de 8.000 litros de leite, o que dá por cada habitante 0,4.

O consumo de carne na cidade, no ano

de 1923, foi de 2.955 rezes, com 421.607 quilos de carne de especie bovina, 300 porcos com 27.839 e 911 carneiros com 9.783, no total de 4.166 cabeças com 459.229, o que dá cerca de 20 quilos annuaes por cada habitante das 3 freguezias da cidade.

Antes da guerra, o consumo medio mensal era de 25.000 quilos de carne, subindo, como se vê para 38.000 quilos actualmente.

Na ilha de S. Miguel, como nas outras ilhas dos Açores, não ha raças puras, predominando o sangue holandez e normand. Ha actualmente da parte de alguns lavradores louvaveis esforços no sentido de aumentar o valor do seu gado, não só aumento do numero de cabeças, como também melhoramento da qualidade dos animais. Na ilha de S. Miguel citam-se os nomes de Antonio de Vasconcelos, Antonio do Canto, Eugenio da Camara, Ernesto de Sousa, João Luiz da Camara, Sergio da Silveira e outros. Todos estes lavradores foram expositores

do Ensaio de Exposição de Gado, que teve lugar no dia 25 de Maio de 1924, por ocasião das festas de Santo Cristo, onde foram apresentados belos exemplares de reprodutores, vacas de leite, bois de trabalho e de açougue.

Foi esta uma bela iniciativa de dois moços veterinarios, Pereira da Camara e Faria e Maia.

O lavrador micalense comprehende-se assim de que um povo tem o dever de avalorar as suas riquezas, o que é o mesmo que dizer capital nacional.

Alguns lavradores têm importado á sua custa reprodutores. Dada, porém, a desvalorização da nossa moeda, um bom reprodutor, inscrito nos livros de honra, custa actualmente 20 a 30 contos, moeda insulana, sendo urgente a intervenção das corporações administrativas, no sentido de subsidiar a importação de reprodutores e da iniciativa particular com a criação de sindicatos com o mesmo fim.

Com relação á vacas de leite, apesar do

regimen de alimentação ser quasi exclusivamente a pastagem permanente e outonos, as faculdades leiteiras, sem serem excelentes, são contudo bastante desenvolvidas, obtendo-se vacas com uma produção annual de leite de 2.000 a 2.500 litros, contendo 3,5 a 4 por cento de materia gorda, fazendo-se com 24 litros de leite 1 quilo de manteiga.

Os rendimentos das rezes gordas para abater são de 50 a 53 por cento para bois e de 46 a 48 por cento para vacas, em carne limpa. No matadouro publico de Ponta Delgada têm sido vendidos bois com o peso vivo de 800 a 1.000 quilos, e vacas com 400 a 500 quilos.

Na ultima exposição de gado, a Camara de Ponta Delgada, concorreu com a quantia de 3 contos, sendo 1 conto para despesas e 2 contos destinados a 4 premios para as 4 rezes mais gordas da exposição, classificadas por um jury composto de 2 veterinarios e 3 lavradores.

EDUARDO REBELO

M. M. Botelho

(ANTIGO ARMAZEM GEORGE W. HAYES)

CASA FUNDADA EM 1854

Mercearias, Liquidos, etc.

Fornecedor de navios
(Ship chandler)

Comissões e consignações

ARMAZEM { Rua d'Alfandega, N.º 3, 5, 7
{ Rua João Chagas, N.º 1, 2, 4

ESCRITORIO -- Rua d'Alfandega, 4, 6

Telegr: SANBOTE

Codigos:

Ribeiro e A. B. C. 5.ª e 6.ª edição

"GARANTIA,"

Companhia de Seguros

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Fundada em 1853

SÊDE NO PORTO (Edificio proprio)

Capital realiado Est. 1.000.000\$00

Reservas Est. 2.157.013\$62

Sinistros pagos até 1923 . . Est. 11.644.622\$82

Seguros de vida

em todas as combinações, entre os quaes os vantajosos seguros FAMILIAR (seguros de capital e pensão) e MIXTO DE CAPITAL duplo (que duplica o capital em caso de sobrevivencia)

Seguros terrestres e maritimos

(Effectua tambem seguros em moeda estrangeira)

Agentes em todo o país e Ultramar

Agentes em Lisboa, Coimbra, Faro, Santarem e Portimão

José Henriques Totta, L.^{da}

Banqueiros

Agente em PONTA DELGADA:

FERNANDO BORGES

Caixa Economica de Angra do Heroismo

Instituição de beneficencia fundada em 1845

Capital 500 contos (a)
 Fundo de reserva . . . 100 contos .
 Idem fluctuante. 416:400\$697

Descontos, empréstimos sobre hipotecas, penhores e consignação de rendimentos, contas correntes caucionadas, comissões e consignações. Depósitos a praso e á ordem.

(a) Parte deste capital é constituido por titulos-ouro, cujo valor de cotação em 31 de dezembro de 1923 era superior a 2.000 contos.

Mutualista Açoreana

(Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada)

Exploração dos ramos:

MARITIMOS, AGRICOLAS E DA PESCA DO BACALHAU

ARMAZENS

DE

SANQUEIRO, MERCEARIAS E VINHOS

POR ATACADO E RETALHO

ESCRITORIOS: Praça da Republica, n.º 21, 1.º andar

ARMAZENS: NO REZ DO CHÃO, N.º 15 A 27

AGRADECIMENTO

Acôres

na

imprensa

do continente

O nosso colega Correio dos Açores, inseriu como agradecimento às palavras que Trindade Coelho, Armindo Monteiro e Joaquim Manso dedicaram aos Açores, em artigos publicados na imprensa de Lisboa, a seguinte local que transcrevemos:

Três importantes artigos sobre os Açores nos trouxeram os últimos jornais: o do dr. Joaquim Manso, ha dias aqui reproduzido, o do dr. Armindo Monteiro, que reproduzimos hoje, e um do dr. Trindade Coelho, sobre o problema da Autonomia, que reproduziremos num dos proximos numeros.

Ninguém deixará de lê-los com interesse e emoção pelo que dizem dos açorianos, da nossa vida, da nossa indole, da beleza e da prosperidade das nossas Ilhas, do nosso trabalho, do nosso valor, da nossa riqueza, do papel que representamos na vida nacional.

São novos, valiosos e altos depoimentos, a juntar a tantos já formulados pelos nossos visitantes, com que os seus illustres autores, em palavras repletas de amizade, ternura, carinho e admiração pelos Açores e pela gente açoreana, aumentaram a divida de reconhecimento que temos em aberto para com os homens eminentes que ha pouco tivemos a honra de hospedar.

Não estávamos habituados a que de nós se falasse assim; nunca víamos as nossas qualidades e virtudes tão alto erguidas; nunca nos sentíramos assim compreendidos no que representamos como valor social, como valor economico — como *valor nacional*.

Lendo-os, temos um pouco a sensação vaga de que *tomamos posse* de nós mesmos, de que nos compreendemos melhor, de que nos vemos com mais lucida visão, de que temos mais nitida noção da nossa força e do nosso valor.

Nas suas palavras continuamos a encontrar novas forças, novos estímulos, novas energias, para conservarmos e defendermos o que nos impoz agora aos espiritos que nos observaram, para avançarmos na conquista do que é indispensavel ao nosso aperfeiçoamento e ao nosso progresso.

Obrigados a todos pelas suas confortantes palavras, por tudo o que trazem aos nossos corações, por tudo o que dizem aos nossos espiritos. Nunca as esqueceremos e tê-la-hemos sempre presentes como incentivos de que nos havemos de mostrar dignos pelos nossos sentimentos e pelo nosso trabalho.

PEBECO

Antiga pasta dentifrica alemã. Unica preferida em todo o mundo. Fabricação de P. BEIERDORF & C.º — HAMBURGO.

Preço de bisnaga, tamanho vulgar

Preço de bisnaga maior : 3\$50

A venda na R. do Ouro, 102; R. da Palma, 7;

Rocio, 8; R. Garrett, 64; R. D. Pedro V, 75;

e em todos os bons estabelecimentos.

Descontos aos revendedores.

Unicos representantes e depositarios em Portugal

Coutinho Ribeiro & Vaz, Ltd.ª

Rua do Norte, 83, 3.º — Lisboa

PIANOS

e Autopianos

Rolos

Musicas

Gramofones — Discos

CASA OLIVEIRA — Rocio, 56, 57, 58

A ASSISTENCIA PUBLICA

As casas

de caridade

de Angra do Heroismo

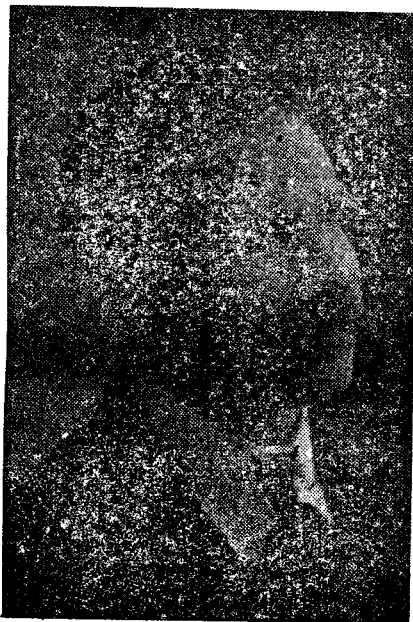
são só devidas

à iniciativa particular

Talvez nenhuma outra cidade portuguesa se possa orgulhar de possuir tão completas instituições de beneficencia e assistencia como Angra do Heroismo. Com uma população de cerca de dez mil habitantes, conta nada menos de catorze casas de caridade devidas à iniciativa particular e mantidas pela população da cidade.

Logo nos primeiros tempos da colonização, em 1492, por iniciativa do capitão donatario João Vaz Couto Rial e do juiz ordinario João Borges, se fundou o Hospital de Santo Espirito, que ainda hoje existe, e em 1508 passou a cargo da Misericórdia.

Para a educação de crianças orfãs e abandonadas, possui a capital da ilha Terceira dos Açores, o Asilo da Infancia Desvalida, fundado em 1853 pelo governador civil Nicolau Anastacio de Bettencourt, onde actualmente se acham internadas 47 crianças do sexo feminino, às quais é ministrado um ensino doméstico; e o Orfanato do Beato João Batista Ma-



Luiz Ribeiro

advogado e conservador do registo civil em Angra, que foi o representante do Correio dos Açores na recepção aos continentes na Ilha da Terceira

chado, nome de um missionario terceirense martirizado no Japão no século XVII, onde recebem educação 49 crianças do sexo masculino.

Ambas estas instituições de beneficencia estão a cargo da Irmandade de N. S. do Livramento, que dispondo de uma receita ordinária anual de 5.205\$00, consegue fazer face a uma despesa de 76 contos com o auxilio de esmolas e subsídios particulares. Pormenor digno de menção: a idade de entrada das crianças é em ambas as casas dos 3 aos 7 anos, mas só de lá saem quando têm colocação definitiva que lhes assegure os meios necessarios para viver. Sucede mesmo, por vezes, sobretudo no Orfanato, que alguns rapazes, sem familia, mesmo depois de colocados, continuam vivendo na casa, mediante o pagamento de uma pequena mensalidade e só de lá saem para casar.

Um asilo de mendicidade, fundado em 1860 pelo governador civil Mendes Leal, alberga actualmente 43 invalidos e, com uma receita certa de 1.800\$00 por ano, consegue, graças á caridade publica, custear uma despesa superior a 30 contos.

Dois recolhimentos, o de Jesus Maria e José fundado em 1684 por D. Mónica Maria de Andrade e o de S. Gonçalo a cargo da Associação Educadora do Sexo Feminino, fornecem casas a umas dezenas de senhoras pobres e sem familia.

Em 1897, por iniciativa da illustre poetiza D. Maria Guilhermina de Bettencourt Mesquita, fundou-se a Cozinha Economica Angrense, hoje optimamente instalada em edificio proprio e que, além de refeições baratas, fornece diariamente um grande numero de jantares gratuitos.

Em 1891, por ocasião de cair uma manga de agua que causou graves prejuizos num arrabalde da cidade, o governador civil, conselheiro Almeida Monjardino, fundou o Cofre de Caridade, especialmente destinado a ministrar socorros nas calamidades publicas, e que optimos serviços tem já prestado, nem só em ocasião de epidemias como de tempestades.

* * *

Subsidiando pobres recolhidos, tem a cidade de Angra duas Conferencias de S. Vicente de Paula, uma de homens, outra de senhoras, modelarmente organizadas, o Fundo de Beneficencia Distrital, fundado pelo governador civil conselheiro José Pereira da Cunha, com o produto das taxas de licenças para touradas á corda, divertimento favorito da gente da ilha, e a Seita Verde Claro, organização recente, devida aos esforços do tenente Carvalho Braga, que sustenta alguns antigos mendigos e auxilia os estabelecimentos de beneficencia.

Ainda, criado ultimamente, ha o Grupo da Cruz Verde, anexo á Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios, que está prestando excelentes e desinteressados serviços num pequeno posto de socorros que fundou e mantem e no transporte de doentes para o hospital.

Os principais subsidios que estas instituições recebem e lhes permitem continuar a prestar os seus relevantes serviços, apesar da crise que atravessam, provêm da Caixa Economica de Angra do Heroismo, estabelecimento de credito e beneficencia que bem merece especial e detida menção.

* * *

Em 1845, o benemerito governador civil conselheiro Nicolau Anastacio de Bettencourt, querendo pôr termo á usura que por toda a ilha fazia sentir os seus daninhos efeitos, lembrou-se de fundar uma Caixa Economica, para o que pediu o concurso de alguns capitalistas e ricos proprietarios da cidade, ficando a Caixa legalmente constituída por decreto de 6 Outubro de 1849. Tal era, porém, a oportunidade da fundação e o crédito de que gosavam as pessoas chamadas a mantê-la, que os depositos affluiram logo em tão grande quantidade, que os accionistas não chegaram a entrar com o valor das acções, ficando apenas responsaveis pela sua importância, e distribuindo os lucros pelos estabelecimentos de caridade. No ano de 1923 o movimento da Caixa excedeu 11:000 contos e o saldo da conta de ganhos e perdas, na importância de 651 contos, tirada a percentagem do fundo de reserva, foi distribuido em subsidios nem só aos referidos estabelecimentos, como aos estudantes pobres, construção de edificios escolares, premios para o concurso pecuario, levado agora a efeito por iniciativa da Liga de Educação Fisica e da Junta Geral do Distrito, reconstrução do Teatro Angrense, etc.

As casas de caridade da cidade de Angra coube nessa distribuição a importante soma de 376.855\$00!

Justa razão tem, portanto, a mui nobre leal e sempre constante cidade de Angra do Heroismo, para se orgulhar da obra de assistencia que soube organizar e tem sabido manter, apenas com o auxilio da sua população e sem que o Estado ou os poderes publicos para ela tenham contribuido.

Luiz Ribeiro

UM SONETO

Folhas

de

outomno

por Gevasio Lima



Ide, parti, correi, ao longe... folhas minhas!
Ecos do meu sentir, adoradas visões!...
Procurai doce abrigo em meigos corações,
Alvo bando emigrante, aladas andorinhas.

Folhas tristes, sem côr, caídas aos montões,
Já sobre vós noivou o par das avesinhas...
Vosso pranto saciou a sede ás ovelhinhas,
A divigar, balandô, em agram solidões.

Correndo, voluteando, aos centos, em cardume,
Podeis atear o fogo, ás noites, na lareira,
A aquecer casais, a alimentar o fume...

Ide, parti, voai... legião aventureira!
Vosso vô traduz, vosso grito resume
Um cantico d'amor—a canção verdadeira.

Angra do Heroismo.

Gervasio Lima

EQUIPO FENO (Feno Outfit)

Para matar instantaneamente Mosquitos, Moscas, Percevejos, Formigas, Pulgas, Piolhos, Baratas, Escaravelhos, Aranhas, Gorgulhos, Traças e quaisquer outros insectos. O liquido «FENO» não mancha, pelo que pode ser aplicado nas roupas de cama, vestuario, peles, sedas, etc. Temos insecticidas especiais para agricultores, criadores de gado, moínhos, fabricas de magem e hospitais, da afamada marca americana «ENOZ».

PEDIR PROSPECTOS E ESCLARECIMENTOS AOS DEPOSITARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS

J. Dominguez & Gonzalez

Rua da Madalena, 138-144

Telefone C. 1587

LISBOA

AOS FOTOGRAFOS

Chapas marca Sigurd e Imperial aos seguintes preços:

6,5 × 9	duzia Escudos	10\$50
9 × 12	»	15\$00
10 × 15	»	22\$50
12 × 16,5	»	27\$50
13 × 18	»	32\$50
18 × 24	»	50\$00

Descontos aos revendedores

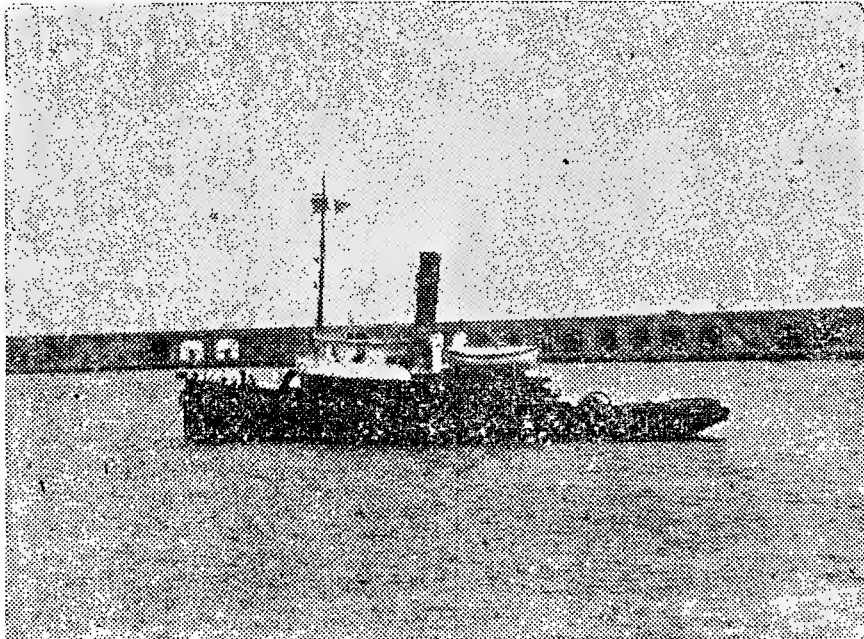
Telefone 1587

J. Dominguez & Gonzalez

Rua da Magdalena, 138-144

LISBOA

BENSAUDE & C.^A



Parte do molhe do porto artificial de Ponta Delgada e o rebocador de alto mar, preparado com aparelhos de salvação, pertencente á Parceria Geral de Pescarias

Ponta Delgada
S. MIGUEL-ACÓRES



Escritórios de Bensaude & C., em Ponta Delgada, S. Miguel, Açores

Os gerentes **BENSAUDE & C.^A**
PONTA DELGADA
S. Miguel — Açores

J. H. ORNELAS & C.^A

Ship Chandler & Comission Agents. Imp. - Exp.

Depositarios no archipelago dos Açores
da «SHELL»

Gerentes da «ATLAS, L.^{DA}»

Representantes da
FABRICA DE CERVEJA ESTRELA

Séde-S. Miguel (Açores)

Rua dos Mercadores, 5

PONTA DELGADA

Agencias em todas as ilhas de archipelago
açoriano

Endereço telegrafico (DORNELAS
Cable address PONTADELGADA

Manoel Affonso Cabral, Sucr.

Ponta Delgada — Açores

Endereço telegrafico:
HYACINTH

CODIGOS { A B C 6th. Edition — Bentleys
Scotts 10th. — Lieber's, Private

CASA DE CAMBIOS

Secção Terrestre:

Importação — Exportação
Vinhos — Cereaes — Madeiras
Machinas — Oleos
Graxas — Borracha — Cacau
Oleos de Palma
e
varios produtos coloniaes

Secção Maritima:

Agentes de Navegação
Tourismo
Contratadores
e
Fornecedores Maritimos
Seguros
Informações, etc.

Secção de Informações:

Introduzem-se firmas portuguesas para entabulamento de relações na America do Norte sobre os seguintes ramos de negocios: Electricidade e seus derivados, Cereaes, Tecidos, Maquinaria, Papelaria, Instalações de fabricas, informações sobre clausulas de seguros e outras praxes commerciaes privilegiadas na America do Norte

**Correspondentes em todo o Novo Mundo,
Portugal e outros pontos da Europa e Africa**

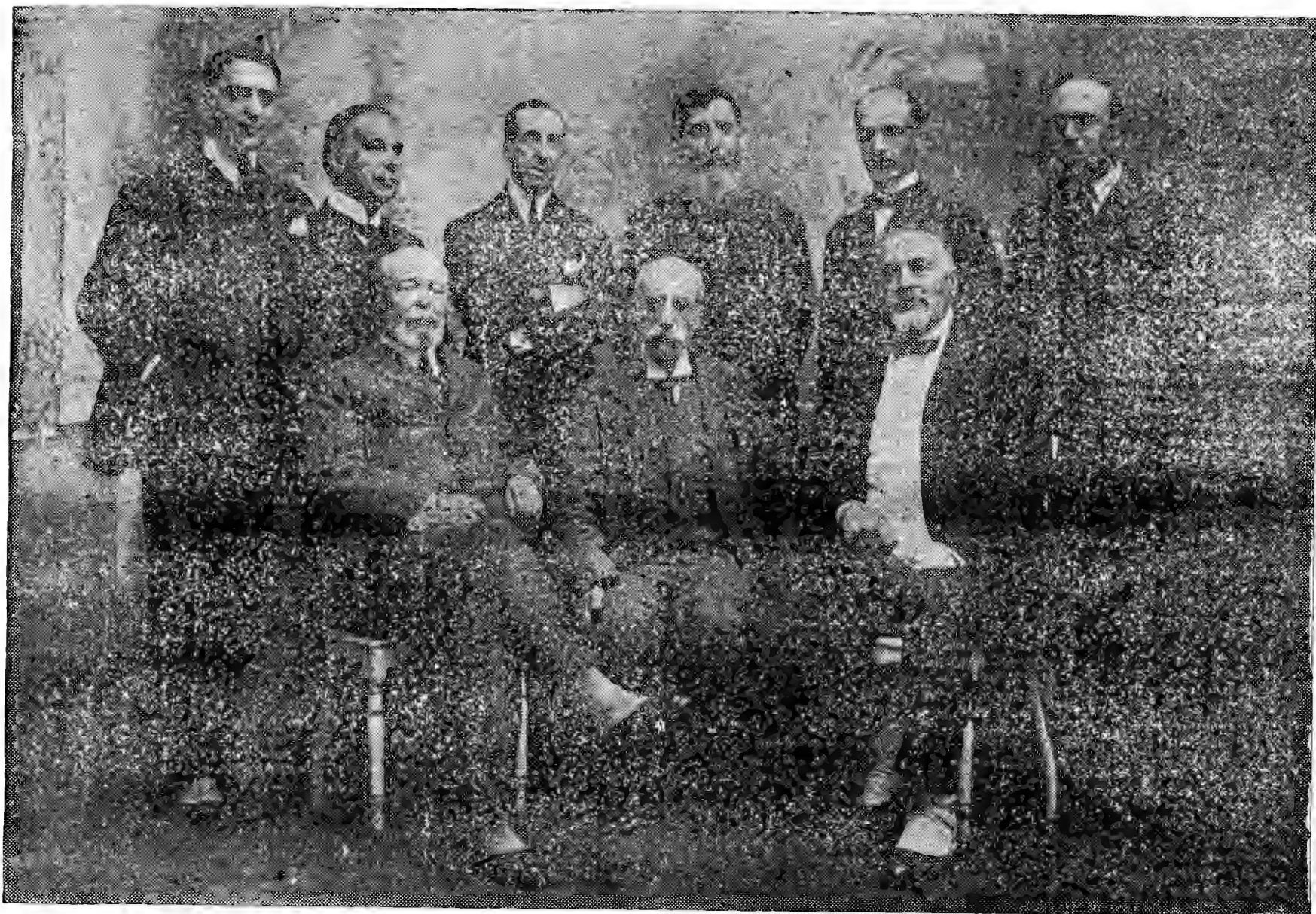
Dirigi a vossa correspondencia e de pronto sereis attendidos



D. Maria Castro

D. Dalila Ornelas Bruges
(Praia da Vitoria)Teotonio de Ornelas Bruges
(Praia da Vitoria)

D. Margarida Borges da Costa



A missão de estudo aos Açores

Da esquerda para a direita—1.º plano— Conselheiro Luiz de Magalhães, dr. Leite de Vasconcelos e Conde de Nova Gôa. — 2.º plano — Dr. Armindo Monteiro, Antero de Figueiredo, dr. Trindade Coelho, Teixeira Lopes, D. Manuel de Bragança e dr. Joaquim Manso

Dr. Francisco Valadão Junior
Secretário geral do Governo Civil de AngraFrederico Lopes da Silva
Chefe da secretaria da Junta Geral de AngraAntonio Ramos Côrte Real
Sub chefe da secretaria da Junta Geral de Angra

Candido Fortunato de Salles, Sucessores

Casa fundada em 1879

13, R. de João Chagas (vulgo Mercadores), 17

Esta casa acreditadissima pela sua antiguidade e honestidade, responsabilisa-se sempre para com todos os seus ex.^{mos} freguezes, pela boa qualidade de todos os seus artigos, tais como:

Ferragens, Drogas, Ferramentas, Azuleijos, Mosaicos, Vidros, Tubos de Borracha, Empanques, Chumbo em lamina e tubos, Louça Sanita, dita esmaltada, Lâmpadas e aparelhos electricos e muitos outros artigos difficilmente de explicar.

Unicos vendedores actualmente do já muito conhecido encarnado para cimento

Reparações Maritimas

Serralharia e Forjas

FUNDIÇÃO

Serraria e carpintaria
mecanicas

FABRICA DE PREGARIA

DIRECTOR

F. Pacheco de Castro

Endereço Telegrafico
JOTACA — Ponta Delgada

CODIGOS

A. B. C. 5.th edition

Lieber's

— Scott's 1896 9th ed. —

**Empresa de Trabalhos
Metalurgicos L.^{da}
(Iron Works Co. Ltd.)**

Julio Moura
GERENTE

PONTA DELGADA
— Açôres —

LUIZ SOARES DE SOUZA
SUCESSORES

PONTA DELGADA
S. Miguel---Açores

Escriptorio e Administração
Comissões e Consignações

Praça da Republica, n.º 39

ARMAZEM de quinquilharias, vidros, louças, tintas,
ferro, ferragens e muitos outros artigos

Largo da Matriz, n.ºs 4, 5, 6, 7 e 8

ARMAZEM de mercearias e liquidos

Rua do Açoriano Oriental, n.ºs 10 a 12-B

TABACARIA AUTONOMISTA
Tabacos nacionais e estrangeiros

Rua do Açoriano Oriental, n.ºs 2 a 2-B

VILLA DA RIBEIRA GRANDE

ARMAZEM de fazendas, quinquilharias, louças, vidros
e muitos outros artigos

Rua Direita, n.ºs 22 a 32

VENHAS POR TACADO E RETALHO EM TODOS ESTES ARMAZENS

AYRES, BERINO & PIMENTEL

Comissões, Consignações
e conta propria

Fabricantes de cal

Especialidade em vinhos

Bucelas

Branco

e Tinto

Rua João Chagas, 19, 1.º
Ponta Delgada -- S. MIGUEL

"WE HAVE NO BANANAS . . ."

A cultura da banana

no arquipélago dos Açores

e a sua exportação para a Europa e America

Os Açores ainda hoje podem repetir convictamente, sem o alterar, o *refrain* da popular e universal cantiga:

*We have no bananas to day
Yes, we have no bananas*

Não as têm de facto *ainda* para vendê-las ao freguês exótico, mas como aos açorenses (provando como acato as lições do mestre Leite de Vasconcelos, tanto quanto o estimo e respeito) não lhes sofre o animo deixarem de cultivar tudo quanto outros agricultores de qualquer ponto do globo cultivam, brevemente produzirão bananas todos os dias para o consumo continental.

Em tal cometimento galhardamente se esforça a desembaraçada e destemida «Sociedade Corretora, Limitada», atenta à evolução da produção mundial e das correntes económicas, com o tino comercial que trás a aregem da America do Norte bafejando de perto S. Miguel.

Foi realmente sob a impulsão duma colossal companhia americana: a «United Fruit C.», potentado forte de varios milhões, que a exploração da banana, ultrapassando as fronteiras do Jamaica e do Porto Rico, alastrou por quasi toda a America Central, occupou outras muitas regiões e se tornou uma das mais importantes actividades da economia agricola tropical.

E comtudo esta enorme produção, se já chega aos mercados europeus, ainda não tomou no consumo o lugar importantissimo que fatalmente ha de conquistar, pelas qualidades aromaticas, sapidas e nutritivas do precioso fruto. Ha portanto ensanchas, e seguras, para a cultura se alargar com tanto maior exito quanto mais proximas estejam as regiões produtoras dos mercados consumidores. Ora a Madeira e os Açores estão nestas condições favoraveis, dando as lampas ao consumo europeu.

O do Portugal continental tem sido alimentado pelo fornecimento madeirense; o da França pelo das Canarias, que nem só a esse país acode, mas quanto restrictamente! Pode-se dizer que está limitado ao das grandes cidades e sobretudo ás litorais, que ainda assim não são abastecidas fartamente.

Na Inglaterra não sucede o mesmo. Com o auxilio do governo, criaram-se depósitos especiais, que permitem a penetração do comercio da banana em todo o territorio do Reino Unido. Mas este caso não compromete o nosso raciocinio. Ai facilitada está a importação açoreana; é apenas isso, que muito é.

Portanto, a capacidade de consumo está muito longe de atingir-se, referindo-nos tão somente ao consumo do fruto tal qual a planta no-lo apresenta. Mas ha mais, como dizia o outro; ha a tecnologia da banana já hoje; ha a secagem, ha a farinha, ha o doce, ha a fruta cristalizada...

A conservação, o regimen medico, a lambareirice vulgar, a gulodice de luxo, a nutrição higienica, tudo concorre para lhe garantir um alargamento de venda e a base de novas industrias perfeitamente aptas a entrarem, fortalecendo-se, no ambito do que em economia se chama as *integrações* que facilitam, embaratecem a produção e assim alargam as clientelas.

Tudo isto pensou de certo a «Sociedade Corretora», onde ha cabeças muito bem formadas para ajuizar, olhos argutos para verem ao longe e braços robustos para executar planos longamente meditados, scientíficamente estudados e ousadamente lançados. E conhecendo, como já conhecemos, a energia e a iniciativa dos *prohombres* do arquipélago, estou a vê-los quando porventura um dia (que vem longe) fraqueje a venda directa do fruto ou vejam maior lucro noutro caminho, estou vendo-os organizar imediatamente, a industria tecnologica da banana. Pois não temos nós ali o exemplo da cultura da espadana? Esse, *Phormium tenax*, tão caro ao nosso falecido e sa-

dozo amigo Guilherme Read Cabral, que não logrou implantar para seu maior rendimento, nem a sua cultura nem a sua industria! Cultivam-no, agora, (a ideia ficou e germinou), desfibram-no, exportam-no. Mas para quê? Para outros o tecerem, o encordoarem. Pois vamos nós tecê-lo e encordoá-lo. Dito e feito. Já na montanha se procede á captagem da torrente que ha de fornecer a energia electrica para a fabrica que se vai montar. Bravo! Ai está vincado o fulcro da mentalidade dos Açores.

Vão cultivar a banana, sim; cultivam-na já, mas podem ter a certeza cá no continente, que os homens do arquipélago não são *bananas*. E se quizerem, lembrando-se deles, aludir a algum vegetai, digam antes que são homens duma cana só. Assim é que fica certo.

Formados desta guisa, eles vencerão, sem duvida, duas dificuldades que se antolham nesta cultura e neste comercio. Um pratico estrangeiro, activo e inteligente, *débrouillard* e competente já lá está trabalhando e muito bem. Quando, porém, se entrar no periodo da colheita é necessario um pessoal numeroso e adestrado. Na America do Sul ha operarios especializados que têm o nome pitoresco de *cacos*, organizados em ranchos comandados por capatazes da Jamaica, que se deslocam de região para região no periodo do corte.



D. Luiz de Castro
(Conde de Nova Góia)

Assim como vieram chineses para preparar o chá, importar-se-hão *cacos* para os Açores. Esta dificuldade será vencida com facilidade. Está na tradição. Outra é a dos transportes.

A «United Fruit C.» tem oitenta magnificos navios de seis a oito mil toneladas, dos quais alguns ou todos—não sei—possuem recintos especiais para receber esse melindroso fruto que tem de ser colhido e conduzido com a menor manipulação possivel do bananal ao navio e do navio ao mercado. E' preciso colhe-lo numa altura muito certa de maturação para que chegue á venda no sazonamento mais propicio. Nos centros de embarque ha um material proprio para carregar esta mercadoria e depois é necessario mantê-la a uma temperatura media de 4 a 6 graus acima de zero, o bastante para retardar a maturação.

Mas evidentemente tudo isso são cousas a regular e a afinar para a situação dos Açores em relação aos pontos importantes.

E navios? Lá estão «Carregadores Açoreanos», irmã gêmea dos «Corretores», com a sua esquadilha de cinco navios, que, sob o pavilhão nacional—oh! grande lição! portentosa obra!—já leva com outras coisas muitas, os ananazes e a espadana dos Açores aos portos estrangeiros e conduzirá vitoriosamente a banana.

Nessa emergencia os agricultores das ilhas terão modificado, para seu uso e com o sorriso nos labios, o *refrain* da cantiga inglesa, repetindo em cântico á Europa continental:

*Yes, we have bananas
We have bananas to day.*

D. Luiz de Castro

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE, ás 21,30 A pedido geral
GRANDIOSO EXITO
A popularissima peça do dr. Julio Dantas
A SEVERA
Preços reduzidos: Plateia: 4\$40, 5\$60, 9\$50 e 12\$;
camarotes: 20\$00, 35\$00 e 60\$00; galeria: 3\$40
Não ha locação

TEATRO SÃO LUIZ
Tel. C. 224 HOJE, ás 9,15 da noite, pontuais
Exito unanime e entusiastico
A encantadora peça em 5 actos, original de
Manuel Pinheiro Chagas
A MORGADINHA DE VALFLOR
Notabilissima criação de PALMIRA BASTOS

Teatro Politeama
Empresa Luis Pereira Telefone 3028-N
TEMPORADA CINEMATOGRAFICA
HOJE — ESIREIA — ás 21,30
«A HERDEIRA DO RAJAH», 2 episodios
1.º O anel de jade 2.º Dupla emboscada
«CAUTELA», 2 partes
«EXCURSÃO GLORIOSA», 1 parte
A BEIRA DO ABISMO
«film» artistico — 6 partes

FATOS E SOBRETUDOS
Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.º.

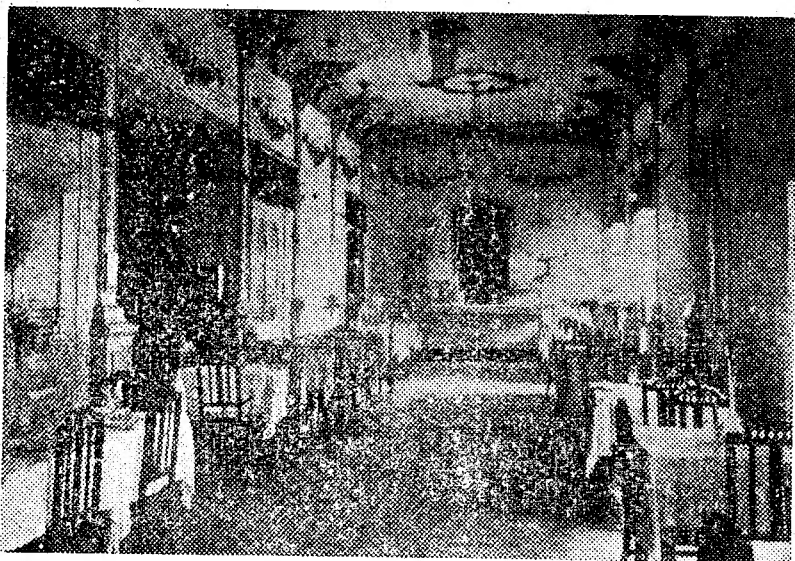
CASINO DE SINTRA
HOJE, «soirée» da moda — Extraordinario sucesso
dos notaveis cançonetistas e bailarinos franceses
M. ME e Mr. DEMOS
Exemplificação de todas as modernas dansas em vogas nos salões — A maior novidade no genero
Bailes elegantes no qual Madame e Mr. Demos
dancarão com as senhoras que assim desejarem

Eden Teatro Telef. N. 3800
HOJE — ás 9,45 da noite
A graciosa revista
SORTE GRANDE
com lindissimas bailados pela formosa e notavel
bailarina russa, da troupe Sascha Morgowa,
Oris Lorraine e BILL BAILEY — Esplendido desempenho de toda a companhia Otelio de Carvalho

A formosa Marlon Davies
na mais emovedora das peluculas de arte
“POBRE CIGANA!...”
cinco maravilhosos actos que são o sucesso do
Cinema Condes
onde na proxima terça-feira se estreia
“A Ameaça Silenciosa”
MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE,
FAZEM-SE A 500\$00 : : : :
FABRICAÇÃO GARANTIDA
: : : TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, loja : : :

EDEN CLUB

**O mais chic, confortavel e bem
montado dos Açores**



SALA DE JANTAR

Almoços das 11 às 14.

Jantares-concertos das 18 às 21.

Das 21 horas em diante o serviço é permanente.

Laboratorio DE Electrotecnica

: DE PONTA DELGADA :

Christiano Machado & E. Drumond, L.^{da}

Instalações electricas para a produção da força

LUZ E AQUECIMENTO

Colaboração tecnica de

CARLOS FILIPPE DA COSTA (Engenheiro Electricista); DOMINGUES J. PINHEIRO (Director dos Correios e Telegrafos); HERMANO ROEDER (Engenheiro Mecanico); e JOAQUIM SALGADO (Engenheiro Electromecanico).

REPRESENTANTES

DA

Empreza Internacional L.^{da}

Rua Augusta, 76, 1.^o

LISBOA

Cesar d'Oliveira

PONTA DELGADA

S. MIGUEL

**AGENCIA DE CASAS NACIONAIS
E ESTRANGEIRAS**

**Agente das celebres machinas de
empacotar cigarros**

"Molins Machine Co. Ltd. --- LONDRES"

**e das melhores machinas para
fabricao de cigarros**

"United Cigarette Machine Co., Inc.--LONDRES"

CHÁ

DA

BARROSA, L.^{da}

Sucessor do Chá Raposo Amaral

**Fabrica a vapor na
Ribeira Grande**

Escriptorio:

**Rua Carvalho Araujo (vulgo Collegio), 37
PONTA DELGADA**

ILHA DE S. MIGUEL

AÇORES

CODIGOS: {A. B. C. 5.^a Edição
Ribeiro



REABRIU o ex-Restaurant Fortes da Rua Nova da Trindade, com magnifico serviço à lista, a preços excepcionais, com cerveja a copo pelo preço da fabrica. Pede-se o favor de uma visita.

ESTRANGEIRO

GRANDE-RESTAURANT
«SOLAR DA ALEGRIA»
Praça da Alegria, 56
Almoços a 10\$00
Jantares a 14\$00
SERVIÇO PERMANENTE À CARTA

A Hespanha no Rif

O Directorio vai partir para Marrocos a estudar a situação

MADRID, 6

O Directorio reuniu ontem, tendo examinado o problema de Marrocos. As resoluções tomadas foram submetidas à apreciação do Rei Afonso XIII, que com elas concordou inteiramente.

Entre as decisões tomadas pelo Directorio figura a de enviar para Tetuan uma parte dos membros que o compõem, a fim de poderem ser mais facilmente supridas as deficiências existentes e atender-se mais rapidamente às necessidades da campanha.

Todavia, o governo continua em Madrid, sob a presidência de Magáz, seguindo para Africa o general Primo de Rivera com os generais Muslera, Gomez Jordana e Rodriguez Pidesá.—(R.)

Convoca-se

um conselho de ministros extraordinario

MADRID, 6

Em virtude da grave situação em Marrocos, foi convocado um conselho do Directorio, sob a presidência de Afonso XIII, o qual se prolongou por altas horas.

A saída, o general Primo de Rivera declarou aos jornalistas, sendo pouco depois publicado em nota officiosa, que o conselho havia decidido que o seu presidente parta para Tetuan, acompanhado por três generais, vogais do Directorio, a fim de estudarem devidamente a situação, e estabelecer as medidas a adoptar em face da nova e violenta ofensiva dos rifenhos.—(L.)

O inimigo

ataca a posição de Gergues

MADRID, 6

O comunicado da zona occidental diz que o inimigo hostilizou a posição de Gergues, tendo também tiroteado violentamente o acampamento de Tagesut e os «blockhouses» estabelecidos nas alturas que dominam aquela região.

As tropas hespanholas construíram algumas posições avançadas no Imehchen, tendo a coluna do general Riquelme sido vivamente atacada e sofrido algumas baixas, entre as quais quatro officiaes.—(R.)

FABRICA DE CARTAS DE JOGAR
Germano & C.^a

Casa fundada em 1870
Sucessores—Empresa Litografica Mata, Lda.
Escritorios—Rua da Madalena, 65 a 70
Telefone C. 3623

Officinas—Rua do Barão, 2, 2-A, 4 (edificio proprio)
Telefone C. 5177

LISBOA

Cartas de jogar em todos os tipos e para todos os jogos

Todas as cartolinas empregadas no nosso fabrico são de linho e intransparentes

Devido á qualidade de cartolina e á sua esmerada fabricação, é a melhor carta que se encontra no mercado

Enviam-se tabelas de preços e mostruários

Descontos aos revendedores

CARTA DA SUISSA

A quinta

ASSEMBLEIA

da Sociedade das Nações

vai ser a mais importante de todas

Genebra, a linda cidade do lago Lemano, está em festa para acolher sorridente os representantes que das cinco partes do mundo vêm chegando para assistir à quinta assembleia da Sociedade das Nações. Já poucos faltam. A reunião de hoje apenas não representará os representantes da Argentina, do Peru, da Bolivia, das Honduras e Nicaragua. A Alemanha, os Estados Unidos, a Turquia e a Rússia não têm representação na Sociedade das Nações, mas sabe-se que, embora duma maneira indirecta, esses quatro países têm tomado parte nos trabalhos organizados. Na tribuna dos jornalistas (mais de 300) falam-se todas as linguas; ha representantes de todos os países.

As tribunas publicas, muito antes da hora marcada para a abertura da sessão, estão completamente cheias; os lugares tomam-se de assalto.

Assistencia elegante e cosmopolita; muitas senhoras em «toilettes» claras, gente nova, sobretudo.

E porque tanto interesse? É que esta reunião que se abre numa relativa atmosfera de conciliação e de boa vontade reciproca, devido ao pacto de Londres, vai ter certamente uma importancia excepcional. Pela primeira vez os primeiros ministros da França, da Inglaterra e da Belgica vêm pessoalmente tomar parte nos trabalhos. O grande problema que dominará será o do auxilio mutuo e o do desarmamento. Ora, é sobretudo neste ponto que as divergencias entre a França e a Inglaterra são mais profundas. A Inglaterra recusa-se a aceitar o projecto da assistencia mutua; a França não concebe, nem admite o desarmamento sem garantias de segurança. Encontrar-se-á um meio termo entre as duas teses opostas? É esta a pergunta que todos fazem e para a qual ninguém encontra resposta. É preciso aguardar os acontecimentos, ou antes, o resultado das discussões de M. Macdonald e de M. Herriot. Estes dois senhores só chegam a Genebra na quinta-feira. Nestes dois primeiros dias os trabalhos da Assembleia limitam-se a organizar comissões, eleger os vice-presidentes e a fazer algumas communicações de somenos importancia.

M. Motta, conselheiro federal, foi eleito presidente e quasi por unanimidade, com grande jubilo dos seus compatriotas, tem pela sua integridade de caracter e pela sua intelligencia uma verdadeira veneração.

M. Motta, depois de ter agradecido os aplausos da assembleia, acrescenta: «Os acontecimentos parecem justificar a minha fé na S. das N. Se comparo as incertezas que envolveram a primeira assembleia, a de 1920, com as esperanças que acompanham esta, só vejo razões para nos alegrarmos.

A primeira assembleia, instituindo a «Cour internationale de justice», ficara gravada na historia da humanidade. Mas muitos problemas verdadeiramente angustiosos e complicados pareciam afastar-se duma solução que satisfizesse vencedores e vencidos. Pouco a pouco, e neste ano sobretudo, esses problemas aclararam-se e estão em via de solução. A obra da S. das N. contribuiu grandemente para fortalecer as ideias de paz, indicando e fornecendo os meios tecnicos para as necessarias soluções.

Permitam-me que saude com a mais viva das emoções o impulso que a recente conferencia de Londres imprimiu ao principio da arbitragem obrigatoria. É deste principio que depende a questão do desarmamento, ao qual está ligado o destino da paz pelo direito.

Permitam tambem que saude e que tome como sinal de bom agouro a presença de tantos membros do governo de varios países e ainda a representação de tantos homens illustres, alguns de nome mundial. Se a presença deles acentua o prestigio da S. N. ela prova tambem que esta se tem desenvolvido a ponto de hoje se impôr ás preoccupações de todos os homens de Estado.

Permitam-me, enfim, que saude a evolução que se desenha nas massas trabalhadoras e humildes, mesmo nos países mais refractarios ao apelo da grande e nobre ideia. Esta evolução é como que um soporo que vem do além. Não é de mais applicar-lhe a imagem grandiosa da Biblia: «L'esprit de Dieu planait sur les eaux».

E não é ousadia tambem esperar que, se nós não distinguimos agora mais do que uns velados raios da aurora, um dia virá em que os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos contemplarão em todo o seu brilho e esplendor a S. das N. que será o orgão das discussões publicas, o centro da cooperação solidaria e a garantia contra a violencia brutal.

Genebra, 1 de Setembro de 1924.

IRENE DE VASCONCELOS

Na Liga das Nações

A arbitragem e as razões que Herriot expõe em sua defesa

GENEVA, 6

Depois do discurso pronunciado ontem na assembleia da Liga das Nações pelo sr. Herriot, em que este se pronunciou a favor da arbitragem, aderindo ás ideias do sr. Mac Donald, lord Parmoor, em nome da Inglaterra deu o seu assentimento à proposta formulada pelo chefe do governo francês, segundo a qual será considerado Estado agressor aquele que se recusar a aceitar a arbitragem, no caso de qualquer conflito.

Em nome da Belgica, o sr. Theunis aderiu ás declarações dos srs. Herriot e Mac Donald, mas reclamou garantias militares, no caso de ser violado o pacto de arbitragem.

A assembleia

é partidaria da arbitragem

Falaram ainda os srs. Salandra e Benes, que, manifestando as intenções pacificas dos seus países, insistiram na necessidade de se estabelecer um pacto que garanta a segurança dos países que aderiram à Liga das Nações.

A assembleia aceitando a arbitragem, demonstrou a necessidade de garantir especialmente a segurança da França contra possíveis agressões.

Depois da sessão foi publicado um comunicado especial, declarando que as palavras pronunciadas pelo sr. Herriot sobre a entrada da Alemanha na Liga das Nações significavam que a França está disposta a votar a favor da sua entrada, desde que ela a solicite.—(L.)

Os acordos

particulares e negociaveis

O sr. Denès discursou na assembleia da Liga das Nações, demonstrando que os acordos particulares ou regionais perderão o seu caracter inquietante no dia em que as potencias contractantes reconhecerem oficialmente o principio da arbitragem obrigatoria.—(R.)

CINEMA CASINO DE PAREDE

O melhor e mais bem situado casino da linha de Cascais

(Epoca de 1924) Todas as noites baile

Quintas e domingos soirées cinematograficas

TODAS AS NOITES BAILE COM JAZZ-BAND

Esmerado serviço de restaurant e bufete

Fabrica de

Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.^a

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 18

Telefone n.º 1244

LISBOA

Manteiga fina da Madeira
das marcas

Burnay, Aguiar, Conceição e Aurea

As unicas marcas de manteiga garantidas pela sua pureza e pelo seu esmerado fabrico de absoluta honestidade de processos. A venda na

“FUNCHALIA”

VIEIRA E LOPES L.^{da}

Largo do Calhariz, 5 e 6—Tel. C. 1242 e na CASA «MANTEIGA BURNAY»

Rua dos Fanqueiros, 346-348

DESCONTOS AOS REVENDEDORES

FONSECAS, SANTOS & VIANA
BANQUEIROS

Estabelecidos em 1861

RUA DO COMERCIO, 116 a 132

Telegramas: SANVISE-LISBOA

TINTAS

ATLANTIC

MARCA REGISTRADA

PARA NAVIOS

e construção civil

T. do Corpo Santo, 21, 1.ª—Lisboa

Tel. C. 3127—Teleg. Warps

6 HORAS
DA
TARDE

ULTIMAS NOTICIAS

6 HORAS
DA
TARDE

A LUTA EM MARROCOS

OS

espanhoes

atravessam
em Tetuan
uma situação critica

LONDRES, 6.—Dizem de Tetuan que, na passada quinta-feira, a situação se apresentava muitíssimo difícil e perigosa. Dos 100.000 soldados da zona ocidental hespanhola, 60.000 estavam concentrados na região de Tetuan. As autoridades encontram a maior dificuldade em organizar uma força tão considerável, exactamente na ocasião em que os combates com os rebeldes se estão travando quasi sob os muros da cidade.

Os reforços recémchegados de Espanha vêm animados do melhor espirito militar, mas nem os oficiais têm pratica da guerra africana, nem os transportes garantem o bom aproveitamento dos elementos enviados pelo Directorio. Por outro lado, os serviços de administração militar são deficientissimos, devido principalmente á escassez de meios de transporte, de modo que o aprovisionamento e o municionamento das tropas em campanha deixam muito a desejar.

Os mortos e os feridos

As mortes sofridas pelo exercito de operações são muito numerosas, e os feridos que são também em grande numero, só tardiamente e depois de muitos sofrimentos conseguem ser devidamente hospitalizados. A malária está lavrando com violencia entre os soldados, especialmente no vale de Wad-Lau, onde o numero de praças atacadas de febre é muito considerável.

A evacuação dos feridos é muito lenta e demorada, só podendo ser internados no magnifico hospital de Tetuan, que tem alojamento para 1.000 pessoas, depois de um dia ou dois duma marcha penosa e difficil, realisada através de montanhas escarpadas e sob a fuzilaria do inimigo.

Os hospitais de Ceuta estão repletos de feridos e doentes que esperam transporte para Espanha.

Um comboio aprisionado

A posição de Sheshua, a 40 milhas ao sul de Tetuan está absolutamente desprovida de viveres e munições e o ultimo comboio de socorro que lhe foi enviado, foi aprisionado pelos rebeldes, ao regressar ao acampamento, tendo ficado em poder dos mouros todos os carros automoveis que o compunham.

Além disso, os mouros têm-se apoderado de varias posições hespanholas, cuja perda, os comunicados officiais publicados em Espanha não mencionam. O inimigo capturou recentemente grande numero de canhões e de espingardas, bem como grande quantidade de munições, e o arrojo e audacia dos rifenhos é tanta que, no dia 1 do corrente, vieram atacar as tropas hespanholas nas margens do rio, a uma ou duas milhas de Teutan, tendo as tropas da guarnição da cidade de sair em socorro da columna atacada.

A situação é grave

Para a parte ocidental de Tetuan, os mouros conseguiram cortar completamente as comunicações, estando toda aquela região perfeitamente isolada, e não podendo haver a menor confiança na lealdade das tribus que habitam todo o territorio, imediatamente ao norte da quella cidade.

As autoridades de Tetuan estão desenhando grande actividade para pôr termo a esta precaria situação, mas os meios de que dispõem são os menos adequados á consecução do fim proposto. E muito embora seja inteiramente impossivel aos mouros apoderar-se da cidade, a verdade é que a situação é extremamente grave.

MARIO MONTEIRO

ADVOGADO

COM AGENTES NO BRASIL

Consultas das 10 às 11 e das 15 às 17.

R. DOS FANQUEIROS, 114

POLITICA NAVAL

O periplo

de Africa

será iniciado em breve
por uma divisão naval portuguesa

Já não é primeira vez que os jornais têm salientado a falta de ligação que existe entre a Metropole e as colonias portuguesas.

Não se compreende, realmente, que sendo o nosso paiz a terceira potencia colonial, viva quasi completamente divorciado dos seus extensos dominios ultramarinos.

E pergunta-se para que nos serve a marinha de guerra, se não for utilizada para a vigilancia da pesca e como agente de ligação entre Portugal e os seus vastissimos territorios de além-mar.

O primeiro problema, posto que não esteja ainda inteiramente resolvido, em contraz-se, no entanto, a caminho de uma solução que deve pôr a nossa riqueza piscatoria a coberto de qualquer invasão dos nossos legítimos direitos, por parte dos «pesqueros» hespanhoes.

As vantagens do periplo

Para a solução do segundo problema, dar-se-ha um grande passo, com a proxima viagem da divisão colonial que vai fazer o periplo de Africa.

O sr. comandante Pereira da Silva, que tem exercido com notavel brilho o alto cargo de ministro da Marinha, encaminhou inteligentemente a sua acção, dentro da quelle ministerio, para o melhor aproveitamento das nossas forças navais.

Quando hoje o interrogamos acerca das vantagens que resultarão da proxima viagem da divisão naval, o illustre titular da pasta da Marinha respondeu-nos o seguinte:

—A minha preocupação dominante tem sido, no exercicio das funções do meu cargo, procurar imprimir a maior actividade possível ás forças em serviço da Armada.

—A maneira de o conseguir...

—Evitando largas permanências de navios da marinha de guerra em portos, e muito especialmente no porto de Lisboa, por compreender a influencia deprimente que tem a ociosidade no moral das guarnições. Conjugando este conceito com o intento de dar sempre uma forma concreta e objectiva ao exercicio da actividade naval, realisaram-se nos meses de verão exercicios de ordem tatica, com todas as nossas forças disponíveis: de superficie, submarinas e aereas.

—E os navios continuam todos em completo armamento?

—Não, senhor! Terminados os exercicios, já hoje foram internados nos nossos «destroyers» e torpedeiros em docas, onde ficarão durante o inverno, a meio armamento e com as guarnições reduzidas. As economias resultantes em combustivel e pessoal permitem-me realizar o periplo de Africa por meio de uma pequena divisão naval constituída pelo cruzador «Republica», pelas canhoneiras «Ibo», «Beira» e «Bengo» e pelo transporte «Gil Eanes».

—Qual é o objectivo dessa viagem?

—Primeiro: treinar officiais, aspirantes com o curso concluido, s... e

praças na dura vida do mar e em prolongada navegação. Segundo: identificar os nossos officiais e o pessoal da Armada com as nossas colonias, quer no que se refere ao conhecimento dos litorais africanos, quer das vias fluviais, encarando os nossos portos ultramarinos pelo seu aspecto comercial, pela sua importancia para a guerra e para pequenas operações de guerra mesmo possíveis em tempo de paz—para reprimir provaveis rebeliões indigenas. E' para o recto cumprimento deste meu intento que faz parte da divisão colonial o transporte «Gil Eanes», conduzindo uma larga reserva de carvão, e, se for possível, um hidroavião para reconhecimento fotografico e observações dos litorais maritimos e fluviais das nossas colonias africanas.

—A que criterio obedeceu o facto de fazerem parte da divisão três canhoneiras de modesto deslocamento?

—Muito simples: foi para tornar o periplo mais longo e mais difficil, aumentar as preocupações dos comandos e, assim, obrigar todos os chefes ao exercicio intelectual de resolver dificuldades que na guerra são frequentes em todas as operações de grande ou pequena envergadura. Quer um exemplo? Quando a divisão partir da Baía dos Tigres para dobrar o Cabo da Boa Esperança, as condições de tempo não são indifferentes e terão que ser pesadas maduramente, escolhendo-se os momentos oportunos para que essa «etapa» do periplo se realice com a necessaria precisão.

O itinerario

—Quando largará de Lisboa a divisão?

—Talvez em meados de Outubro, por ser a época mais favoravel.

—O itinerario da viagem...

—Em primeiro lugar, tocará na Madeira, onde será montado um posto radio-telegrafico de onda continua para comunicar com Lisboa. Dirige-se depois para Cabo Verde, largando em seguida ao longo das costas da Africa Ocidental e ilhas de S. Tomé e Príncipe. Na Baía dos Tigres, fará exercicios de tiro ao alvo e serão todos os navios abastecidos de carvão pelo «Gil Eanes». Segue depois para o Cabo da Boa Esperança, contornando a Costa Oriental até Lourenço Marques. A divisão percorrerá todos os portos e rios que nos interessam, dirigindo-se depois para o norte. Tocará em Zanzibar, atravessando em seguida o Mar Vermelho. Demorar-se-ha em Port Said, Argel, Gibraltar, e, finalmente, Lagos, onde fará um curto estacionamento, regressando em seguida a Lisboa.

—Quando conta o sr. ministro que esteja de regresso?

—Em meados de Abril ou principios de Maio. São sete meses de serviço fora do porto de Lisboa, com mais de 10.000 milhas de navegação e com grande numero de derrotas para todo o pessoal que constitue as guarnições dos cinco navios que compõem a divisão.

A TARDE POLITICA

JA'

não cahe

outra vez
o governo

Rodrigues Gaspar

O sr. Rodrigues Gaspar, a quem nós ontem, por equívoco demos como fisionomicamente parecido com Lénine, quando o actual presidente do ministerio é quasi o retrato de Trotsky, reuniu hoje de novo em conselho de ministros, logo ás primeiras horas da manhã,

O conselho durou até ás 2 horas da tarde e o sr. Rodrigues Gaspar, que é um dos nossos politicos mais graciosos e *blagueurs*, mandou fornecer á imprensa a seguinte nota officiosa, que vale um poema do velho mestre Antonio Diniz da Cruz e Silva:

«Reuniu, em sessão ordinaria, o conselho de ministros, tratando varias questões de expediente pendentes das diferentes pastas e que serão submetidas á assinatura presidencial de hoje.

O sr. presidente do ministerio deu conhecimento ao conselho duma moção que lhe foi comunicada pelo directorio do P. R. P.»

E ficou tudo na mesma!

Em resumo o que se passou no conselho foi isto, salvo erro. Postas as cartas na mesa, e parece que foi o sr. ministro do trabalho quem o fez em nome da Acção Republicana, o sr. Daniel Rodrigues fez jogo franco e declarou que sobre o caso dos tabacos não cairia nem a mão de Deus Padre. Que isso era uma questão de honestidade governativa e que tendo elle procedido dentro das normas da mais estrita correcção, não ia dar o flanco á intriga dando mostras do contrario. Foi então que o sr. Rodrigues Gaspar, alargando um pouco os franizados da testa declarou que a attitude dos rapazes não era questão de maior monta, e que estando fechado o Parlamento, o Directorio não tinha nada com a vida do governo. Se o Directorio não estava contente que convocasse as Camaras pelos meios legais e lá então se ajuntariam as contas.

E assim se combinou por unanime accordo dos presentes...

E agora? Agora fica tudo na mesma e continua a luta entre os dois agrupamentos democraticos, podendo, no entanto, afirmar-se que o governo não só se não considera em crise, como só está disposto a cair em S. Bento.

Iremos assim para a convocação imediata do Congresso? Afirmaram-nos esta tarde que sim e marcava-se até o dia 22 deste mês para tal. Achamos cedo de mais, mas registamos o boato. A's vezes o diabo tece-as e ninguém gosta de ficar vencido pelo ridiculo. Possivelmente, portanto, a facção esquerdista tomará o rumo de S. Bento, para o ataque decisivo. Pelo menos, era isto o que, sem reboço, se afirmava hoje, após a leitura da nota officiosa fornecida aos jornalistas.

"O Jornal Luminoso"

No telhado do predio n.º 93 do Rossio voltou a funcionar o placard luminoso, onde são exibidos anuncios das principais casas de Lisboa.

O texto dos anuncios deve ser enviado até ás 4 horas da tarde, não devendo cada um exceder 5 linhas de 17 letras, contando como tais os espaços.

DE LUTO

D. Maria Isabel de Abreu

Faleceu hoje a senhora D. Maria Izabel de Abreu, mãe dos srs. Manuel Pedro de Abreu, Joaquim Tomás, José Tomás e Julio Tomás. O enterro realisa-se amanhã, ás 15 horas, da travessa do Castro, 13, r/c., para o cemiterio da Ajuda.

PROPRIETARIOS

de machinas de escrever

Defendam os milhares de escudos, que vale hoje a sua machina, mandando-a revisar ás nossas oficinas que são as unicas no seu genero

EMPRESA RECONSTRUCTORA DE MACHINAS DE ESCRIVER, L. DA

(Defronte do Limoeiro)

SÉDE NA S. PROPRIEDADE

LARGO DE S. MARTINHO, 8 a 11

Telef. C-3081

FILIAL

R. DOS RETROZEIROS, 58

Telef. C-1020